



GUIA

das Equipas de Nossa Senhora



Edição 2018

DOCUMENTO OFICIAL ENS



Equipas de Nossa Senhora

GUIA DAS

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

EQUIPA RESPONSÁVEL INTERNACIONAL

Edição 2018

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1 - AS ORIGENS	9
1.1 AS ORIGENS.....	9
1.2 O PADRE CAFFAREL.....	10
2 - DOCUMENTOS DE REFERÊNCIA DO MOVIMENTO.....	132
2.1 A CARTA.....	132
2.2 DOCUMENTOS COMPLEMENTARES.....	132
2.3 O RECONHECIMENTO DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA.....	154
3 - FINALIDADE E PROPOSTA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA.....	165
3.1 FINALIDADE	165
3.1.1 Porquê “Equipa” ?	176
3.1.2 Porquê “Equipa de Nossa Senhora” ?	176
3.2 PROPOSTA.....	176
3.2.1 Comunidade de Casais Cristãos.....	176
3.2.2 Em comunhão com a Igreja Católica	18
3.2.3 As Equipas inseridas no mundo.....	19
3.2.4 Os Sinais dos Tempos	19
4 - O ESPÍRITO DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA	221
4.1 “VEM E SEGUE-ME”.....	221
4.2. O CARISMA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA.....	221
4.3 A MÍSTICA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA.....	243
4.3.1 Reunidos em nome de Cristo	243
4.3.2 A ajuda mútua	243
4.3.3 O testemunho.....	276
5 – A PEDAGOGIA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA	27
5. 1 AS ORIENTAÇÕES DE VIDA	28

5.2 OS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO (PCE).....	310
5.2.1 A Escuta da Palavra de Deus.....	321
5.2.2 Meditação.....	332
5.2.3 A Oração Conjugal e Familiar	34
5.2.4 O Dever de se Sentar	354
5.2.5 A Regra de Vida	35
5.2.6 O Retiro Anual	36
5.3 UMA VIDA DE EQUIPA.....	37
5.3.1 Reunião mensal da equipa	38
5.3.2 Reunião de balanço	443
5.3.3 A vida de equipa fora da reunião mensal.....	454
5.3.4 O compromisso.....	45
5.3.5 A quotização / Contribuição.....	45
6 – A VIDA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA COMO MOVIMENTO ORGANIZAÇÃO	47
6.1 O ESPÍRITO DA ORGANIZAÇÃO	47
6.2 A EQUIPA.....	48
6.2.1 O casal responsável	49
6.2.2 O Conselheiro Espiritual	49
6.3 INSTÂNCIAS DE RESPONSABILIDADE E DE ANIMAÇÃO.....	521
6.3.1 O Sector	53
6.3.2 A Região.....	54
6.3.3 A Província.....	54
6.3.4 A Supra-Região	55
6.3.5 A Zona.....	57
6.3.6 A Equipa Responsável Internacional (ERI).....	58
6.3.7 O Colégio Internacional	59

6.3.8 Casos Particulares.....	610
6.3.9 Estruturas Intermédias Temporárias.....	610
7 – A VIDA DAS EQUIPAS de NOSSA SENHORA COMO MOVIMENTO FUNÇÕES.....	632
7.1 ANIMAÇÃO ESPIRITUAL.....	632
7.1.1 Encontros de Sector, Região, Província e Supra-Região.....	63
7.1.2 Encontros Internacionais.....	63
7.2 LIGAÇÃO.....	64
7.3 FORMAÇÃO.....	65
7.3.1 Características.....	66
7.3.2 Plano de formação.....	67
7.3.2.1 Formação Inicial.....	68
7.3.2.2 Formação Permanente.....	710
7.3.2.3 Formação Específica.....	72
7.3.3 Formação para o acompanhamento de actividades exteriores.....	74
7.4 DIFUSÃO.....	75
7.4.1 A Difusão propriamente dita.....	76
7.4.2 A Informação.....	76
7.4.3 A Expansão.....	77
8 – A VIDA DAS EQUIPAS de NOSSA SENHORA COMO MOVIMENTO SERVIÇO / RESPONSABILIDADE.....	78
8.1 APELO AO SERVIÇO.....	78
8.2 ETAPAS DO APELO.....	79
8.3 O EXERCÍCIO DA RESPONSABILIDADE E DA COLEGIALIDADE.....	821
8.4 INTERNACIONALIDADE.....	84
9 - A MISSÃO.....	86
9.1 VOCAÇÃO E MISSÃO.....	86

9.2 MISSÃO DOS EQUIPISTAS.....	87
9.2.1 Missão no Movimento.....	89
9.2.2 Missão na Igreja.....	89
9.2.3 Missão no mundo.....	90
9.3 MISSÃO DO MOVIMENTO.....	91
10 – OS INTERCESSORES	93
10.1 A RAZÃO DE SER DOS INTERCESSORES.....	94
10.2 QUE É A INTERCESSÃO ?	94
10.3 COMO VIVER A INTERCESSÃO ?	95
10.4 A ANIMAÇÃO DA INTERCESSÃO	94
11 - DOCUMENTOS FUNDAMENTAIS DAS ENS.....	96
11.1 TEXTOS DE REFERÊNCIA	96
11.2 DOCUMENTOS SOBRE A PEDAGOGIA DO MOVIMENTO.....	96
11.3 DOCUMENTOS SOBRE A VIDA DO MOVIMENTO.....	97
11.4 LIVROS E TEXTOS DO E SOBRE O PADRE CAFFAREL	98

DOCUMENTAÇÃO ANEXA

ANEXO 1 - A CARTA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA - 1947	99
ANEXO 2 - O QUE É UMA EQUIPA DE NOSSA SENHORA ? - 1977	111
ANEXO 3 – DISCURSO DE CHANTILLY : O CARISMA FUNDADOR DAS ENS -1987	118
ANEXO 4 - O SEGUNDO FÔLEGO - 1988	140
ANEXO 5 - VOCAÇÃO E MISSÃO NO LIMIAR DO TERCEIRO MILÊNIO - 2018.....	155
ANEXO 6 – 1º RECONHECINTO DAS ENS PELA IGREJA : CARTA DO CARDEAL	
..... FELTIN – 1960	175
ANEXO 7 - DECRETO DE RECONHECIMENTO DAS ENS - 1992	181
ANEXO 8 - DECRETO DE RECONHECIMENTO DAS ENS E APROVAÇÃO DOS SEUS ESTATUTOS CANÓNICOS - 2002	181
ANEXO 9 - ESTATUTOS CANÓNICOS DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA - 2014	184

INTRODUÇÃO

Os casais cristãos, unidos pelo Sacramento do Matrimônio, são chamados a seguir Cristo no caminho do Amor, da Felicidade e de Santidade. As Equipas de Nossa Senhora (ENS), dom do Espírito Santo, são oferecidas aos casais do mundo inteiro para os ajudar a desenvolver e viver plenamente as riquezas do seu sacramento do Matrimônio através duma pedagogia própria, com vista à sua santificação.

O Guia das Equipas de Nossa Senhora, publicado em 2001 pela Equipa Responsável Internacional (ERI), depois da aprovação do Colégio Internacional, apoiou-se no conjunto de documentos oficiais anteriormente publicados, a saber: “A Carta”; “O que é uma Equipa de Nossa Senhora” e “O Segundo Fôlego.”

Entretanto, o Movimento desenvolveu-se muito, obrigando a alterações importantes na sua organização e estruturas, necessárias ao bom funcionamento das equipas base e ao apoio de todos os equipistas.

A aprovação definitiva dos Estatutos Canónicos das Equipas de Nossa Senhora, em julho de 2002, por decreto do Conselho Pontifício dos Leigos, foi também um marco muito importante na vida do Movimento.

Também, a promulgação dum novo documento “Vocação e Missão das ENS no limiar do terceiro milénio”, dando uma relevância especial à missão dos casais e do Movimento como um todo na Nova Evangelização, acentuou a necessidade de atualizar o Guia das ENS.

A 2ª versão do Guia das Equipas de Nossa Senhora (Edição 2018) tem, portanto, o objetivo de atualizar e completar o documento publicado em 2001 e permitir assim às Equipas de Nossa Senhora ir mais além com confiança e audácia na fidelidade ao carisma fundador.

A 2ª versão do Guia das ENS, depois de uma pequena introdução, apresenta a seguinte estrutura:

- Os dois primeiros capítulos reportam às origens das ENS: Padre Henri Caffarel, a Carta e outros documentos de referência;
- O capítulo três foca a razão de ser das ENS e da sua proposta;

- Nos capítulos quatro a nove são apresentados os quatro pilares fundamentais que sustentam e caracterizam o Movimento: O Espírito das ENS, a sua Pedagogia, a Vida das Equipas de Nossa Senhora como Movimento, e por fim a Missão;
- No capítulo dez é feita uma referência aos Intercessores;
- No capítulo onze elencam-se os documentos de referência em vigor nas Equipas de Nossa Senhora e que estão à disposição de todas as estruturas e equipistas do Movimento;
- Para terminar, e em anexo, são inseridos todos os textos dos documentos de referência e dos decretos de reconhecimento das Equipas de Nossa Senhora pelo Conselho Pontifício para os Leigos, bem como os seus Estatutos Canónicos em vigor.

1 - AS ORIGENS

1.1 AS ORIGENS

As Equipas de Nossa Senhora (ENS) nasceram de uma maneira muito simples: em 1938, quatro jovens casais cristãos comprometidos querem viver o seu amor à luz da sua fé. Dirigem-se a um jovem sacerdote de Paris, o Padre Henri Caffarel, para os guiar nesta busca, obtendo dele a seguinte resposta: “*Procuremos juntos*”.

Em 25 de fevereiro de 1939, estes quatro casais têm a primeira reunião com o Padre Caffarel em Paris, seguida de outros encontros. Nesse dia e dessa forma nasce a primeira equipa do Movimento.

Durante a 2ª guerra mundial (1939-45) numerosas equipas são formadas, a reflexão é alargada e aprofundada. A revista “*L’Anneau d’Or*¹” nasce e as experiências vividas neste caminho de espiritualidade são transmitidas a outros casais.

Em 1947, terminada a guerra, os grupos de casais multiplicam-se.

O Padre Caffarel teme que “*os casais sejam tentados a um certo relaxamento, na euforia da paz reencontrada e no conforto das velhas amizades confortáveis. Havia uma crise ...*”.

“O que seria necessário fazer para que a crise dos nossos grupos pudesse resultar em fator de progresso? Procurei descobrir uma explicação para o facto de que a santidade nunca deixou de florescer e reflorescer nas ordens religiosas ao longo dos séculos, apesar das crises exteriores e interiores e compreendi que um dos fatores essenciais da solidez e da vitalidade dessas ordens era a sua Regra.

Porquê, perguntei-me então, não propor uma regra aos cristãos casados, desejosos de um progresso espiritual? Não uma regra de monges, mas uma regra para leigos casados.”

(Vocação e Itinerário das Equipas, Henri Caffarel – Roma 1959)

A partir da inspiração e da reflexão do Padre Caffarel com os primeiros

¹ Revista periódica de espiritualidade conjugal e familiar, fundada pelo Padre Caffarel em 1945 (edição de Feu Nouveau), publicada até Nov/Dez 1967 (138 números).

membros dos “Grupos Caffarel” vai-se desenvolvendo de forma progressiva um método comum para os casais desejosos de viver o seu amor mais profundamente enraizado em Cristo.

Novos Grupos se formam, o seu número cresce e uma organização é criada pouco a pouco. O Padre Caffarel e os responsáveis do Movimento elaboram então, sustentados pela oração, um documento fundador intitulado a “**Carta das Equipas de Nossa Senhora**”, a qual contém o essencial da “*Regra*” do Movimento. Essa Carta foi promulgada no dia 08 de dezembro de 1947, na Igreja de Saint Augustin, em Paris.

Graças à Carta, as ENS desenvolvem-se rapidamente em França, na Bélgica e na Suíça e atravessaram as barreiras da língua e dos oceanos, chegando ao Brasil em 1950. A expansão das ENS no exterior de França exige uma escolha entre duas opções: ser uma federação de movimentos nacionais paralelos ou ser um só movimento internacional. Após uma reflexão profunda, a segunda opção foi escolhida e as Equipas de Nossa Senhora passaram a ser um Movimento Internacional.

1.2 O PADRE CAFFAREL

O reconhecimento oficial da Igreja é, de alguma maneira, uma consagração da obra considerável do Padre Caffarel e dos casais com quem ele caminhava. O nosso fundador morreu no dia 18 de setembro de 1996, em Troussures, em França, com a idade de 93 anos.

A missão do Padre Caffarel, desde a origem das Equipas, é fundamentada no desejo de transmitir aos outros a alegria de entrar no interior da luz de Deus; “*O essencial é descobrir Cristo.*” Para ele, os cristãos casados devem procurar Deus; devem aprender como, a exemplo de Cristo, servir Deus na sua vida e no mundo. A santidade, realização do amor conjugal e do amor de Cristo, constitui a vocação dos casais das ENS.

A pedagogia das Equipas de Nossa Senhora, ancorada nos pontos concretos de esforço, tem por missão ajudar os casais no seu caminho de fé ao encontro de Cristo. As orientações de vida que daí decorrem contribuirão para o serviço de Deus no mundo.

Associar, no seio do Movimento, o Sacramento da Ordem ao do Matrimónio foi outra intuição forte do Padre Caffarel: O padre, “*que torna Cristo presente como cabeça da comunidade*” (Sínodo dos Bispos 1971), vai ajudar a equipa a não perder de vista a sua verdadeira finalidade (Carta das ENS -1947); (O que é uma Equipa de Nossa Senhora - 1977).

O Movimento das Equipas de Nossa Senhora deve ao Padre Caffarel o privilégio de ter dado aos casais o sentido profundo do Sacramento do Matrimónio, de lhes ter permitido descobrir o valor e a riqueza das pequenas comunidades cristãs e de lhes ter mostrado o caminho da contemplanção nas suas vidas cheias de atividade.

“*Uma das maiores figuras dadas por Deus à sua Igreja neste século*”.
(Cardeal Lustiger, 27/09/96)

A sua missão ao serviço dos casais foi, a partir de 1948, completada pela criação e animação do “Agrupamento Espiritual das Viúvas” que tomou mais tarde a designação “Fraternidade de Nossa Senhora da Ressurreição: “*Ele guiou as viúvas: o amor é mais forte que a morte.*” (Oração para a canonização do Padre Caffarel).

Como o Padre Henri Caffarel colocava a oração no primeiro plano da atividade humana e pensava que um Movimento de espiritualidade conjugal como as ENS não podia passar sem orantes, ele lançou em 1956 um apelo a voluntários para que nascesse uma grande cadeia de oração, tendo como vocação particular interceder pelos casais e famílias. Foi o nascimento dos «Vigilantes», que se chamam hoje «Os Intercessores».

A abertura da Causa para a Canonização do Padre Caffarel foi anunciada oficialmente durante o X Encontro Internacional de Lourdes, a 18 de setembro de 2006; e a cerimónia de encerramento do Inquérito Diocesano da Causa de Canonização foi realizada em outubro de 2014, na Igreja S. Augustin, em Paris.

Em novembro de 2014, toda a documentação do Inquérito Diocesano sobre o Padre Caffarel foi depositada em Roma, na Congregação para a

Causa dos Santos. Após a verificação, a Congregação assinou, em outubro de 2015, o Decreto de Validação do Inquérito, que abre a segunda etapa do processo de canonização, com a redação da Causa, a **Positio**.

2 - DOCUMENTOS DE REFERÊNCIA DO MOVIMENTO

2.1 A CARTA

Os princípios fundadores da Carta foram elaborados a fim de assegurar a fidelidade à inspiração original do Movimento e de fazer propostas concretas às equipas. Estamos hoje em condições de julgar o efeito de uma tal decisão e de realizar como ela foi essencial para o desenvolvimento do Movimento.

Com a publicação da Carta aparece a denominação definitiva do Movimento: **“Equipas de Nossa Senhora”**. Os *“Grupos Caffarel”* existentes são convidados a aderir e a entrar para as Equipas de Nossa Senhora.

A **Carta**, escrita em 1947, na linguagem da época, permanece como o documento fundamental de referência e a pedra angular do Movimento. Várias modificações foram feitas no documento de origem, ao longo dos anos, para chegar à versão final publicada em maio de 1972 (anexo 1), data que coincide com a saída do Padre Caffarel à frente do Movimento.

A Carta tornou-se o nosso património comum. Hoje, inspirados pelo mesmo ideal e utilizando os mesmos métodos para tentar cumpri-lo, milhares de casais em todo o mundo, falando diferentes línguas e tendo culturas diversas, descobrem, através do seu Matrimónio, a riqueza de um amor de Deus mais profundo.

Só depois de vários anos da elaboração da Carta, o Padre Caffarel, homem prudente, afirmava: *“Devo reconhecer que na criação das Equipas houve alguma coisa mais do que a minha própria inspiração e a inspiração dos casais; houve uma inspiração do Espírito Santo”*.

2.2 DOCUMENTOS COMPLEMENTARES

Outros documentos complementares foram surgindo:

“O que é uma Equipa de Nossa Senhora?” (1977) é um complemento à Carta e redefine o ideal e os métodos do Movimento numa apresentação atualizada que desenvolve o conceito da equipa como comunidade (anexo 2).

O Discurso do Padre Caffarel intitulado “**O Carisma Fundador das ENS**” (anexo 3) durante o Encontro de Responsáveis Regionais da Europa em Chantilly (1987), onde esteve como convidado, deve ser considerado como uma referência para o Movimento. Ele começa por indicar o que é o carisma fundador, exprimindo em seguida o que foi bem assimilado e fazendo uma síntese dos principais acontecimentos.

“**O Segundo Fôlego**” (1988) tem por objetivo ajudar as equipas a encontrar novos motivos de encorajamento e orientações para viver as inspirações das Equipas de Nossa Senhora, com a esperança e a vitalidade de um segundo fôlego (anexo 4). Este documento pretende também aprofundar alguns aspetos do carisma das ENS que não tinham sido até então redigidos com a clareza necessária; particularmente a abnegação inspirada pelo amor, o sentido humano e cristão da sexualidade e a missão das ENS na Igreja e no mundo.

Pela graça e sob a inspiração do Espírito Santo, a renovação do Movimento prossegue. Na oração e na reflexão, os membros da Equipa Responsável Internacional decidiram elaborar um Guia sobre o Movimento, baseado na riqueza dos documentos anteriores.

Na sua Carta Apostólica “*Tertio Millennio Adveniente*”, o Papa João Paulo II lembra que na história da Igreja, o “*velho*” e o “*novo*” aparecem sempre entrelaçados entre si. O “*novo*” surge do “*velho*”; o “*velho*” encontra no “*novo*” uma explicação mais plena. Foi considerando essas palavras do Papa que foi concebido e elaborado o documento “**O Guia das Equipas de Nossa Senhora**” (1ª edição 2001).

O documento “**Vocação e Missão das ENS, no limiar do terceiro Milénio**” (2018) é o fruto da dinâmica sinodal querida e implementada nas Equipas de Nossa Senhora e com ele se procura dar resposta à exortação do Papa Francisco dirigida à Igreja universal para “*uma nova etapa evangelizadora*” (cf. EG 1), convidando à disponibilidade para o Envio do Senhor “*Eis me aqui Senhor; Envia-me*” (Is 6, 8).

O Movimento sentiu necessidade de refletir sobre o assunto, elaborando um documento (anexo 5) que ajude os casais, que são continuamente confrontados com situações novas, a manter a sua fidelidade ao sacramento

do Matrimônio e ao carisma das Equipas de Nossa Senhora, mas também a responder aos desafios do mundo atual.

O desenvolvimento que o Movimento teve nos últimos anos, que obrigaram a implementar novas estruturas, e os novos desafios pastorais emanados das exortações apostólicas do Papa Francisco “*Evangelii Gaudium*” e “*Amoris Laetitia*”, motivaram a necessidade de atualização do **Guia das Equipas de Nossa Senhora**.

O presente Guia (edição 2018) regula, sob a forma de normas internas, as condições de vida do Movimento e dos seus membros. Constitui uma referência em matéria de funcionamento do Movimento e não poderá ser modificado senão pela ERI, após consulta ao Colégio Internacional.

2.3 O RECONHECIMENTO DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

O Movimento das Equipas de Nossa Senhora recebeu o primeiro reconhecimento oficial da Igreja em 1960, através de uma carta do Cardeal Feltin, Arcebispo de Paris (anexo 6).

Em 1975, o reconhecimento das Equipas de Nossa Senhora como Associação Católica Internacional foi-lhe conferido pelo Conselho Pontifício para os Leigos. Em 1992, é publicado pelo Conselho Pontifício para os Leigos um Decreto de Reconhecimento das Equipas de Nossa Senhora como uma Associação de Fiéis de Direito Privado (anexo 7).

Finalmente, em julho de 2002, o Conselho Pontifício para os Leigos decretou (anexo 8):

- A confirmação do reconhecimento do Movimento das Equipas de Nossa Senhora como Associação Internacional privada de fiéis, dotada de personalidade jurídica;
- A aprovação definitiva dos Estatutos Canónicos das Equipas de Nossa Senhora.

Em 25 de março de 2014, o Conselho Pontifício para os Leigos aprovou as modificações propostas pela ERI dos artigos 1, 4, 6.7 e 8, incluídas na nova versão dos Estatutos Canónicos (anexo 9) autenticadas por aquele Conselho.

3 - FINALIDADE E PROPOSTA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

3.1 FINALIDADE

A razão de ser das Equipas de Nossa Senhora é ajudar os casais a viverem plenamente o seu sacramento do Matrimónio e a viver uma espiritualidade conjugal.

“As Equipas de Nossa Senhora têm por objetivo essencial ajudar os casais a caminhar para a santidade. Nem mais, nem menos”.

(Padre Caffarel)

As Equipas de Nossa Senhora, movimento de espiritualidade conjugal da Igreja Católica, são constituídas por casais cristãos unidos pelo sacramento do matrimónio, que aderem com o propósito de pôr em prática os objetivos e os métodos do Movimento.

Os casais das Equipas de Nossa Senhora pretendem:

- Permanecer fiéis às promessas de seu batismo;
- Colocar Cristo no coração das suas vidas;
- Construir a sua vida conjugal e familiar com base no Evangelho;
- Levar ao mundo a mensagem de Cristo;
- Dar testemunho dos valores cristãos na sua vida social e profissional;
- Fazer das suas atividades uma colaboração com Deus e um serviço aos outros;
- Promover o casamento e a vida de família na sociedade;
- Caminhar ao lado da Igreja, dando-lhe um apoio ativo.

Os casais das ENS contam com a ajuda daqueles que partilham o seu ideal e comprometem-se a *“fazer equipa”*, porque conhecem a dificuldade de viver como casais cristãos e porque estão conscientes da própria fraqueza e da insuficiência de seus esforços.

Através do seu exemplo, os casais das Equipas de Nossa Senhora querem ser um testemunho do casamento cristão na Igreja e no mundo.

3.1.1 Porquê “Equipa”?

- Porque a palavra “*equipa*” exprime claramente o espírito e a unidade necessária para a busca de um objetivo comum;
- Porque os casais das ENS querem fazer em conjunto os seus esforços, ajudando-se mutuamente e preocupando-se uns com os outros, bem como o seu progresso espiritual e humano.

3.1.2 Porquê “Equipa de Nossa Senhora”?

O Movimento é colocado sob a proteção de Maria, porque ela conduz a Cristo que é o centro da vida espiritual dos casais. Pela sua submissão à vontade de Deus, Maria é para eles um exemplo perfeito de disponibilidade e docilidade ao Espírito Santo.

3.2 PROPOSTA

As Equipas de Nossa Senhora desejam ajudar os casais unidos pelo sacramento do matrimónio a viver plenamente segundo o Evangelho, com o apoio dos membros de uma equipa e a força de todo um Movimento Internacional

3.2.1 Uma Comunidade de Casais Cristãos

As Equipas de Nossa Senhora propõem a cada casal:

- Valores para viver como casal cristão no mundo de hoje, segundo os ensinamentos de Cristo;
- Orientações de vida para ajudar a progredir gno amor de Deus e dos outros;
- Meios de aperfeiçoamento que conduzam ao aprofundamento da fé e a uma melhor vida em casal;

- Vida em equipa, comunidade de casais cristãos unidos pelo sacramento do matrimónio, assistida por um padre conselheiro espiritual;
- Ajuda mútua fraterna, ao mesmo tempo espiritual, humana e material;
- Oportunidade de estudar e de refletir juntos, para ajudar a formar uma consciência pessoal e de casal;
- Organização para promover a animação, ligação e formação, com vista a obter a unidade na internacionalidade do Movimento.

Uma Equipa de Nossa Senhora é, portanto, uma comunidade de casais unidos pelo sacramento do Matrimónio. Ela reúne-se “*em nome de Cristo*” e quer ajudar os seus membros a melhor responder ao apelo do Senhor.

A presença dum padre no seio dos casais na vida da equipa não é somente a de conselheiro espiritual, pois ele cumpre também a sua função sacerdotal. Ele torna presente Cristo como cabeça do Corpo Místico, sinal e lembrança da proximidade de Deus que se interessa pela nossa vida.

“O longo caminho percorrido pelas ENS em todo o mundo à luz do Concílio Vaticano II tem permitido perceber que padres e leigos podem ajudar-se mutuamente a progredir no conhecimento do mistério de Cristo. Por um lado, os padres acompanham os casais no difícil discernimento que estes são chamados a fazer diariamente e por outro lado, a presença dos casais que rezam e se amam ajuda os padres a exercer o seu ministério com mais dinamismo e profundidade.”

(O Padre Conselheiro e o Acompanhamento Espiritual nas Equipas de Nossa Senhora – março 2017)

Por isso, nas Equipas, fala-se na complementaridade dos dois sacramentos: Matrimónio e Ordem.

Em setembro de 2015, durante a audiência com os Responsáveis das Equipas de Nossa Senhora, o Papa Francisco afirmou:

“Agradeço-vos, caros casais das ENS, porque sois um suporte e um encorajamento no ministério dos vossos padres que encontram sempre, no contacto com as vossas equipas e vossas famílias, uma alegria sacerdotal, uma presença fraterna, um equilíbrio afetivo e uma paternidade espiritual.”

3.2.2 Em comunhão com a Igreja Católica

As Equipas de Nossa Senhora encorajam os seus membros a aprofundar, em equipa, o amor pela Igreja e a ajudar-se mutuamente para se tornarem membros ativos do Povo de Deus.

O Papa João Paulo II deu prioridade na ação pastoral do seu pontificado ao **ecumenismo**, com a publicação da Carta Encíclica *“Ut unum sint”* e com medidas concretas para restaurar a unidade e a comunhão entre os cristãos. Segundo o próprio Papa, é necessário fazer um caminho de purificação da memória histórica de séculos de confrontações, divisões e até mesmo de grandes cismas.

As Equipas de Nossa Senhora, caminhando ao lado da Igreja, não podem ficar indiferentes a este apelo do Santo Padre e aos desafios lançados. Assim, o Movimento está aberto a receber, nas suas equipas, casais cujo sacramento do matrimónio é misto, desde que um dos cônjuges seja católico, podendo o outro professar uma outra religião, principalmente nos países em que a religião católica não é a predominante.

Em muitas ocasiões as ENS são estimuladas pelo magistério a defender o ideal do casamento cristão.

“Obrigado, porque não nos deixastes sozinhos a proclamar a beleza do amor, a grandeza do casal unido e fecundo. Obrigado a vós todos, da parte de todos os pastores da Igreja. A vossa tarefa é importante, pois sois em grande parte, a credibilidade da Igreja.”

(Cardeal Daneels, 40.º aniversário da Carta Belga)

3.2.3 As Equipas inseridas no mundo

“A caridade é paciente, a caridade é benigna. A caridade não é invejosa, não se ufana, não se ensoberbece. A caridade nada faz de inconveniente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita” (I Cor 13, 4-5).

É este o amor que tentamos viver, graças ao espírito e pedagogia das Equipas de Nossa Senhora.

Devido às transformações que se produziram na sociedade, o casamento sofreu mudanças históricas. É grande o número de casamentos que se desfazem e provocam prejuízos consideráveis aos esposos e aos filhos.

Os casais das ENS procuram testemunhar que o casamento é fonte de amor, de felicidade e de santidade, bem como uma realização humana; vivendo no mundo com os valores do Evangelho, querem ser o fermento na massa e estar presentes em todas as atividades da sociedade.

Os casais de hoje têm necessidade do testemunho doutros casais cujo amor é vivido na perenidade e na segurança dum futuro previsível. Desde a época de Jesus, é esta a característica do casamento cristão. E os casais das ENS querem ser testemunhas deste amor e do sacramento do matrimónio, a fim de serem sinal de esperança.

3.2.4 Os Sinais dos Tempos

Os membros das Equipas de Nossa Senhora vivem no mundo de hoje, fazem plenamente parte dele e querem ser *“fermento na massa”*. É por isso que precisam de discernir continuamente os sinais dos tempos para descobrir as novas realidades e as necessidades dos casais de hoje. Devem também procurar fatores de esperança num mundo que parece cada vez mais hostil à fé cristã e onde os valores fundamentais do casamento e da família estão ameaçados.

Os sinais dos tempos num mundo plural são por vezes fonte de dificuldades para encontrar consensos no seio do nosso Movimento. Também somos conduzidos a encontrar uma mudança do paradigma da evangelização.

“A saúde da pessoa e da sociedade, tanto humana como cristã, está estreitamente ligada ao progresso da comunidade conjugal e familiar. Por isso, juntamente com todos aqueles que têm em grande estima essa comunidade, os cristãos alegram-se sinceramente com os vários meios pelos quais os homens progridem, hoje, na promoção dessa comunidade de amor.”

(Gaudium et Spes – 47)

O Papa Francisco, no seu discurso às ENS, em setembro de 2015, declarou:

“A Nova Evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados (Evangelii Gaudium 120). Os casais e famílias cristãs encontram-se muitas vezes nas melhores condições para anunciar Jesus Cristo às outras famílias, para as apoiar, fortalecer e encorajar. Aquilo que viveis em casal e na família – acompanhado pelo carisma próprio do vosso Movimento – esta alegria profunda insubstituível que o Senhor vos faz experimentar na intimidade doméstica entre as alegrias e as dores, na felicidade da presença do vosso cônjuge, no crescimento das vossas crianças, na fecundidade humana e espiritual que Ele vos concede, tudo isto deve ser testemunhado, anunciado, comunicado para o exterior para que outros casais e famílias sigam o mesmo caminho.”

Discernir os sinais dos tempos é testemunhar a beleza do amor humano segundo o desígnio de Deus. É, pois, uma tarefa vital do homem que o leva a deixar-se encontrar por Ele.

Acreditamos que as ENS farão correr “**Rios de água viva**” na sua resposta ao cooperar com Ele nesta novidade que inspira, que provoca, mas que sobretudo nos orienta e nos acompanha.

As Equipas de Nossa Senhora trazem esse sinal de esperança aos casais na Igreja e no mundo.

4 - O ESPÍRITO DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

4.1 “VEM E SEGUE-ME”

Cristo dirige este apelo a cada batizado, convidando-o a abrir-se cada vez mais ao seu amor e a ser testemunho dele. Cristo dirige também este apelo ao casal cristão. Os cônjuges são chamados a encontrar Deus no coração do seu amor conjugal. Assim, o amor humano é uma imagem do amor divino.

4.2. O CARISMA² DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

Carisma* é um dom de Deus específico que deve ser utilizado para o bem comum. Este dom gratuito é especial e fica a fazer parte da personalidade de quem o tem.

As Equipas de Nossa Senhora foram uma inspiração de Espírito Santo dada à Igreja para uma determinada função em determinado momento da sua História. Só assim se compreende o grande crescimento das ENS, a sua expansão por muitos países dos cinco continentes e a sua influência determinante na vida dos casais, na pastoral da Igreja e na vida da sociedade.

O Movimento das Equipas de Nossa Senhora é um **carisma para a Igreja**, na medida em que é um dom de enorme importância para a redescoberta do valor do Sacramento do Matrimónio, que é caminho de amor, de felicidade e de santidade.

Além de serem um carisma, as **Equipas de Nossa Senhora têm um carisma próprio, que é a espiritualidade conjugal**, forte orientação que leva o casal a viver, no quotidiano, segundo a vontade de Deus, isto é, segundo os valores do Evangelho.

² A palavra “*carisma*” vem do grego “*charisma*” que significa “*dom gratuito*” e tem a mesma raiz que a palavra “*charis*”, “*graça*”. A graça é um dom do Espírito. Há também graças excepcionais chamadas carismas, dons que devem ser utilizados para o bem comum.

Assim, as Equipas de Nossa Senhora, movimento de espiritualidade conjugal, são consideradas como um dom de Deus a todos os casais que delas fazem parte.

A espiritualidade conjugal

Segundo o Padre Caffarel *“a espiritualidade conjugal é a arte de viver no casamento o ideal evangélico que Cristo propõe a todos os seus discípulos”*.

Pelo casamento cristão a vida do casal traz a marca do sacramento, sinal profundo do compromisso recíproco dos esposos e sinal da Graça de Deus. O amor conjugal tem a sua fonte no amor de Deus. É da essência da união entre esses dois amores que nasce a espiritualidade conjugal.

“Na origem da espiritualidade conjugal, há um apelo de Cristo. A nossa vocação de casal é de ir junto a Cristo, um e outro, um com o outro, um pelo outro.”

(Padre Caffarel)

O amor divino encontra a sua expressão no amor humano quando a vida quotidiana é preenchida com a atenção e a solicitude dos esposos, um em relação ao outro, com a ajuda e a fidelidade absoluta, com a compreensão e o respeito mútuo, com a harmonia de coração e de espírito. Quando as tarefas mais simples são impregnadas de amor, o Senhor lá está no coração do casal; a espiritualidade é, então, uma realidade vivida.

O casal unido pelo sacramento do Matrimónio pretende viver essa espiritualidade ao longo dos dias. Pode, no entanto, ser difícil agir de acordo com as exigências do amor. Cometem-se erros, as feridas ficam expostas; contudo é preciso prosseguir e voltar-se sempre um para o outro; é também nesses momentos que se encontra Cristo.

“Existe uma espiritualidade conjugal que orienta a vida do casal. As Equipas de Nossa Senhora oferecem um meio de a conseguir.”

(A caminho da Espiritualidade Familiar – Padre Manuel Iceta)

A espiritualidade conjugal proposta pelo Movimento é, portanto, o desejo de conhecer e fazer a vontade de Deus para o casal e encarná-la na vida do dia a dia, retirando a sua força da graça do Sacramento do Matrimônio.

4.3 A MÍSTICA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

A mística é o espírito que nos leva a atuar segundo a vontade de Deus, a intuição que “*abre*” o que está oculto ao espírito humano, a orientação que faz da vida uma contínua busca de comunhão com Deus.

A mística das ENS é o espírito que dá sentido a propostas concretas, asentes em valores cristãos essenciais à vida em casal, em equipa, em Igreja e concretiza-se em três vertentes:

- **Reunidos em nome de Cristo**
- **Ajuda mútua (entreajudas)**
- **Testemunho**

4.3.1 Reunidos em nome de Cristo

“Com efeito, onde dois ou três estiverem reunidos em Meu nome, Eu estou aí, no meio deles.”

(Mt 18, 20)

Uma equipa, constituída por casais e um padre conselheiro espiritual, é mais do que uma comunidade humana; porque se reúne em nome de Cristo e é assim que o espírito se comunica a todos os equipistas.

Quando Cristo apareceu aos discípulos depois da ressurreição, as Suas palavras permitiram-lhes compreender as Escrituras e conhecer a sua mensagem. Do mesmo modo, Cristo está presente nas reuniões de equipa. Reunidos em Seu nome, o Seu Espírito alimenta e faz crescer a nossa fé.

4.3.2 A ajuda mútua

A ajuda mútua é um dos aspetos fundamentais da Mística das ENS. Segundo o Padre Caffarel, a ajuda mútua representa o novo mandamento de Cristo, é a forma concreta de pôr em prática este mandamento.

Os membros de uma equipa procuram satisfazer as quatro exigências do amor fraternal: **dar, receber**, e o que é mais difícil, **pedir e saber recusar**.

A ajuda mútua é praticada em vários contextos: a ajuda mútua conjugal, a ajuda mútua no caminho da santidade, a ajuda mútua na oração, a ajuda mútua no aprofundamento da fé, e a ajuda mútua nas diversas etapas do casamento.

Os casais das ENS praticam amplamente a ajuda mútua, tanto no plano material como espiritual, obedecendo assim à orientação de S. Paulo:

“Carreguem os fardos uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo”
(Gal 6, 2)

A ajuda mútua conjugal

O casamento é uma aliança que evolui desde os primeiros instantes do “*Sim*” até aos últimos momentos de vida no regresso para o Pai. Esse caminho dos esposos no amor poderá ser percorrido de forma duradoura, se a ajuda mútua conjugal for uma realidade quotidiana. Assim, cada um, no casamento, crescerá, tirando o melhor partido das diferenças e da complementaridade dos cônjuges.

A ajuda mútua no caminho da santidade

Os casais que entram nas Equipas de Nossa Senhora desejam:

- Percorrer os caminhos que os levem a uma mais profunda união com Deus;
- Procurar a santidade na e através da sua vida conjugal e familiar.

Para viver numa harmonia cada vez maior com Deus e conhecer a Sua vontade, os casais unidos pelo matrimónio precisam de ajustar as suas vidas ao Evangelho.

Através duma melhor compreensão e de pôr em prática a Palavra de Deus na sua vida de casal, e porque procuram em conjunto, em equipa, a forma de o fazer, os membros das Equipas de Nossa Senhora ajudam-se mutuamente no caminho que leva ao reino anunciado por Cristo.

A ajuda mútua na oração

“Digo-vos ainda isto: se dois de vós se unirem sobre a terra para pedir seja o que for, conseguí-lo-ão de meu Pai que está nos céus.”

(Mt 18, 19)

Confortados por esta promessa da presença de Cristo no meio deles, os membros das ENS rezam juntos, uns com os outros e uns pelos outros, com alegria e confiança.

As Equipas escolheram o *Magnificat* como oração comum, que deve ser rezado diariamente em união com todos os membros do Movimento, como oração de intercessão por todos os casais do mundo.

A ajuda mútua para o aprofundamento da fé

Da mesma maneira que não pode haver vida cristã sem uma fé viva, também não pode haver fé viva e ativa, sem reflexão e sem meditação. Na prática, muitos casais cristãos renunciam aos esforços necessários para estudar e meditar, seja porque não compreenderam a sua importância, seja por falta de tempo, de treino ou de orientação. Disto resulta que a sua fé continua imatura e fraca e o seu conhecimento da vontade de Deus e dos ensinamentos da Igreja permanece superficial e incompleto.

Os casais de uma equipa tentam, portanto, aprofundar os seus conhecimentos religiosos e prosseguir esse objetivo com os outros membros da equipa e a ajuda de um conselheiro espiritual.

A ajuda mútua nas diferentes etapas do casamento

As necessidades e as aspirações dos casais são diferentes, segundo a sua idade e o número de anos de casamento. As respostas que recebem das ENS devem ter em conta essa realidade.

Nos primeiros anos do casamento, o casal procura descobrir as implicações da sua mudança recente de vida e tem necessidade de “*nascer*” numa comunidade que o apoie As Equipas de Nossa Senhora podem trazer o calor, o suporte e a ajuda de uma grande família.

Em seguida, a vida põe à prova o ideal do amor. Confrontados com as exigências da família, da vida profissional, da insegurança de emprego e das pressões de uma sociedade cada vez mais materialista, os casais necessitam de um lugar para a troca de ideias, para a releitura dos acontecimentos que os atingem A compreensão e a experiência da equipa permitem ao casal partilhar abertamente, com toda a confiança, as suas preocupações e as suas descobertas.

Depois, bem depressa, chega o *“outono da vida”*, esse tempo cada vez mais longo de um retorno a uma relação a dois. Esse tempo, em que os esposos passam mais tempo juntos, pode ser um tempo de renovação, de ultrapassagem dos próprios limites. Pode ser também um tempo de algumas dificuldades e de etapas importantes (reforma, doença, morte do outro ...). O aprofundamento da vida cristã do casal, em equipa, vai enriquecer esses últimos anos passados juntos.

4.3.3 O testemunho

Os pagãos ficavam surpreendidos com os primeiros cristãos, que eram assim descritos nos Atos dos Apóstolos (At 4,32): *“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma”*. E diziam ao vê-los: *“Vede como se amam”*. E a admiração conduzia à adesão.

As Equipas de Nossa Senhora têm a convicção que, hoje, à semelhança do que aconteceu nos tempos antigos, outros casais se sentirão chamados para Cristo e para o sacramento do matrimónio motivados pelo exemplo de casais cristãos que se amam de verdade e se ajudam mutuamente na busca de Deus.

É nesse espírito que os casais que procuram dar um sentido autêntico à sua vida conjugal encontrarão, na fraternidade e na ajuda mútua dos equipistas, uma fonte importante de acolhimento, de apoio e de encorajamento.

Como nos dizia o Padre Caffarel em 1950: *“A vida cristã integral não é somente adoração, louvor, ascese, esforços na vida interior. É também o serviço de Deus no local onde vivemos: família, profissão, país, etc., da mesma maneira os casais esforçam-se a aprender, a exemplo de Cristo, a servir Deus no mundo.”*

5 – A PEDAGOGIA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

A **Pedagogia** tem a ver com o método utilizado nas Equipas de Nossa Senhora, é a ferramenta que ajuda a transmitir os conceitos fundamentais do Movimento e que leva os casais a descobrir as riquezas do sacramento do matrimónio e a viver a espiritualidade conjugal.

Há uma relação estreita entre a pedagogia das ENS e a espiritualidade conjugal, pois toda a pedagogia tem como objetivo ajudar os casais a construírem o seu projeto de vida na Espiritualidade e na Conjugalidade, dando nas suas vidas um lugar determinante à oração, ao diálogo conjugal e à ajuda mútua no casal e na equipa.

É necessário em primeiro lugar esclarecer que a iniciação à pedagogia, realizada durante a pilotagem, deve ser feita pela sedução, pela ternura e compreensão para em seguida ser feita através do amor partilhado, pelas descobertas, pelas experiências de vida e não por uma cega obediência que deseje somente respeitar as obrigações; não se trata de forma alguma de responder às exigências baseadas em princípios rígidos.

Por isso, é importante considerar que toda a pedagogia do Movimento deve estar centrada em três linhas mestras: a **gradualidade**, a **personalização**, o **esforço pessoal e em casal**.

- **A gradualidade:** o Senhor toma cada um no estado em que se encontra; trata-se então de querer progredir, passo a passo, numa direção de crescimento espiritual.
- **A personalização:** o caminho a percorrer é ao mesmo tempo pessoal e de casal: cada um terá o seu próprio ritmo e a sua própria maneira de viver as propostas do Movimento.
- **O esforço:** não existe conversão pessoal e em casal sem a decisão de transformar o nosso desejo de progresso em ações concretas, precisas e determinadas.

O método das ENS assenta em três pontos fundamentais, que são outros tantos **meios de aperfeiçoamento espiritual:**

- **Orientações de Vida**

- **Pontos Concretos de Esforço**
- **Vida de Equipa**

A razão profunda pela qual estes meios são propostos, o espírito que lhes dá sentido, reside na finalidade de despertar e desenvolver nos casais uma vida assente em três **atitudes permanentes**:

- **Busca assídua da Vontade de Deus**
- **Procura da Verdade sobre nós mesmos**
- **Experiência do Encontro e da Comunhão**

Estas atitudes têm uma coerência interior, formam um todo indivisível, perdendo o seu sentido se tomadas isoladamente.

5. 1 AS ORIENTAÇÕES DE VIDA

As Orientações de Vida são um meio importante que nos fala da razão de ser das Equipas, como resposta ao apelo do Senhor, e nos convida a abrimo-nos cada vez mais ao seu amor para podermos ser testemunhas desse mesmo amor, onde quer que nos encontremos.

A grande orientação é a do amor que Cristo nos veio trazer (cf Mc 12; 30-31).

As orientações permanentes propostas pelo Movimento são o reflexo da sua identidade, como por exemplo, a atitude de escuta e de oração, a prática da ajuda mútua, o espírito de acolhimento e de hospitalidade, a disposição para a formação e para o serviço.

Crescer no amor de Deus é tarefa para toda a vida. Para ajudar os seus membros nessa tarefa, as Equipas de Nossa Senhora propõem-lhes Orientações de Vida:

5.1.1 Para se ajudarem mutuamente a progredir no amor de Deus:

- h Dar um lugar importante à oração na sua vida;
- Discernir a Palavra de Deus e esforçar-se por vivê-la cada vez melhor;

- Aprofundar, constantemente, os seus conhecimentos da fé;
- Aproximar-se com frequência dos sacramentos, particularmente da Eucaristia;
- Esforçar-se por avançar no conhecimento e na prática da ascese³ cristã.

5.1.2 Para se ajudarem mutuamente a progredir no amor ao próximo:

- Viver uma autêntica ajuda mútua conjugal (escuta, diálogo, partilha) em todos os campos e em particular no espiritual;
- Ter a preocupação constante da educação humana e cristã dos seus filhos;
- Praticar amplamente, em casal, o acolhimento e a hospitalidade;
- Testemunhar no concreto o amor de Cristo, principalmente através de compromissos concretos na Igreja e na comunidade cristã.

5.1.3 As orientações do Movimento propostas nos Encontros Internacionais:

Por ocasião dos Encontros Internacionais, o Movimento propõe orientações que são as suas prioridades para os anos seguintes. Estas “*orientações*”, definidas a partir da observação da realidade e das necessidades dos casais e das equipas, vão guiar o conjunto dos equipistas numa direção comum partilhada, contribuindo para um **caminho de unidade no Movimento**.

³ **Ascese:** A palavra ascese vem da palavra grega que significa “*exercitar-se*” uma palavra que evoca o exercício que se faz para ter boa saúde. Da mesma maneira, o casal que se exercita na vida cristã, conjugal e familiar, tem oportunidade de praticar a ascese: “*exercitar-se, para amar sem egoísmo*”. Os pontos concretos de esforço são os meios propostos pelo Movimento das Equipas de Nossa Senhora, para encorajar e alimentar esse exercício para amar sem egoísmo.

5.2 OS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO (PCE)

Seguir uma direção de crescimento espiritual e humano pressupõe seguir um itinerário lógico e usar os meios para seguir fielmente esse caminho.

“A experiência mostra que, sem certos pontos de aplicação precisos, as orientações de vida arriscam-se muito a ficar letra morta.”

(O que é uma Equipa de Nossa Senhora?)

As Equipas de Nossa Senhora deram o nome de **Pontos Concretos de Esforço (PCE)** a esses *“pontos de aplicação precisos”*.

Os Pontos Concretos de Esforço são uma característica essencial do Movimento. Correspondem a atitudes interiores que precisam de ser despertadas e assimiladas e que vão conduzir a uma nova maneira de viver. Incentivam a uma disciplina que ajuda os casais das Equipas de Nossa Senhora a pôr o Evangelho em prática na sua vida quotidiana.

O empenhamento nos seis Pontos Concretos de Esforço vai transformando o casal, pouco a pouco, desenvolvendo uma vida espiritual conjugal que os aproximará de Deus, do seu cónjuge e dos outros.

Os Pontos Concretos de Esforço não são obrigações que devemos cumprir duma maneira cega, mas meios para desenvolver atitudes de vida que devemos assimilar, e que progressivamente nos conduzem a um modo de viver mais cristão.

Os Pontos Concretos de Esforço são um apelo ao esforço pessoal, mas também ao do casal: é um esforço exigente de discernimento, de criatividade e de constância, que envolve todo o nosso ser. É um esforço a que cada um de nós se obriga a fazer voluntariamente; em caso algum ele nos é imposto.

O verdadeiro encontro com o Senhor é o ponto de partida de toda a conversão. Os PCE existem para que vivamos esse encontro e não para serem vividos como uma rotina obrigatória.

É, pois, em plena liberdade que aceitamos fazer esforços sobre os seis pontos concretos:

- Escutar regularmente *“a Palavra de Deus”*;

- Reservar todos os dias o tempo necessário para um verdadeiro encontro com o Senhor “*a Meditação*”;
- Rezar juntos, marido e mulher, todos os dias: “*a Oração Conjugal*” e, se possível, em família: “*a Oração Familiar*”;
- Reservar todos os meses um tempo necessário para um verdadeiro diálogo conjugal, na presença do Senhor: “*o Dever de se Sentar*”;
- Fixar para si mesmo “*uma Regra de Vida*” que é um convite ao aperfeiçoamento pessoal e a encontrar a verdade sobre o que somos;
- Encontrar todos os anos um tempo para um encontro com o Senhor, se possível em casal, durante “*um Retiro*”, que nos permita refletir e organizar a nossa vida na Sua presença.

5.2.1 A Escuta da Palavra de Deus

“*A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que a espada de dois gumes*” (Hb 4,12).

Deus fala aos homens porque os ama, quer estabelecer com eles, com cada um deles, uma relação de amor, uma relação de pessoa a pessoa. Ele fala para se fazer conhecer por eles, para lhes revelar o seu grande projeto de amor; para lhes comunicar os seus pensamentos, a sua vontade em relação a eles; para lhes propor a sua Aliança.

Deus fala pelas Escrituras, pela Criação, pelas suas intervenções na história humana, pelos profetas e, sobretudo, por seu filho Jesus Cristo.

Nas suas cartas sobre a Oração, o Padre Caffarel insiste muito na Escuta da Palavra de Deus. Diz-nos, por exemplo: “*Sim, Deus fala. O que é preciso é saber escutá-Lo... Deus fala aos homens de muitas maneiras.*”

(Novas Cartas sobre a Oração)

Neste ponto de esforço, são utilizados dois termos: **Escuta e Palavra.**

Escutamos, de facto, Deus que nos fala para nos salvar, para nos comunicar a sua vida em abundância. A sua Palavra não é apenas para ser lida, mas sim para ser acolhida por nós, no concreto da nossa vida.

Reservemos, pois, todos os dias, o tempo necessário para criar silêncio com o fim de escutar o que o Senhor quer dizer a cada um de nós. Esta relação que temos com o Senhor é o pilar da nossa vida espiritual. A Palavra de Deus não é um monólogo, Deus espera que lhe respondamos com amor, pondo a Sua Palavra em prática.

O Padre Caffarel define assim a escuta:

“Escutar não implica apenas a inteligência: É todo o nosso ser, alma e corpo, inteligência e coração, imaginação, memória e vontade, que deve estar atento à palavra de Cristo, se abrir a ela, ceder-lhe o lugar, deixar-se tomar por ela, invadir, agarrar, aderir-lhe sem reservas.”

(Cadernos sobre a Oração, dezembro 1966)

A Palavra criadora de Deus é sempre uma fonte indispensável de motivação e de energia para o nosso crescimento pessoal, para o nosso crescimento como casal e para a construção de um mundo melhor.

É por isso que as Equipas de Nossa Senhora nos convidam a escutar diariamente a Palavra de Deus, reservando um tempo para ler uma passagem dos Evangelhos, e refletir sobre essa passagem, em silêncio, para melhor compreender o que Deus nos quer transmitir.

A Escuta da Palavra de Deus é um dos grandes meios para se progredir no caminho de santidade à qual todos somos chamados.

5.2.2 Meditação

“Sede perseverantes e vigilantes na oração, acompanhada de ações de graças.” (Col 4, 2).

Somos chamados a dar o nosso tempo ao Senhor, para uma conversa pessoal com Ele e viver a sua presença.

A meditação diária é um face a face com Deus e desenvolve em nós a capacidade de escuta e de diálogo. Consiste em ter um tempo para estar a sós com Aquele que nos ama. É um tempo de escuta silenciosa, de coração a coração, um tempo de descoberta e de acolhimento do projeto que Deus tem para nós.

Rezar é dar tempo gratuitamente a Deus. É um ato de amor pessoal, essencial, é o melhor meio de entrar em comunicação com Ele. A oração é um diálogo com Deus em que escutamos mais do que falamos.

Não existem regras rígidas para rezar. Cada pessoa decide o que é o mais apropriado para si (quando? onde? e como?). O mais importante para desenvolver essa profunda união com Deus não é a forma, mas a perseverança e a regularidade.

Devemos pedir a Deus a graça da Oração com perseverança e humildade. A humildade é o fundamento da oração. Deus é o principal ator. A oração é um trabalho de Deus que pede a cooperação do homem e não o inverso.

A Oração é também um caminho. É um ato de fé permanente e por isso a Oração configura-se como um ponto concreto de esforço fundamental.

“Na oração encontra-se o segredo duma vida feliz, fecunda, plena. Devemos alimentarmo-nos de Deus pela Oração antes de nos lançarmos na nossa missão apostólica. “

(Henri Caffarel – Cadernos de Oração)

5.2.3 A Oração Conjugal e Familiar

“Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade.” (Jo 17, 23)

Cristo está presente de uma maneira muito especial sempre que os cônjuges rezam juntos. Não somente eles renovam o seu “*sim*” a Deus, mas atingem também uma unidade profunda que provém expressamente da união dos seus corações e das suas almas no sacramento do Matrimônio.

A Oração Conjugal torna-se a expressão comum de duas orações individuais e deve nascer naturalmente de uma vida partilhada. Se cada um dos esposos tem o seu estilo de oração, é importante que tentem desenvolver uma maneira comum de rezar, para descobrir e viver uma nova dimensão da sua vida conjugal. A sua oração em comum será mais fácil, mais autêntica e profunda quando a escuta da Palavra de Deus e a Meditação forem uma prática regular dos dois cônjuges.

A Oração Conjugal pode ser muito variada, segundo a criatividade do casal. O essencial é rezarem juntos, marido e mulher, cada dia, independentemente da forma dada à oração. O Padre Caffarel dizia: “*Que na*

hora da oração conjugal toda a discussão cesse e que a paz seja restabelecida. Que renovem, marido e mulher, a sua fé no pacto que Cristo selou com eles.” (Anneau d’Or 98).

O Magnificat, a oração de todas as Equipas, pode fazer parte dessa prece quotidiana, em união com todos os casais do Movimento.

Quando o casal tem filhos, é importante que um tempo seja reservado para a **Oração em Família**. O casal é, para os filhos, o primeiro lugar de aprendizagem. Cabe aos pais transmitir-lhes a fé e agir de tal maneira que a sua casa seja um lugar onde eles se sintam bem a rezar.

As crianças, que estão num processo de crescimento, estão disponíveis para partilhar um momento de oração em família, antes da refeição, por exemplo.

Quando rezamos juntos, formamos uma comunidade orante. Não há melhor base para o casal e para a família.

O Padre Caffarel escreveu que a oração conjugal é um fator de unidade espiritual entre os esposos. É um grande estímulo para a vida conjugal e familiar. É fonte de fecundidade espiritual do casal, que irradia à sua volta. É a chave do tesouro do sacramento do matrimónio.

5.2.4 O Dever de se Sentar

“Quem dentre vós, querendo construir uma torre, não se senta primeiro para calcular as despesas e ponderar se tem meios para a concluir.”
(Lc 14 : 28)

O Dever de se Sentar (DSS) tem como objetivo ajudar o casal *“a encontrar em cada mês o tempo para um verdadeiro diálogo conjugal, sob o olhar do Senhor”* (Padre Caffarel).

Ele torna possível um frente a frente para sugerir, para questionar, para se observar e para se escutar.

O Dever de se Sentar é um tempo que marido e mulher passam juntos, sob o olhar do Senhor, para dialogar em verdade e com sinceridade, num ambiente tranquilo. Esse tempo de manifestação dos sentimentos e dos pensamentos entre os esposos permite um melhor conhecimento e uma

ajuda mútua. Permite fazer um balanço do passado, analisar a vida conjugal e familiar, fazer planos para o futuro e trocar impressões sobre o ideal que escolheram.

O Dever de se Sentar evita a rotina da vida conjugal e mantém jovem e vivo o amor e o casamento.

É sempre bom começar o Dever de se Sentar com um tempo de oração ou de silêncio para tomar consciência da presença de Deus. O silêncio aprofunda o olhar de um sobre o outro, aproxima de Deus e cria uma atmosfera favorável.

O Dever de se Sentar, considerado como uma das maiores intuições do Padre Caffarel, é a proposta mais específica do Movimento das Equipas de Nossa Senhora. É um instrumento muito importante porque enriquece a espiritualidade do marido e da mulher, ajudando-os a melhor viverem o perdão mútuo, a crescer no amor do seu cônjuge, no amor de Deus e dos outros no caminho para a santidade.

5.2.5 A Regra de Vida

“Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus; o que é bom, o que Lhe é agradável, o que é perfeito.” (Rom 12, 2).

A Regra de Vida consiste em fixar **um ou vários pontos** sobre os quais cada membro do casal decide pessoalmente e em plena liberdade concentrar os seus esforços para progredir e responder com alegria ao apelo que o amor de Deus lhe dirige.

Escolher e assumir uma Regra de Vida ajuda cada um a aderir mais pessoalmente e de maneira concreta ao projeto que Deus tem para cada cônjuge e para o casal. É uma atitude ou diversas atitudes práticas que se tomam para progredir na direção de um crescimento espiritual e humano.

Através da reflexão e discernimento sobre os aspetos da vida pessoal, conjugal, familiar e da vida de cristão, cada um deve procurar a verdade sobre si mesmo, a fim de encontrar aquilo que se opõe à vontade de Deus.

A Regra de Vida conduz-nos à descoberta de nós mesmos, da nossa vocação.

A Regra de Vida é uma escolha pessoal, conduz-nos à procura da vontade de Deus para nós próprios. Deve ser curta, precisa e prática. Deve ser gradual, segundo o princípio dos “*pequenos passos*”, ter objetivos realistas, ser exigente, mas flexível.

Como se trata de um caminho espiritual, o avanço não é linear e é preciso estar sempre a recomeçar. Esta regra deve ser regularmente revista, para avaliar o nosso progresso.

5.2.6 O Retiro Anual

“Vinde à parte para um lugar despovoado e descansai um pouco”.

(Mc 6, 31)

Reservar todos os anos um tempo suficiente para se isolar diante do Senhor, se possível em casal, num Retiro que permita uma reflexão sobre a sua vida, na presença de Deus.

O Padre Caffarel dizia: “*De tempos a tempos, a nossa fé esmorece e é pelo efeito da Palavra de Deus que ela desperta, se robustece, readquire vida. É no retiro que se torna possível abirmo-nos, nós mesmos, ao so-pro da Palavra de Deus*” (Carta mensal das ENS, fevereiro de 1960).

O Retiro é um tempo privilegiado de paragem, de escuta, de oração e uma oportunidade de renovação espiritual. É também um tempo forte para se voltar para dentro de si mesmo e fazer uma revisão geral de vida, sobretudo sobre o seu caminho de crescimento espiritual.

Para participar num retiro é importante, a nível pessoal e de casal, partir em direção a Deus que nos convida a colocarmo-nos à escuta do Espírito Santo, a concentrarmo-nos no essencial, não nos detendo em pormenores.

Os casais das Equipas de Nossa Senhora são encorajados a tirar proveito da atmosfera especial dos retiros para se renovarem. São convidados a deixar os locais onde vivem e onde trabalham, despojando-se das suas obrigações e preocupações quotidianas para que possam escutar Deus e entender o plano que Ele tem para o casal.

O Retiro possibilita-nos revitalizar a vida pessoal e conjugal, colocando Deus em primeiro lugar na nossa vida. Torna mais fecundo o nosso sacramento do Matrimónio ao fazer-nos retornar à fonte do nosso amor.

O Retiro é uma resposta de fé a Deus que nos convida a reencontrar Cristo e a abrir-nos mais ao seu Espírito no nosso caminho para a santidade.

5.3 UMA VIDA DE EQUIPA

A Equipa não é um fim em si mesma, mas um meio ao serviço dos seus membros, que lhes permite:

- Viver tempos fortes de oração em comum e de partilha;
- Ajudar-se mutuamente de maneira eficaz a caminhar para o Senhor e a ser um testemunho de Seu amor.

Na vida de qualquer comunidade cristã, podem distinguir-se três aspetos:

- Com Cristo - a equipa volta-se para o Pai para acolher o Seu amor;
- Em Cristo - a equipa partilha esse amor: *“Eles eram um só coração e uma só alma”*;
- Impelidas pelo Espírito de Cristo - a equipa envia os seus membros ao mundo para revelar esse amor.

A Vida de Equipa desenvolve-se assim nas reuniões mensais, noutras reuniões especiais ou de amizade, nos contactos dos casais uns com os outros entre as reuniões mensais, nos encontros com o Conselheiro Espiritual, etc., de forma a reforçar o vínculo de amizade que proporcione a compreensão e a preocupação de uns pelos outros, promovendo a ajuda mútua que reforça os laços da comunidade.

A hospitalidade, a assiduidade, a pontualidade, a fidelidade ao método e à organização do Movimento são elementos duma disciplina, que deve ser aceite livre, leal e honestamente por todos os membros da equipa.

A equipa deve mostrar-se disponível a construir o Reino de Deus. Sem isso a equipa torna-se uma ilha, fechada em si mesma, em vez de ser fermento para levedar a massa.

A mística da Vida em Equipa é a presença e a força atuante de Cristo na comunidade, a entreaajuda e o testemunho.

5.3.1 Reunião mensal da equipa

A Reunião Mensal da Equipa é o ponto mais alto da vida dessa pequena comunidade, pela presença de Cristo Ressuscitado, vivo, atento a todos, amando cada um tal como ele é.

A reunião é um momento privilegiado que permite a cada membro aprofundar a sua vida cristã, através da oração, da partilha e do pôr em comum num ambiente de caridade e de amor fraternal. Um amor verdadeiro de um pelo outro é exigente e não pode resultar duma atitude passiva. Esta partilha entre todos pressupõe um clima de confiança mútua e de descrição da parte de cada um dos membros da equipa.

O Padre Caffarel fala assim na carta das Equipas de Nossa Senhora (março/abril 1973), sobre o significado cristão da reunião da equipa:

“A reunião mensal de uma equipa não deve ser definida unicamente pela sua estrutura, pelo seu espírito, pela amizade entre os seus membros, pelo desejo de que seja uma etapa na procura de Deus. É preciso, em primeiro lugar, reconhecer a sua substância sobrenatural e o seu mistério. De facto, ela é, ou deveria ser, uma realidade muito diferente de uma reunião simplesmente humana...

...O que acabei de dizer não é o que acontece sempre, mas é o que deveria acontecer, porque uma reunião de equipa que não é, acima de tudo, esforço comum para encontrar Jesus Cristo é uma coisa muito diferente de uma reunião de uma equipa de Nossa Senhora.”

A reunião mensal deve ser vivida como um momento muito importante na vida de uma equipa, por isso, deve ser precedida de uma reunião preparatória em que devem estar presentes o casal responsável, o conselheiro espiritual e o casal animador.

A equipa reúne-se mensalmente, no mínimo, dez vezes por ano, na casa de um dos casais. É muito importante que todos os membros da equipa estejam presentes, para favorecer a harmonia e preservar a unidade da equipa.

A reunião compõe-se de cinco partes, devendo ser dado tempo suficiente a cada uma delas:

- Acolhimento e Refeição;
- Pôr em Comum;
- Oração;
- Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço;
- Troca de impressões sobre o Tema de Estudo.

Esta ordem pode mudar, de acordo com a vontade da equipa.

A reunião da equipa deve ser continuamente aperfeiçoada, com a revalorização de cada uma das suas partes.

Acolhimento e Refeição

“... eles partiam o pão, nas casas e tomavam a comida com alegria e simplicidade de coração.” (At 2, 46)

A reunião começa logo à chegada com a prática da hospitalidade de quem recebe em sua casa. Cada membro da equipa deve esforçar-se com naturalidade por bem acolher o outro, ajudando a criar, desde o início, um ambiente de abertura e amizade que leve à simplicidade e alegria.

O primeiro tempo da reunião mensal é normalmente a refeição. É um tempo de convívio fundamental para reforçar os laços de amizade entre as pessoas. É importante que a refeição seja simples. Cada casal pode levar algo, de forma a que todos participem na confeção da refeição e possam ajudar os que tiverem pouco tempo ou poucos meios.

A refeição deve ser um momento de graça, em que a equipa vive a alegria de estar reunida, celebrando, festejando e rezando.

Pôr em Comum

“Antes de tudo, amai-vos ardentemente uns aos outros, porque o amor cobre a multidão dos pecados.” (I Pd 4, 8)

Nas reuniões mensais, um momento deve ser reservado para o pôr em comum das preocupações familiares, profissionais, cívicas, eclesiais, dos

fracassos, das descobertas, das tristezas e das alegrias de cada um.

O Pôr em Comum é um tempo forte da ajuda mútua, durante o qual os casais falam dos acontecimentos importantes que viveram depois da última reunião. É fundamental que predomine a existência do espírito cristão na leitura dos acontecimentos, confrontando a realidade da vida com o Evangelho.

É uma permuta em equipa, uma vontade de se abrir aos outros, de dar e de receber, de falar e de escutar, de oferecer e de pedir. Confiam-se à equipa as alegrias, dores, dificuldades, hesitações, pedem-se conselhos, às vezes ajuda, para qualquer aspeto da vida. O conhecimento mútuo aprofunda e fortifica a amizade, pois só se ama quem se conhece.

O Pôr em Comum pressupõe uma grande confiança recíproca e a certeza da discrição e espírito de sigilo absolutos. O que se revela em equipa não pode sair dali.

É da escuta atenciosa de cada pessoa que pode nascer uma amizade autêntica e fraterna entre os membros da equipa. O Pôr em Comum reflete a vida dos membros da equipa que se reúne em nome de Cristo.

Oração

“Propôs-lhes Jesus uma parábola para mostrar que é necessário orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo.” (Lc 18, 1)

“A oração é o diálogo pessoal do indivíduo e da comunidade com Deus.”

(Agenda do Papa João Paulo II para o terceiro milénio)

A oração é um elemento essencial na vida de cada equipa. É o centro e o ponto alto da reunião, pois permite que cada um tente dar uma resposta pessoal à Palavra de Deus, referindo-se ao concreto da sua vida, pedindo, louvando ou agradecendo-Lhe.

A Oração Partilhada na Reunião da Equipa abre o nosso coração e dispõe-nos ao acolhimento e à ação de graças. Por isso, deve ser feita na parte inicial da reunião para que logo se estabeleça a comunhão num clima verdadeiramente espiritual.

O tempo de oração começa pela leitura lenta, em voz alta, de um texto das Escrituras, seguida por um tempo de silêncio para acolher interiormente e meditar a palavra do Senhor. Cada um expressa, em seguida, o seu pensamento sobre o texto, em forma de oração partilhada. É Deus que nos fala pela voz dos nossos irmãos. O silêncio, após cada meditação, é também oração. Vivemos então a escuta da Palavra na “*pequena Igreja*”, que é a equipa.

A seguir, o padre conselheiro espiritual, tendo participado da oração pessoal e das intenções, reúne e resume as orações e intenções dos casais (oração conclusiva) e apresenta-as a Deus.

É habitual terminar a reunião da equipa com a recitação do Magnificat, em comunhão com os membros do Movimento do mundo inteiro.

Partilha sobre os Pontos Concretos de Esforço

“Ami-vos, pois, uns aos outros, ardentemente e do fundo do coração.”
(I Pd 1, 22)

A Partilha é um tempo forte dum esforço conjunto de ajuda mútua espiritual, é um caminho de conversão comunitária.

A Partilha decorre em clima de oração e de escuta fraterna cheia de caridade, o que não exclui exigência recíproca, motivação e entreaajuda. Um bom momento para a Partilha é logo após a oração para que este clima se mantenha e esta seja como um seu prolongamento.

Concretamente, cada equipista é convidado a partilhar a sua vivência dos Pontos Concretos de Esforço durante o mês que passou.

A Partilha dos Pontos Concretos de Esforço não é um exame de consciência, nem a constatação de um sucesso ou de um fracasso, mas uma releitura dos esforços necessários para se progredir na vida espiritual.

Numa equipa, cada um está num estado diferente na sua vida espiritual e evolui no ritmo que lhe é próprio. É importante que se aceite essa diversidade, para que todos possam falar de si e de sua vida com confiança e liberdade. As experiências, os progressos ou as dificuldades, podem ajudar os outros a seguir o seu caminho próprio na fé.

Temos necessidade de partilhar para criar e construir comunidade. A comunidade não existe só pelo facto de um grupo de pessoas se reunirem. A comunidade cria-se quando partilhamos a vida, quando realizamos juntos uma busca, quando nos ajudamos, quando colocamos em comum o dom de Deus que recebemos.

A Partilha é o lugar e o momento em que cada um assume o outro no sentido mais completo e mais profundo.

Podemos concluir, afirmando que a Partilha compreende dois momentos:

- Em comunidade, a equipa acompanha, revê e estimula a prática dos Pontos Concretos de Esforço;
- Em comunidade, a equipa aprofunda fortemente a vivência das três Atitudes de Vida:
 - Busca assídua da vontade de Deus;
 - Procura da verdade sobre nós mesmos;
 - Experiência do encontro e da comunhão.

Troca de impressões sobre o Tema de Estudo

Os apóstolos disseram ao Senhor: *“Aumenta-nos a fé!”* Disse o Senhor: *“Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar e ela vos obedecerá.”* (Lc 17, 5-6)

O Tema de Estudo é um meio para aprofundarmos mais a nossa fé.

Qualquer que seja o assunto tratado, este deve conduzir-nos, em casal e em equipa, direta ou indiretamente, ao encontro da Palavra de Deus. É o encontro da Palavra com o Tema de Estudo que lança luz para o nosso dia a dia, para o lugar que damos a Deus na nossa vida concreta, nas múltiplas tarefas que realizamos.

O Tema de Estudo requer uma preparação prévia, primeiro individualmente e depois em casal. Cada cônjuge deve iniciar esta preparação com a leitura do tema logo após a reunião de equipa anterior. Os cônjuges devem anotar as suas reflexões e depois em casal deverão debatê-las e examinar as consequências sobre a sua vida. As reflexões de cada casal,

indicações breves e não dissertações, devem ser enviadas por escrito para a Reunião de Equipa.

Na Reunião da Equipa, a discussão do tema é conduzida pelo casal animador, que deverá estar atento para que todos possam ter tempo para tomar parte na discussão, devendo igualmente velar para que não haja interrupções nem conversas paralelas e também para que o debate não saia do tema.

O Conselheiro Espiritual, por seu lado, deve responder às questões relativas à doutrina e poderá orientar nas questões práticas da vida quotidiana dos casais, devendo no final salientar os pontos mais importantes e menos claros no ponto de vista doutrinal.

O Estudo do Tema não se deve reduzir apenas a uma permuta de ideias e experiências, mas deverá, sobretudo, ser um momento de transformação na vida de cada casal e da própria equipa.

5.3.2 Reunião de Balanço

A última reunião do ano é uma Reunião de Balanço. Esta proporciona à equipa a oportunidade de refletir e fazer o ponto de situação, abertamente e com espírito cristão, sobre o seu itinerário, sobre os seus progressos ao longo do ano que termina e também de preparar o ano seguinte.

A Reunião de Balanço é, pois, um momento de partilha e entreaajuda que a equipa deve viver em clima de oração, de verdade e de comunhão.

Não se pode esquecer que o mais importante é procurar a vontade de Deus sobre o casal e sobre a equipa e discernir o seu apelo para viver, mais autenticamente, o amor “*d’agapé*”, que é a alma de toda a comunidade cristã.

É importante que cada membro da equipa avalie o seu progresso e estabeleça metas para melhorar a sua vida espiritual a nível individual e como casal. Também deve ser examinada a forma como as diferentes partes da reunião foram vividas durante o ano e identificar maneiras de as aperfeiçoar para o ano seguinte.

A Reunião de Balanço será sempre uma grande celebração (se possível, com uma celebração eucarística) onde todos farão um esforço comum para encontrar Jesus Cristo. Assim, será não só um tempo para contar as maravilhas que o Senhor realiza, mas também um tempo para projetar a caminhada do casal, da equipa, da sua integração no seio do Movimento, com muito entusiasmo e esperança.

5.3.3 A Vida de Equipa fora da reunião mensal

A Vida de Equipa não se limita à reunião mensal e à reunião de preparação. É essencial manterem-se contactos pessoais ou por telefone, bem como encontros dos casais entre si e com o conselheiro espiritual. É necessário que os casais se conheçam bem e criem laços de amizade, pois é essa amizade que se vai criando a pouco e pouco que irá permitir a construção duma das componentes da mística das equipas; a ajuda mútua.

A oração, em união com os outros membros da equipa e pelas intenções que formularam na reunião, o diálogo, a partilha e a ajuda mútua (espiritual e material) devem prosseguir durante todo o mês, da maneira escolhida por cada equipa. O Casal Responsável deve velar para que isso aconteça.

É importante que os casais da equipa beneficiem da amizade profunda que caracteriza uma Equipa de Nossa Senhora e que, fora da reunião mensal, eles se sintam ligados à equipa, como a uma grande família. Por ocasião de uma festa qualquer, pode ser oportuno o Casal Responsável lançar a ideia de um encontro informal, onde o convívio simples faz crescer a amizade.

Quando um casal faltar a uma reunião, deverá o Casal Responsável telefonar-lhe logo que possível para se informar da causa da ausência, verificar se é conveniente alguma ajuda da equipa e pô-lo ao corrente do que se passou na reunião.

O importante é que este tempo entre reuniões não passe sem que os casais sintam de algum modo que a equipa existe e que os elos de ligação entre uns e outros sejam estabelecidos.

5.3.4 O Compromisso

De tempos em tempos, os equipistas são convidados a renovar o seu compromisso de seguir lealmente o espírito e os métodos do Movimento. Isso pode ser feito numa cerimónia simples na própria equipa ou num evento mais alargado, a nível do Sector ou da Região.

A mística do Compromisso – a sua profunda razão de ser espiritual – é a ajuda mútua e o amor que nos leva a querer e fazer o bem a outros casais.

Deve ficar muito claro no espírito dos casais que o Compromisso não vem acrescentar nada às obrigações que já têm como equipistas.

O Compromisso é uma celebração litúrgica em clima muito especial, onde o amor se transmite aos outros membros da equipa e do Movimento em geral. Será este amor que levará a equipa a aceitar o que há de fundamental no carisma e na pedagogia das ENS.

A melhor oportunidade para fazer o Compromisso será durante o Encontro de Equipas Novas que coincide com o fim da pilotagem, porque é um tempo de paragem, de reflexão e de balanço para cada um dos casais e também para a equipa no seu todo. Por isso, é muito importante a presença nessa cerimónia de todos os casais da equipa e, se possível, também a do conselheiro espiritual.

5.3.5 A Quotização / Contribuição

“Vendiam as suas propriedades e os seus bens e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um.” (At 2, 45)

Repartir, dar, oferecer, desprender-se. Todos estes termos levam-nos à reflexão, quando pensamos em ajuda mútua material e espiritual. A Palavra de Deus ilumina-nos para que entendamos o seu verdadeiro sentido e, conseqüentemente, poder aplicá-lo em nossas vidas.

A quotização/contribuição é a expressão material do espírito de enteadjudá humana e espiritual em que assenta a formação e a razão de ser de uma Equipa de Nossa Senhora. Tem o sentido de partilha de bens, como acontecia nas primeiras comunidades cristãs e tem por essência o espírito da verdade e da caridade fraterna.

É necessário assegurar a vida material de uma comunidade à qual se pertence e da qual muito se recebe. Desde a origem, as Equipas de Nossa Senhora, que não dispõem de outra fonte de subsistência, pedem aos seus membros uma **contribuição financeira anual equivalente a um dia de trabalho (rendimento) do casal.**

O espírito da contribuição financeira é bem expresso na Carta, que estabelece como uma das obrigações de cada casal: *“Contribuir todos os anos - na forma de cotização - o fruto dum dia de trabalho do casal, para assegurar a vida material do Movimento ao qual devem, por uma parte, o seu aperfeiçoamento espiritual.”*

Estas contribuições, além de assegurarem a vida corrente dos vários escalões da estrutura do Movimento, permitem assegurar também a sua animação espiritual (documentação, realização de sessões de formação, reuniões e encontros) e o seu desenvolvimento, com a consequente difusão e expansão no mundo inteiro dos valores que as Equipas de Nossa Senhora se empenham em promover.

Assim, a quotização/contribuição não deve ser vista como um donativo, como o pagamento de serviços ou como um imposto. Antes, deve ser encarada como uma mística, um sentimento profundo que lhe dá significado: o espírito de partilha não só dos dons espirituais como também dos bens materiais.

“Dai, e vos será dado, será derramada no vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transparente, pois com a medida com que medirdes sereis medidos também”.
(Lc 6, 38)

6 – A VIDA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA COMO MOVIMENTO

A ORGANIZAÇÃO

6.1 O ESPÍRITO DA ORGANIZAÇÃO

A estrutura, a organização e os métodos do Movimento são criados para ajudar os seus membros, os equipistas, a crescer no amor conjugal e no amor a Deus.

A estrutura do Movimento foi construída à medida da sua expansão. As equipas têm necessidade de estar ligadas entre si, criando assim um corpo, uma comunidade. As pequenas comunidades, que são as equipas, ficam enriquecidas através das ligações que constroem e reforçam a grande comunidade que é o Movimento.

Assim, para facilitar a organização desta grande comunidade de comunidades, as Equipas de Nossa Senhora estruturam-se em pequenos grupos (equipas), onde a dimensão humana torna possível o conhecimento entre todos e facilita a entreajuda.

Uma Equipa não pode viver isolada. As Equipas de Nossa Senhora constituem um Movimento que tem uma organização destinada a coordenar, animar, ligar, apoiar, servir as equipas, e também a manter a sua unidade.

Uma equipa de base funciona, em primeiro lugar, graças ao empenhamento dos seus membros e em segundo lugar porque é ajudada e sustentada pelo Movimento, com o qual vive em comunhão.

A unidade é formada e mantida pelo desejo de progredir em conjunto, na fidelidade ao espírito e aos métodos das Equipas de Nossa Senhora.

A pertença dos membros, não somente à equipa, mas também ao Movimento, exprime-se e concretiza-se por:

- Oração do “*Magnificat*” todos os dias, em união com os outros membros das Equipas de todo o mundo;
- Leitura das “*Cartas das Equipas de Nossa Senhora*”, publicadas nos diferentes escalões do Movimento;

- Participação nas manifestações e celebrações organizadas pelos Sectores ou a nível regional, suprarregional e internacional;
- Acolhimento e hospitalidade aos outros membros das Equipas de Nossa Senhora, quando houver oportunidade;
- Compromisso de participar na organização e na animação do Movimento ou aceitar uma responsabilidade na sua estrutura.
- Contribuição para a vida material do Movimento.

6.2 A EQUIPA

A Equipa, verdadeira comunidade eclesial, constitui a célula de base do Movimento. É necessário suscitar e animar estas pequenas comunidades de casais que procuram viver plenamente a vida cristã no casal e na sua família e viver a vocação específica das ENS, no seio da Igreja.

Uma Equipa é constituída por cinco a sete casais, assistidos por um sacerdote conselheiro espiritual.

Os membros das Equipas de Nossa Senhora são cristãos unidos pelo Sacramento do Matrimónio que:

- Expressam a sua vontade de pertencer ao Movimento;
- Aceitam tomar parte na vida comunitária da Equipa e do Movimento.
- Comprometem-se a ser fiéis ao espírito e a pôr em prática os métodos das Equipas de Nossa Senhora;
- Respeitam a liberdade de consciência dos outros equipistas e as suas diferenças humanas e sociais;
- Procuram viver na fidelidade com o Papa, de acordo com a doutrina da Igreja.

As viúvas e os viúvos, quando perdem os seus cônjuges, podem continuar nas suas equipas base.

6.2.1 O casal responsável

Todos os anos, cada equipa elege o seu casal responsável. A sua função consiste em animar e dar vida à equipa, encorajando e reforçando o empenhamento dos seus membros em relação a essa pequena comunidade, para que a ajuda mútua seja efetiva e cada um se sinta verdadeiramente aceite, reconhecido e amado.

O casal responsável vela para que todos participem ativamente na reunião mensal da equipa, bem como estejam presentes nas reuniões de amizade entre as reuniões mensais. Liga a equipa ao Sector, informando os outros membros da sua equipa sobre a vida do Movimento, motivando-os para terem uma participação ativa nas reuniões promovidas pelos diferentes níveis da sua organização.

Para a eleição do casal responsável da equipa, cada membro da equipa deve emitir o seu voto escrito. O escrutínio é confiado ao Conselheiro Espiritual que não participa da votação - mas pode fazer um discernimento em casos excepcionais - e deve apenas anunciar o nome do casal eleito.

O ambiente deve ser adequado para que a escolha se faça nas melhores condições, tendo em consideração que o essencial não está na forma, mas no espírito. Para isso, importa, por um lado colocar esta escolha sob o olhar de Deus, (o ideal será numa celebração eucarística), por outro lado fazê-la de modo a que seja escolhido o casal mais preparado, naquele momento, a ajudar a equipa a caminhar.

É muito importante que todos os casais da equipa passem por esta responsabilidade, porque o desempenho deste serviço os faz crescer como pessoas e como casal.

6.2.2 O Conselheiro Espiritual

Cada equipa deve contar com a colaboração de um sacerdote. Na equipa, comunidade de Igreja, ele não é somente um conselheiro espiritual, mas cumpre a sua função sacerdotal. Ele *“torna presente Cristo como Cabeça do Corpo”* (Sínodo dos Bispos de 1971).

O sacerdote tem, assim, esse papel que permite às Equipas enriquecerem-se no encontro dos dois sacramentos: o da ordem e o do matrimónio.

É muito importante que os casais convidem o conselheiro espiritual para as suas casas a fim de estabelecer um relacionamento mais íntimo, de o fazer participar no seu ambiente familiar e de lhe proporcionar um espaço de afetividade que o padre aprecia particularmente.

O aumento do número de equipas e a diminuição do número de padres tornam cada vez mais difícil, sobretudo em alguns países, a presença de um padre em cada equipa.

A falta de padres não deve impedir a formação de novas equipas nem entrar a caminhada equilibrada daquelas que já existem.

Por outro lado, é necessário fazer face numa forma global a esta situação, a fim de preservar a unidade e os sinais de identidade do Movimento.

Já em 1961, o Padre Caffarel, a propósito de haver no Brasil casais prontos há meses para formar equipa sem poderem fazê-lo por não encontrarem um padre, afirma categoricamente:

“A questão está levantada, impossível evitá-la: a reunião mensal de uma equipa poderá realizar-se sem a presença de um padre? A Carta de 1947 não contemplava estas situações, mas não nos iludamos, este dilema vai pôr-se com uma frequência cada vez maior: ou não haverá mais equipas ou haverá equipas sem a assistência de um padre em cada reunião, ou até sem nunca ter a presença de um padre” A opção é clara e expressa-a, interrogando-se *“Esta falta de padres vai travar a expansão do Movimento? É evidente que não.”*

Se uma equipa não puder contar com a participação de um sacerdote conselheiro espiritual, cabe aos responsáveis do Sector, fiéis ao espírito do Movimento, assegurar que ela tenha um *“acompanhante espiritual”*, mas garantindo sempre o vínculo da equipa a um padre.

O acompanhante espiritual, que deve ser uma pessoa individual, **nunca um casal**, com formação teológica e alguma experiência pastoral, podendo ser um seminarista com formação avançada, um diácono, um religioso ou religiosa e como última opção um leigo, homem ou mulher.

Para as Equipas Novas, em fase de pilotagem, é particularmente importante contar com um padre como conselheiro espiritual, pois os seus casais devem, desde o princípio, compreender e fazer a experiência do carisma e da mística do Movimento. Os responsáveis de Sector devem estar muito atentos a esta necessidade.

O documento oficial do Movimento “O Padre Conselheiro e o Acompanhamento Espiritual nas Equipas de Nossa Senhora” (2017) aborda de forma detalhada “*a arte do acompanhamento espiritual*” das ENS. De facto, as estruturas de responsabilidade do Movimento, bem como as que se destinam a dinamizar as ações de formação devem consultar, discernir e promover as orientações contidas neste documento.

6.3 INSTÂNCIAS DE RESPONSABILIDADE E DE ANIMAÇÃO

Para facilitar o cumprimento dos objetivos das Equipas de Nossa Senhora, várias instâncias de responsabilidade e animação foram sendo criadas progressivamente e à medida das necessidades, para permitir um melhor funcionamento das equipas e também para garantir a unidade no Movimento.

Os Casais Responsáveis de Sector, de Região, de Província, de Supra-Região, para o ajudar no exercício da sua responsabilidade, constituirão à sua volta equipas de serviço, constituídas por alguns casais e por um padre conselheiro espiritual, que os assiste num clima de comunhão e confiança.

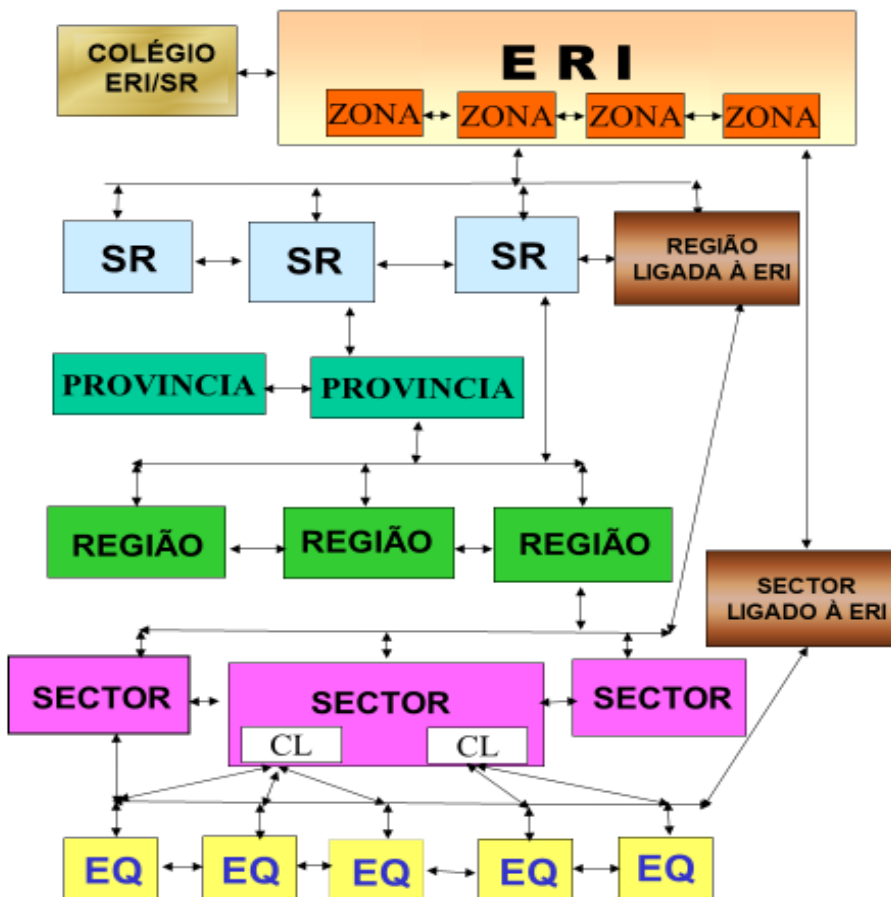
Todas estas equipas de serviço devem ter sempre presente a preservação da unidade do Movimento, a fidelidade ao seu carisma fundador, à sua mística, à sua pedagogia, em consonância com as orientações da Equipa Responsável Internacional (ERI).

Em cada nível de responsabilidade, é importante assegurar a rotação das equipas de serviço, promovendo um equilíbrio entre os casais que entram e os casais que já estão ao serviço, para evitar roturas e permitir um melhor funcionamento da equipa.

Cada um dos casais responsáveis é escolhido, chamado e responde pelo seu serviço perante a instância imediatamente superior do Movimento.

É importante introduzir a noção geral de “Colégio”, como local de encontro da equipa responsável de determinado nível e os responsáveis do nível imediatamente inferior.

A seguir, apresenta-se um organigrama com todas as estruturas do Movimento, com as ligações entre elas:



6.3.1 O Sector

O Sector é uma comunidade de Equipas que querem caminhar juntas e ajudar-se mutuamente nesse caminho. Formam normalmente uma unidade geográfica de cinco a vinte equipas aproximadamente, bastante pequena para permitir uma fácil comunicação entre elas, mas com equipas suficientes para assegurar a animação.

O Sector é o coração da organização e da animação e por isso é indispensável ao Movimento. A função principal do Sector é estabelecer uma dupla ligação: *horizontal*, entre as equipas que constituem o Sector; *vertical*, entre essas mesmas equipas e o Movimento em geral.

A responsabilidade do Sector é confiada pelo Movimento a um casal chamado “*Responsável de Sector*”, que se preocupa com o espírito e o caminho das equipas que integram o Sector, bem como o crescimento da espiritualidade conjugal dos casais que lhe são confiados.

O Casal Responsável do Sector é chamado ao serviço pelo Casal Responsável da Região por um período de três anos, depois dum discernimento feito na Região, entre os casais responsáveis das equipas que constituem o Sector.

Dado que a célula base do Movimento é a Equipa, o Responsável do Sector exerce o seu serviço com o apoio de uma “Equipa de Sector”, constituída por alguns casais que fazem a ligação (CL - casais de ligação) às equipas base e por um sacerdote, o Conselheiro Espiritual do Sector, podendo ser agregados outros casais para outras funções, ao critério do Responsável do Sector.

A Equipa de Sector forma uma pequena comunidade, que se deve reunir pelo menos quatro vezes por ano, reforçada pela oração, pela partilha e pela entajuda. O número de casais que constituem a equipa de Sector depende do número de equipas e da sua proximidade geográfica, não devendo qualquer dos casais de ligação ligar mais de três equipas de base.

As funções da Equipa de Sector são: Animação espiritual, Ligação, Formação e Difusão (informação e expansão) do Movimento.

6.3.2 A Região

A Região é composta por vários Sectores (3 a 10) quase sempre vizinhos, agrupados com o objetivo da entreaajuda. É um lugar de comunicação e de comunhão entre os casais responsáveis de Sector, os membros das Equipas de Sector e outros casais que assumam um serviço.

O papel principal da Região é assegurar um duplo sentido de comunhão e de entreaajuda entre as equipas dos seus Sectores e destas equipas com todo o Movimento.

A Região é o nível de responsabilidade onde se começa a sentir e a compreender a importância da internacionalidade do Movimento e da sua inserção na Igreja.

O Casal Responsável da Região é escolhido e chamado ao serviço por quatro anos pelo Casal Responsável da Supra-Região ou da Província, se esta existir, em concertação com os respetivos Responsáveis de Sector. O Casal Regional é o garante do espírito de unidade na sua Região.

O Casal Responsável da Região acompanha vários Sectores, acolhendo uma ampla gama de testemunhos e troca de experiências sobre a vida dos Sectores. O seu lugar de “*charneira*” dá-lhe um papel de escuta e de comunicação, que exerce em relação aos Sectores, mas também entre os Sectores e a estrutura superior (Supra-Região ou Província).

A Equipa Regional é formada, para além do Casal Responsável da Região, pelos Casais Responsáveis do Sector e pelo Padre Conselheiro Espiritual, podendo ainda ser agregados outros casais para outras funções segundo o critério escolhido. Esta equipa deve reunir-se, no mínimo, quatro vezes por ano, uma delas constituindo o Colégio Regional.

As principais funções da Equipa Regional são: Animação, Formação, Ligação e Difusão.

6.3.3 A Província

A Província é uma instância de coordenação, formação e ligação, agrupando várias Regiões vizinhas (3 a 10), com um grande número de equipas e/ou com um território muito extenso.

Cada Província deve ter bem definido o seu limite geográfico, para possibilitar uma maior proximidade entre o Casal Responsável da Província e as suas Regiões, com o fim de permitir uma boa ligação, quer a nível horizontal das várias Regiões da sua Província entre si, quer no sentido vertical, entre as diversas Regiões que constituem a Província com a Supra-Região.

A criação das Províncias foi necessária para facilitar a circulação da seiva do Movimento, devido ao forte crescimento e expansão das Equipas de Nossa Senhora em alguns países. O Casal Responsável da Província, vivendo na mesma área geográfica, tem maior facilidade e melhores condições de conhecer e entender as realidades próprias da cultura local.

O Casal Provincial faz parte integrante da Equipa da Supra-Região e, por isso, sem prejuízo de sua identificação com a realidade da sua respetiva Província, tem uma consciência clara de que não deve considerar-se apenas como representante dela, mas alargar o seu horizonte para adquirir uma visão mais ampla como membro da equipa nacional.

O Casal Provincial é escolhido e chamado ao serviço por cinco anos pelo Casal Responsável da Supra-Região de entre os casais responsáveis das Regiões que compõem a Província.

O Casal Responsável de Província deverá contar com uma equipa provincial, constituída pelos casais responsáveis de Região, pelo Padre Conselheiro Espiritual, podendo ser agregados outros casais para outras funções, a seu critério. Esta equipa deve reunir-se, no mínimo, quatro vezes por ano, uma das quais constituirá o colégio Provincial.

As principais funções da Equipa Provincial são: Formação, Ligação e Difusão.

6.3.4 A Supra-Região

A Supra-Região (SR) agrupa as Regiões (ou Províncias, se elas existirem) de um país, ou as Regiões (Províncias) de países vizinhos, num número que deve oscilar entre 3 e 10. A experiência mostra que 200 Equipas constituem uma boa base para permitir o funcionamento de uma Supra-Região.

A responsabilidade é confiada a um casal escolhido para ser o “Responsável da Supra-Região” que, para além dos casais responsáveis das Regiões ou Províncias, se estas existirem, chama outros casais e um sacerdote conselheiro espiritual para o acompanhar no seu serviço de reflexão, discernimento e animação das Regiões (ou Províncias) que lhe são confiadas.

Eles constituem assim “a Equipa da Supra-Região” num espírito de colegialidade, de corresponsabilidade e de comunhão. O Casal Responsável da Supra-Região exerce o seu serviço por um período de cinco anos.

A sua missão deve ser vivida na fidelidade ao carisma fundador, à vocação e à missão do Movimento. Neste quadro, o Casal Suprarregional tem a responsabilidade de transmitir às equipas as grandes orientações do Movimento e de velar pelo cumprimento do seu carisma e da sua pedagogia. É também responsável pela comunhão e unidade e ainda pela formação dos quadros e dos equipistas em geral da sua Supra-Região.

O Casal Responsável da Supra-Região é escolhido e nomeado pela Equipa Responsável Internacional (ERI), em concertação com os responsáveis de Regiões (ou Províncias) desta SR.

O Casal Suprarregional é membro do Colégio Internacional do Movimento.

Em certas Supra-Regiões, onde o número de equipas é muito grande, pode existir uma estrutura intermédia, de tipo “*Província*”, que agrupa algumas Regiões. Um casal é então escolhido para ser o “*Responsável da Província*”

A Equipa Suprarregional deve reunir-se, no mínimo, quatro vezes por ano. No caso de ser uma Supra-Região com Províncias, pelo menos, numa destas reuniões (Colégio Suprarregional) devem estar presentes todos os casais responsáveis das Províncias e Regiões, com vista a garantir a coesão e unidade em toda a Supra-Região.

As principais funções da Supra-Região são: Animação, Formação, Ligação e Difusão, devendo dar uma importância especial à expansão em zonas onde ainda não há ENS.

6.3.5 A Zona

A Zona é uma instância de coordenação e ligação, constituída por Supra-Regiões, Regiões e/ou Sectores ligados diretamente à ERI, bem como de países onde não existem ainda Equipas de Nossa Senhora. Cada Zona é coordenada por um casal membro da ERI.

As Zonas, criadas no Colégio de Houston em 2001, têm por finalidade desenvolver uma ligação e uma animação mais próxima, com um sentido de missão, de unidade e de solidariedade fora das fronteiras nacionais. A organização em Zonas deve favorecer a comunicação e a ligação das SR/RR no interior duma mesma Zona e destas com a ERI.

A situação geográfica e a língua são fatores a ter em conta na distribuição das SR/RR por cada Zona.

As Zonas são unicamente estruturas de coordenação e ligação, não se tratando, portanto, de um nível de responsabilidade, já que a este nível a responsabilidade é da ERI.

O Casal da Zona é essencialmente um membro da ERI e, por inerência, participa nas reflexões, deliberações, atividades e decisões da ERI, comprometendo-o a uma total solidariedade para com esta. A sua missão enquadra-se na da ERI.

A ERI está em ligação com todas as equipas do Movimento, através dos Casais de Zona, por contactos pessoais e por intermédio dos média (telefone, internet, e-mails, etc.). Os Casais de Zona estabelecem ligação com os casais responsáveis das SR/RR, permitindo-lhes conhecer as suas necessidades, seus objetivos e projetos, seus sucessos e dificuldades.

Uma certa autonomia, de acordo com a ERI, é atribuída a ação dos Casais de Zona. Ela deve ser fundamentada na unidade dos objetivos fixados pela ERI com o fim de evitar o risco de as Zonas estabelecerem objetivos diferentes sobre os valores, exigências e conceitos fundamentais do Movimento, o que poderia afetar a sua unidade.

A Zona reúne-se, no mínimo, uma vez por ano, após o Colégio Internacional.

6.3.6 A Equipa Responsável Internacional (ERI)

A Equipa Responsável Internacional (ERI) é a instância de responsabilidade geral do Movimento, exercendo-a em união estreita com os Casais Suprarregionais.

A ERI, que trabalha em colegialidade, é composta por 6 a 8 casais e por um sacerdote Conselheiro Espiritual, disponível para o Movimento. Estes casais são escolhidos pela própria ERI, depois de proceder a várias consultas, particularmente às Supra-Regiões. A escolha dos membros da ERI inspira-se no carácter internacional do Movimento. Eles comprometem-se a título pessoal e não como representantes do seu país de origem.

A Equipa Responsável Internacional escolhe em colegialidade o Casal Responsável entre os seus membros. O Casal Responsável tem a seu cargo a animação e a coordenação desta Equipa, assume a gestão corrente do Movimento e põe regularmente os outros membros da ERI ao corrente do exercício da sua missão. Este casal é o representante oficial do Movimento

O tempo de serviço de todos os membros da ERI é, no máximo, de seis anos.

A ERI dispõe dum Secretariado Internacional, coordenado por um casal Secretário-Geral que se encarrega, em particular do aspeto administrativo e do funcionamento da ERI, estando ao serviço do Movimento em todo o mundo.

A coordenação das **Zonas de Ligação**, que englobam todas as Supra Regiões, Regiões e Sectores ligados diretamente à ERI, está a cargo de Casais membros da ERI.

A ERI pode-se rodear de equipas de serviço intituladas “**Equipas Satélites**” de carácter internacional, que vão discernir sobre assuntos importantes para o Movimento, elaborando a documentação correspondente para ser apreciada e aprovada pela ERI. Estas equipas de serviço são coordenadas também por um Casal, membro da ERI.

A ERI deve reunir-se três ou quatro vezes por ano.

A responsabilidade e a missão da ERI são:

- Animar o Movimento no seu todo;
- Manter o Movimento em ligação à Igreja Universal;
- Velar pela fidelidade ao carisma fundador do Movimento;
- Exercer um planeamento a longo prazo;
- Garantir a unidade e a internacionalidade do Movimento, dentro da diversidade das culturas existentes;
- Desenvolver o Movimento; implantá-lo em particular nos países onde ele ainda não existe, fora das zonas de difusão das SR/RR;
- Elaborar e atualizar os documentos fundamentais sobre a pedagogia, a organização e as responsabilidades do Movimento;
- Organizar os Encontros Internacionais de seis em seis anos e elaborar as Orientações para os próximos seis anos.

6.3.7 O Colégio Internacional

O Colégio Internacional é uma instância de reflexão e de permuta de ideias, destinada a favorecer, a nível internacional, um exercício colegial da responsabilidade geral do Movimento. Tem a preocupação da unidade e da comunhão entre todos os seus membros.

O Colégio Internacional é composto pela ERI e pelos casais Suprarregionais. Reúne-se uma vez por ano numa sessão de trabalho de vários dias, para a qual são convidados, sempre que possível, os Conselheiros Espirituais e os Casais Responsáveis das Regiões ligadas diretamente à ERI, para participar na reflexão do Colégio.

Na Assembleia geral da Associação das Equipas de Nossa Senhora Internacional, os Casais que formam o Colégio - membros efetivos da Associação - pronunciam-se sobre a gestão das finanças internacionais, sobre os estatutos canónicos e sobre os princípios de funcionamento do Movimento.

O Colégio tem a preocupação de manter a unidade e comunhão profunda do Movimento, sempre em fidelidade ao seu carisma.

6.3.8 Casos Particulares

Sector ligado diretamente à ERI (SETR)

Este Sector é assim denominado porque não pode ser integrado, nem participar da vida de uma Região porque está geograficamente afastado. A responsabilidade define-se e exerce-se da mesma maneira que a de um Sector integrado numa Região.

A ligação de um Sector ligado diretamente à ERI é feita por um membro de uma equipa suprarregional ou da ERI. O Casal Responsável deste tipo de Sector é nomeado pela ERI, por proposta do seu Casal de Zona.

Região ligada diretamente à ERI (RR)

Esta Região é assim chamada por não estar integrada numa Supra-Região e que agrupa um número de equipas insuficiente para se tornar numa Supra-Região.

A responsabilidade de uma Região ligada diretamente à ERI define-se e exerce-se da mesma maneira que a de uma Região integrada numa Supra-Região.

O estatuto e as tarefas duma Região ligada diretamente à ERI diferem das de uma Região integrada nos seguintes pontos:

- É ligada diretamente por um membro da ERI (Zona);
- O Casal Responsável é escolhido e nomeado pela ERI, após a proposta feita pela RR;
- As tarefas de animação e de formação aproximam-se mais das de uma Supra-Região;
- Gere as finanças da sua RR.

6.3.9 Estruturas Intermédias Temporárias

Em certas circunstâncias, geralmente por razões de ordem geográfica, nomeadamente quando as distâncias são muito grandes, podem-se formar estruturas intermédias e temporárias para favorecer a animação e a expansão do Movimento.

Os casais animadores destes escalões intermédios têm uma responsabilidade e um tempo de serviço semelhante à do casal responsável de Sector ou do casal Regional, respetivamente.

Pré-Sector

Chama-se assim a um grupo de equipas suficientemente próximas umas das outras para poderem ter uma animação comum, mas que:

- São em número demasiado pequeno para formar um Sector (inferior a cinco equipas) e/ou estão afastadas dos Sectores existentes para neles serem integrados;
- Não dispõem de quadros suficientes e devidamente formados.

Pré-Região

Chama-se assim a um grupo de Sectores demasiado pequeno (inferior a 3) para formar uma Região, demasiado afastados da Região mais próxima para nela serem integrados e que necessitam de uma estrutura de animação que facilite a comunicação com o escalão de responsabilidade ao qual estão ligadas.

7 – A VIDA DAS EQUIPAS de NOSSA SENHORA COMO MOVIMENTO

FUNÇÕES

As estruturas atuais do Movimento não decorrem duma organização determinada desde o seu início: surgiram antes para responder a necessidades da vida das equipas, tais como **a Animação, a Ligação, a Formação e a Difusão**. São estas as Funções que todos escalões de responsabilidade do Movimento devem promover, de acordo com a missão atribuída a cada.

7.1 ANIMAÇÃO ESPIRITUAL

Animar⁴ significa dar alma, é conduzir a vida, ou como dizia o Padre Caffarel, “*é preciso Ensinar a Viver*”.

Animar é olhar com amor, descobrir, confirmar e fazer apelo ao que de melhor há em cada pessoa, em cada casal, em cada equipa, Sector, Região, Província, Supra-Região.

O Padre Caffarel dizia que um responsável tem por função “*Insuflar a alma*”, ou seja, lançar continuamente um sopro que desperte para a vida, que permite à pessoa crescer e progredir no seu caminho, descortinar novos horizontes, descobrir a alegria de viver sobre este caminho.

Mais do que projetos, transmissão de regras, normas ou conceitos, o casal responsável deve ser capaz de transmitir o exemplo do seu entusiasmo, a alegria da sua própria vida. Trata-se de abrir as possibilidades para que cada casal das suas equipas faça uma verdadeira experiência de encontro com o Senhor Jesus.

Quando se fala em animação espera-se, acima de tudo, atingir o sentido espiritual do termo e trazer o maravilhoso mistério de amor e da força de Deus para a vida dos casais. Trata-se de conduzir as equipas a compreender a presença de Jesus no meio da pequena comunidade que se reúne em Seu nome para acolher o amor do Pai e partilhá-lo entre todos.

⁴ Animar é um termo derivado do latim “anima” que significa “alma”.

Animar é possibilitar aos Responsáveis promover e organizar atividades com vista a criar e manter a unidade e coesão dentro da estrutura de que são responsáveis, pelo conhecimento recíproco das equipas e a sua ligação ao Movimento.

Os membros das Equipas são convidados a integrar-se e a colaborar na vida do Movimento, prestando-lhe uma colaboração gratuita e leal. Além das reuniões de equipa e das reuniões de trabalho dos diversos escalões, outras atividades mais formais ou oficiais são organizadas, tais como:

7.1.1 Encontros de Sector, de Região, de Província e de Supra Região

Uma vez por ano, pelo menos, um encontro é organizado em cada Sector, Região, Província ou Supra-Região, para congregar todos os casais e particularmente os que tenham responsabilidades específicas no Movimento. É uma oportunidade para rezar juntos, construir a unidade e a comunhão, permutar ideias e experiências, propor orientações, formar, encontrar os responsáveis locais do Movimento e trocar informações sobre a evolução a nível de Sector, Região, Província ou Supra-Região.

A nível de Sector, a Animação Espiritual deve abranger todos os equipistas segundo um programa anual de atividades adaptada às características e necessidades dos casais das equipas de base.

7.1.2 Encontros Internacionais

O Movimento organiza Encontros Internacionais de seis em seis anos. São tempos fortes de oração, de permuta de ideias e de experiências, de orientação para as Equipas de Nossa Senhora, na sua internacionalidade.

As “**Orientações**” para os casais de todo o mundo representam as prioridades do Movimento para os anos seguintes, propostas a partir da observação da realidade e das necessidades dos casais.

Entre os Encontros Internacionais têm lugar os Encontros de Responsáveis Regionais, onde devem participar os responsáveis de Supra-Região, de Província e de Região.

Um Encontro Internacional é um sinal importante de unidade na internacionalidade do Movimento que reúne milhares de casais do mundo inteiro num ambiente de alegria e de louvor a Deus.

7.2 LIGAÇÃO

A necessidade e importância da Ligação, em geral, remontam às comunidades cristãs da Igreja primitiva que S. Paulo e os seus discípulos visitavam frequentemente, com a preocupação de organizar as Igrejas locais e velar pela pureza do coração e fidelidade à Fé.

Em 1947, também o Padre Caffarel, não podendo ele próprio assegurar a ligação a todas as equipas existentes, criou a figura do Casal de Ligação para assegurar uma boa comunicação entre as Equipas e o Centro Diretor do Movimento.

Num Movimento cuja vocação é o Amor, é prioritário que se descubram formas de manter vivo esse amor.

Uma equipa não caminha sozinha. Ninguém permanece isolado quando a seiva do amor passa continuamente através da comunicação, resultante da Ligação.

A Ligação, que deve ser feita num clima de oração, de amizade e de confiança, é indispensável para a construção de um espírito de comunidade e unidade, para dar o sentido de pertença ao Movimento e de fidelidade ao seu carisma fundador. A Ligação permite a comunicação entre as Equipas e o Movimento, bem como entre as próprias Equipas.

No Movimento, é o relacionamento entre as pessoas que importa, pelo que a Ligação deve comportar um sentido de serviço, identificando-se como uma função de construção, de união e de comunhão, através do aprofundamento e da entajuda, do diálogo e da partilha, realizando assim a animação e o crescimento espiritual dos casais e das equipas.

É a Ligação que permite o contacto regular e a comunicação interpessoal, o que fará funcionar com maior facilidade e eficácia a entajuda e a partilha das experiências vividas no sentido vertical (Equipas «» Movimento) e no sentido horizontal (Equipas Ligadas).

A Ligação é indispensável em todas as instâncias de responsabilidade e é particularmente importante entre as Equipas e o Sector, sendo esta ligação essencial para a vida das Equipas.

Os Casais de Ligação (CL) devem fazer parte integrante da Equipa de Sector e não podem ser elos passivos de uma cadeia, mas antes casais encarnados, ativos e interessados, através dos quais a seiva vivificante do Espírito Santo, verdadeiro construtor da comunhão e animador espiritual da ação, age.

O Casal de Ligação é enviado pelo Senhor como elemento dinamizador cristão, atento e discreto às equipas que lhe são confiadas. Devem estabelecer contactos pessoais e encontros com elas, através dos seus casais responsáveis, participando numa reunião mensal das equipas ligadas, ajudando assim os casais a serem evangelizados e a tornarem-se evangelizadores, de forma ajustada a cada situação na vida familiar, profissional e social.

É uma experiência largamente comprovada que a qualidade e a dinâmica das ENS dependem muito da forma como é feita a Ligação, que deve ser estabelecer um elo encarnado, vivo e dinâmico, que mantém unidas e interligadas as equipas de um Sector, deste à Região, desta à Província ou Supra-Região e ao Movimento em geral.

Muito mais que uma experiência de comunicação, a **Ligação é principalmente um verdadeiro anúncio de Boa Nova**: Tem uma **dimensão evangelizadora**, indispensável à construção do espírito de comunidade do Movimento, de forma a torná-lo uma “*equipa de equipas*”, vivas, abertas à Igreja e ao mundo.

7.3 FORMAÇÃO

A Formação nas ENS procura seguir o sopro do Espírito Santo e oferece aos casais uma pedagogia (método) que os ajudará a crescer na sua vida espiritual e de os identificar com a imagem de Cristo. Os casais das ENS têm também a responsabilidade de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo a todos os casais do mundo para os ajudar no seu caminho de santidade.

Para cumprir corretamente esta missão, os casais devem estar bem preparados com uma formação sólida e permanente. As ENS têm a consciência de ter recebido um carisma particular, o de caminhar em casal (espiritualidade conjugal) para a santidade. Estão empenhadas em propor as riquezas deste dom aos casais que o desejarem.

A Formação tem por finalidade acionar este processo de transmissão, permitindo o testemunho do carisma do Movimento.

“As ENS são uma escola de formação permanente para os casais. Não se trata apenas de aprofundar os conhecimentos da nossa fé, mas de praticar o discernimento cristão, que faz atuar tanto a razão como o coração na procura de uma coerência mais estreita entre a fé e a vida.”

(O Segundo Fôlego, 1988)

A organização da Formação deve responder a uma certa coerência e tomar em consideração a continuidade e a gradualidade que existe na vida dos casais e das equipas.

O fio condutor da formação nas ENS é um eixo dinâmico que faz a ligação entre todos os tipos de formação. Este fio condutor permite aos casais aprofundar a sua espiritualidade conjugal numa forma coerente, permanente e progressiva, no caminho para a santidade.

A formação nas ENS deve ser permanente, pois acompanha os casais nas diversas fases da sua vida.

7.3.1 Características

As características da Formação nas ENS são as seguintes:

- **UMA FORMAÇÃO ESPIRITUAL** - Toda a formação é acima de tudo espiritual. O nosso caminho nas equipas deve ser antes de tudo espiritual, isto é, orientado para Cristo. Ele é o centro da nossa vida, é o nosso guia e o nosso pastor.
- **UMA FORMAÇÃO ENCARNADA NA REALIDADE** - A formação deve interpelar e ajudar a discernir a vontade de Deus sobre o casal e sua família. Isto não será possível se se limitar a uma simples transmissão de conteúdos. Deve-se mostrar pelo testemunho e pela

experiência como a vocação ao amor está encarnada na realidade da nossa vida.

- **UMA FORMAÇÃO EXPERIMENTAL** – Trata-se dum modelo de formação baseado sobre «*a experiência na existência*». Esta formação apoia-se sobre a dinâmica da reunião de equipa, durante a qual os casais partilham não somente os seus conhecimentos, mas também a sua experiência. É, portanto, um lugar de renovação da vida espiritual. A equipa passa por diferentes etapas no seu crescimento espiritual e é necessário que lhe sejam propostas ajudas apropriadas para cada uma dessas etapas.
- **UMA FORMAÇÃO FLEXÍVEL E GRADUAL** - A formação deve ser gradual e paciente, tendo sempre em conta o essencial e respeitar o tempo necessário ao percurso de cada casal. Deve adaptar-se às diferentes etapas da vida dos casais e das equipas, às diferentes culturas e formas de viver a fé.
- **UMA FORMAÇÃO INTERNACIONAL** – A formação deve ter uma perspectiva de comunhão e unidade, na vivência da internacionalidade do Movimento, seguindo uma linha diretriz com a finalidade de ajudar os casais a viver melhor o carisma e a pedagogia das ENS de maneira dinâmica, caritativa e fiel.

7.3.2 Plano de Formação

O Plano de Formação compreende três tipos de formação:

- **FORMAÇÃO INICIAL:** fase de “*iniciação à vida*” das ENS.
- **FORMAÇÃO PERMANENTE:** fase de “*vida em equipa*”.
- **FORMAÇÃO ESPECÍFICA:** fase para os casais “*chamados ao serviço*”.

Deve ser assegurada uma continuidade entre a Formação **Inicial** e a Formação **Permanente**, pois elas sucedem-se no tempo.

A Formação **Específica** aplica-se a um universo limitado de casais, em função dos serviços que asseguram.

As Sessões de Formação são momentos importantes na vida das Equipas. A sua finalidade é formar espiritualmente os casais e aprofundar o seu conhecimento sobre o espírito e os métodos do Movimento. Graças a esta possibilidade de aprofundar a proposta de vida das ENS, os equipistas sentem-se mais seguros nos seus compromissos. Conhecem e vivem melhor o Movimento e sentem-se por isso mais capazes de assumir as suas responsabilidades.

Os casais das ENS acompanham ainda casais inseridos em comunidades cujos objetivos são a aprendizagem da vida em comunidade e a formação catequética, que abordaremos no final do capítulo sob o tema “**Formação para acompanhamento de atividades exteriores ao Movimento**”.

Embora esta formação seja exterior às ENS, muitos casais, terminada esta formação catequética, entram para as Equipas.

7.3.2.1 Formação Inicial

A Formação Inicial apoia-se no testemunho. Visa transmitir o carisma e o projeto do Movimento, a saber aprofundar, graças à entejuda em equipa, o sentido do Sacramento do Matrimónio, apresentando-o como um caminho de amor, de felicidade e de santidade.

A Formação Inicial deve sempre incluir os princípios e os objetivos mais importantes da pedagogia das ENS, essenciais à unidade do Movimento.

As técnicas utilizadas, a pedagogia empregue e os documentos utilizados devem adaptar-se ao local, à cultura e à dimensão histórica local, que está sempre em evolução permanente.

Nesta Formação Inicial, está também incluída a integração das novas equipas no Movimento.

TIPOS DE FORMAÇÃO

- **PILOTAGEM**

▪ ENCONTRO DAS EQUIPAS NOVAS

PILOTAGEM

Esta etapa de formação é fundamental. É a etapa inicial da vida em equipa, tendo como finalidade transmitir, segundo a Carta, os conhecimentos base sobre a vida das ENS, sua pedagogia e organização, aos casais e conselheiro espiritual, com a ajuda de um Casal Piloto.

Um casal, denominado “**Casal Piloto**” acompanha a nova equipa durante alguns meses; transmitindo aos casais o conhecimento, o espírito e os métodos do Movimento, de uma forma gradual, explicando à nova equipa, em diferentes fases, a sua pedagogia. O Casal Piloto utiliza os documentos específicos para este serviço e **deve permanecer na equipa até ao final da pilotagem.**

A pilotagem tem como suporte os “**cadernos de pilotagem**” (entre 10 e 18, consoante cada SR/RR), que contêm as orientações e os conteúdos a tratar em cada mês. Assim, a pilotagem nunca deve ser inferior a um ano, podendo durar até dois anos.

O ritmo e a duração da pilotagem variam segundo o grau, mais ou menos profundo, do conhecimento e da adesão dos casais à proposta do Movimento, em referência à sua Carta.

A pilotagem das equipas é assegurada pelo Sector, mas cada Região deve estar sempre informada da evolução das pilotagens em curso; com efeito, é uma fase essencial para a vida futura das equipas e à sua integração no Movimento.

É essencial que se tenha muito cuidado na formação de uma nova equipa. A equipa de base é a célula mais pequena, mas a mais determinante para a vitalidade do Movimento.

ENCONTRO DE EQUIPAS NOVAS

Este Encontro dirige-se principalmente aos casais das equipas em fim de pilotagem ou que a concluíram há pouco tempo. Durante um fim-de-semana, os casais têm a oportunidade de esclarecer todos os

pontos da pedagogia das ENS, celebrando com casais de outras equipes a sua chegada e a sua integração no Movimento, adquirindo ao mesmo tempo uma visão global do mesmo.

Estes Encontros, que marcam o fim da pilotagem das equipes, devem ser organizados a nível da Supra-Região, Província ou Região, com a participação de várias Equipes Novas (cerca de 30 casais). Os Encontros são animados por uma equipa de formadores com o perfil adequado a este tipo de formação. A participação de todos os casais da equipa é necessária e indispensável.

«Depois da pilotagem, uma sessão de formação inter equipes ajudará a consolidar, com outros casais, o que foi apreendido e assimilado.»

(O Segundo Fôlego, 1988)

7.3.2.2 Formação Permanente

A Formação Permanente propõe-se acompanhar e apoiar os casais das ENS no seu caminho para a santidade, durante as diferentes etapas da sua vida.

Esta formação realiza-se de três formas fundamentais:

- Pela **Vida quotidiana em Casal**, que é um caminho para a santidade;
- Pela **Vida da Equipa**, com a entreaajuda e permuta de ideias e experiências dos casais;
- Pelos **Encontros de Formação**

Em complemento destes três elementos fundamentais que participam na formação dos casais, vários outros meios podem favorecer a permuta das ideias e das experiências, tais como a carta das Equipes, o Site Web, os temas de estudo, os documentos e as orientações das ENS.

Está à disposição de todos os equipistas na internet uma plataforma de formação cristã à distância, com os “*albergues*” que abordam várias temáticas importantes na formação catequética.

A elaboração dos projetos de atividades para o ano seguinte pelas equipas das Supra Regiões, Províncias, Regiões ou Sectores é um momento muito importante. Não se devem abandonar os caminhos que se revelaram eficazes no passado, mas é também importante que estejamos atentos aos “*sinais dos tempos*” para modificar o programa, se for útil para os casais.

Não é suficiente “*aprofundar os conhecimentos da nossa fé, se não praticarmos o discernimento humano e cristão, pondo em competição o coração e a razão, numa procura de coerência mais estreita entre a fé e a vida.*”

(O Segundo Fôlego, 1988)

Etapas de Formação

A Formação Permanente no seio das ENS diferencia-se em função de quatro etapas, que caracterizam a vida das equipas a partir do fim da pilotagem.

- **Etapa «Equipas em Caminhada – Fé e Vida»:** depois da pilotagem, as equipas começam o seu caminho. É um percurso caracterizado por temas adaptados à consolidação inicial da equipa, não sendo necessário que coincidam com os temas de estudo anuais. A reflexão envolve os principais aspetos do amor conjugal, da vida de fé, pessoal e em casal, e da pedagogia das ENS.
- **Etapa «Equipas em Comunhão – Vocação e Missão»:** a escolha dos temas de estudo anuais pertence livremente às equipas. Graças a estes temas, à partilha e ao pôr em comum, os casais prosseguem o seu caminho sobre a sua vocação e missão.
- **Etapa «Novo Fôlego»:** a equipa, depois de alguns anos, pode sentir a necessidade de se revivificar ou de voltar às origens do seu compromisso para se projetar no futuro, renovando-se.
- **Etapa «Equipas em Aprofundamento»:** a equipa, com mais de 20 anos de existência, é convidada a um aprofundamento da fé dos casais e a um melhor conhecimento do Movimento.

Encontros de Formação:

Para cada uma destas etapas, as SR/RR deverão identificar as ferramentas de formação adaptadas ao caminho a percorrer. Os Encontros de Formação Permanente serão animados por equipas de formadores-animadores, coordenados a nível da Supra-Região, da Província ou da Região, em função das necessidades e culturas locais.

Está previsto que no fim de cada etapa haja um Encontro, com a designação correspondente, organizada pelos respetivos responsáveis. Estes Encontros são **destinados a toda a equipa**, convidada a parar e a refletir, a examinar o caminho percorrido, a permutar experiências com outras equipas, a fazer propostas e a aceitar compromissos para o caminho.

Sempre que possível, é importante que estes Encontros mantenham a estrutura da reunião de equipa, com um momento de oração comum, de escuta, de testemunho ou duma comunicação. Haverá também um tempo para os casais permutarem os seus pontos de vista sobre um determinado assunto, à luz da sua experiência. Desta forma o conhecimento entre os casais de diferentes equipas é facilitado; por outro lado permite fazer circular as ideias e as experiências, o que é muito enriquecedor para todos.

7.3.2.3 Formação Específica

A Formação Específica tem por objetivo a preparação dos casais chamados a servir o Movimento, como responsáveis ou como formadores. Destina-se aos casais que vão cumprir uma missão ou assumir uma responsabilidade. Cada formação específica tem por finalidade acompanhar e apoiar os casais chamados a um determinado serviço nas ENS.

Os principais objetivos da Formação Específica são:

- Esclarecer os casais sobre o espírito de serviço e de responsabilidade.
- Desenvolver a missão apostólica e evangelizadora de um casal das ENS.
- Transmitir os conhecimentos específicos necessários às tarefas a cumprir e enquadrar os meios de ação, de forma a preservar o espírito e a unidade do Movimento.

A formação deve ser proposta no início do serviço, sempre que possível. Toda a participação numa equipa de serviço (Sector, Região, Província, Supra-Região) deve ser também ocasião de formação. É preciso evitar que as equipas de serviço se limitem a ser local de troca de informações ou de pura organização de atividades.

Na organização das Sessões/Encontros de Formação é desejável chamar ao serviço o maior número possível de equipistas, para que tomem consciência que o serviço é necessário, normal e gratificante.

Sessões de Formação:

Uma Sessão de Formação dura normalmente um fim de semana. É um tempo forte de oração, de amizade e de partilha para os casais participantes, que se encontram imersos no ambiente das ENS com outros casais provenientes de equipas diferentes.

Para implementar nas SR/RR os diversos tipos de formação constantes no Plano de Formação foram criadas **as Equipas Itinerantes de Formação**, de cariz internacional (*Task-force*). São equipas de serviço, multilíngues, constituídas por casais nomeados pela ERI, para animar as sessões experimentais e preparar os formadores locais para os diferentes tipos de formação. Estes casais deslocam-se às SR/RR/SETR, sempre que por estas forem solicitados.

Tipos de Formação

A relação que se segue é apenas uma referência dos diferentes tipos de formação possíveis neste domínio. Cada Supra-Região, Província ou Região desenvolverá aqueles que lhe parecerem mais adaptados ao seu contexto particular.

Formação de Casais para a Iniciação e Ligação

- Sessões de Formação de **Casais de Informação**
- Sessões de Formação de **Casais Pilotos**
- Sessões de Formação de **Casais de Ligação**

Formação de Casais Responsáveis

- Sessões de Formação de **Casais Responsáveis de Equipa**
- Sessões de Formação de **Casais Responsáveis de Sector**
- Sessões de Formação de **Casais Responsáveis de Região**

Informação/Formação para Conselheiros e Acompanhantes Espirituais

Encontro de Formadores

- **Sessões de Preparação das Equipas de Formadores/ Animadores para:**
 - Encontro de **Equipas Novas**
 - Encontros de **Formação Permanente**
 - Encontro “**Equipas em Caminhada – Fé e Vida**”
 - Encontro “**Equipas em Comunhão – Vocação e Missão**”
 - Encontro “**Novo Fôlego – Novo impulso da equipa**”
 - Encontro “**Equipas em Aprofundamento**”
- **Sessões de Preparação das Equipas Itinerantes de Formação (Task-force)**

7.3.3 Formação para o acompanhamento de atividades exteriores ao Movimento

Os casais das ENS receberam uma série de dons que deram frutos no seio do Movimento, mas também devem estar disponíveis e preparados a participar em atividades apostólicas no exterior do Movimento. Os dons recebidos transformam-se em tarefas. O seu próprio amor conjugal tem uma fecundidade que se abre aos outros.

«Hoje é preciso partir de uma realidade diferente, a falta de formação cristã de base requer uma catequese de iniciação no domínio conjugal e comunitário, para além da formação propriamente religiosa»

(O Segundo Fôlego, 1988)

Os casais, enriquecidos e sustentados pela vida do Movimento, os casais das ENS são incentivados a envolver-se nas necessidades das suas comunidades paroquiais, ao serviço da Igreja.

É muito importante que os equipistas estejam disponíveis e bem preparados, através duma formação adequada e permanente, para poderem ajudar outros movimentos e outras atividades pastorais e assim contribuir ativamente para o engrandecimento do Reino de Deus.

7.4 DIFUSÃO

O Movimento das Equipas de Nossa Senhora, como um presente do Espírito Santo, é confiado aos bons cuidados de todos os seus membros. A responsabilidade da sua difusão e o seu desenvolvimento deve ser exercido de forma a permitir que outros casais vivam este dom de Deus: O casamento cristão é um caminho de amor, felicidade e santidade.

Esta responsabilidade, que deve ser assumida por todos os casais das ENS, comporta três atividades:

- **Difusão propriamente dita** – Conduzir outros casais a descobrir como podem aprofundar a espiritualidade conjugal e os valores do matrimónio cristão.
- **Informação** - É a etapa seguinte à difusão. Consiste em apresentar as Equipas de Nossa Senhora duma forma simples e baseada no testemunho a um grupo de casais que as querem conhecer.
- **Expansão** – É o culminar da difusão, é o seu “*produto final*”, que permite promover e renovar o Movimento em si mesmo, pela criação de equipas novas.

7.4.1 A Difusão propriamente dita

Difundir o Movimento é dá-lo a conhecer, é divulgá-lo, é informar da sua existência e que nos ajuda na nossa caminhada em casal para Cristo.

Na difusão, não somente o Movimento das ENS é apresentado aos casais, mas é igualmente importante apresentá-lo a todos os níveis da estrutura da Igreja, paroquial e diocesana, bem como aos organismos que trabalham com casais e com a família, com os quais devem ser estabelecidos contactos para uma conjugação de esforços.

Assim, todos os casais, e cada um em particular, devem estar sensibilizados para o seu importante papel na difusão do Movimento. **A Difusão é tarefa de todos.**

7.4.2 A Informação

O trabalho de Informação tem como finalidade explicar, com toda a clareza e objetividade, o que é o Movimento, suas riquezas e suas exigências. Numa reunião/encontro com os casais que querem conhecer as Equipas de Nossa Senhora, apresentam-se os seus objetivos, a sua proposta, os seus meios e a sua pedagogia, apoiando-se nos documentos do Movimento. Trata-se também de mostrar a importância das ENS para os casais e famílias e como hoje estão inseridas na Igreja.

É também fazer conhecer a pequena comunidade que é a Equipa, que se reúne em nome do Senhor, onde se pratica a entreatjada, onde se dá e se acolhe o testemunho que nos enriquece e incentiva.

A atividade de Informação deve ser organizada a nível de Sector por Casais Informadores que devem receber a formação adequada para o efeito. A maneira de proceder pode variar de Sector para Sector, em função do contexto local e dos carismas próprios dos casais encarregados dessa tarefa.

7.4.3 A Expansão

Expandir o Movimento é estender a outros casais a forma de viver o sacramento do matrimónio, com a entreatura em equipa. É dar-lhes a possibilidade de fazer a experiência de viver em comunidade e de sentir como é gratificante ajudar e ser ajudado, incentivar e ser incentivado.

A Expansão, ao levar à criação de novas equipas, exige que o Movimento esteja preparado para as acolher e para lhes dar os meios necessários à sua iniciação, formação e crescimento.

Todos os níveis de responsabilidade do Movimento devem estar despretos para a necessidade de Expansão. No entanto, o papel do Sector é determinante. Cada equipa de Sector deve estabelecer planos de difusão e expansão do Movimento na sua área de ação.

Em espaços metropolitanos ou de grande concentração de Sectores ou em espaços em que não haja ainda Equipas, esta responsabilidade pode concentrar-se a nível de Região e até de Província ou Supra-Região.

A responsabilidade pela difusão e expansão em locais onde ainda não há Sectores pertence à Região ou à Província respetivas. A Supra-Região, em coordenação com a ERI, tem a responsabilidade pela difusão e expansão do Movimento em países onde ainda não existam equipas.

Um Movimento que não se renova e que vive virado para si próprio, estagna e morre.

8 – A VIDA DAS EQUIPAS de NOSSA SENHORA COMO MOVIMENTO

SERVIÇO / RESPONSABILIDADE

Os membros das Equipas são convidados a integrar-se e a colaborar na vida do Movimento e nas suas estruturas, prestando uma colaboração gratuita e leal. Além das reuniões de equipa e das reuniões de trabalho dos diversos escalões, outras atividades mais formais ou oficiais estão a cargo dos equipistas chamados a uma responsabilidade.

“Se alguém presta um serviço, faça-o como um mandato recebido de Deus”.

(1 Pd 4,11)

8.1 APELO AO SERVIÇO

Toda a responsabilidade nas ENS é um Serviço.

“Uma responsabilidade espiritual é sempre um apelo do Senhor e não pode ser deturpada. Quer dizer, é preciso manter a união com Cristo que nos confiou essa responsabilidade.”

(Padre Roger Tandonnet)

O Senhor chama-nos, não pelos nossos méritos, mas porque pousou o Seu olhar sobre nós, chamando-nos pelo nosso nome, individualmente e em casal.

“Pousando sobre ele o Seu olhar, diz:’ Vem e segue-Me’”

(Mc 10,21)

O apelo do Senhor é, acima de tudo, de sua iniciativa, não da nossa. Respondamos ao seu olhar de amor pousado sobre nós como casal, confiando totalmente Nele.

Logo que nos apercebemos do Seu apelo, pomo-nos à escuta do Senhor, como fazia Samuel:

“Eis-me aqui, pois me chamaste.”

Muitas vezes, entre os homens, “*responsabilidade*” é sinónimo de força e de poder. Quando Cristo lavou os pés dos seus discípulos, mostrou-nos uma outra maneira de exercer a nossa responsabilidade: nas Equipas de Nossa Senhora pomos-nos ao serviço dos nossos irmãos e irmãs. Nas Equipas, a responsabilidade é um convite a um amor maior e todas as responsabilidades são apelos ao serviço. É este o espírito de serviço nas Equipas de Nossa Senhora.

8.2 ETAPAS DO APELO

A rotação dos responsáveis é uma fonte de graças das ENS, mas é necessário criar critérios de procedimento que favoreçam a unidade do Movimento.

Na substituição dos casais responsáveis deve-se fazer um bom discernimento, uma escolha colegial, uma celebração adequada e uma boa transmissão do serviço.

As etapas a desenvolver no processo de substituição dos responsáveis são indicadas a seguir e devem ser escrupulosamente respeitadas.

Este processo deve ser iniciado um ano antes do fim do tempo de serviço do casal a substituir.

1ª etapa – Discernimento e Processo de Escolha

É o Senhor que chama. Só com uma oração fiel e assídua o Espírito Santo estará presente para nos ajudar na escolha.

- Na escolha dum novo casal para um serviço, o Casal Responsável em exercício deve apresentar à equipa responsável o nome dos casais elegíveis, que estão ou estiveram ao serviço nesta instância de responsabilidade. É essencial que a apresentação dos elegíveis seja partilhada no seio da equipa responsável.
- O discernimento e a escolha do casal responsável da instância considerada devem ser feitos no seio da sua equipa de serviço. Os casais que a constituem devem propor um certo número de casais suscetíveis de serem escolhidos e dar-lhes uma ordem de prioridade.

- O fim desta primeira etapa concretiza-se por uma lista mais reduzida dos três casais mais votados por decisão colegial, por ordem de prioridade, depois do escrutínio realizado pelo casal responsável e pelo padre conselheiro espiritual.
- O Casal Responsável da instância considerada deve marcar um encontro com o casal responsável da instância imediatamente superior ou, no mínimo, enviar uma proposta com os três nomes escolhidos, por ordem de prioridade. Deve juntar fichas com fotografia e perfil de cada casal candidato (idades, profissões, anos de casamento, número e idade dos filhos, línguas que falam, anos de permanência e natureza dos serviços prestados nas ENS, observações que possam melhor esclarecer a instância superior.)

2ª etapa – Decisão e Apelo

A escolha e o convite formal são sempre feitos pela entidade imediatamente superior ao escalão onde se processa a substituição:

- O Casal Responsável da instância imediatamente superior apresenta, na reunião da sua equipa de serviço, os três nomes propostos por ordem de prioridade, a fim de que a escolha do futuro Casal Responsável seja feita de forma colegial.
- O apelo ao futuro Casal Responsável é feito pelo Casal Responsável da instância superior, depois duma pré-consulta da entidade que vai ser substituída.
- No caso dos Casais Responsáveis das SR/RR, é a ERI que faz a escolha e o convite.

Todo o processo de discernimento e de apelo deve ser acompanhado por sigilo e descrição antes, durante e depois da escolha.

3ª etapa – Passagem de serviço

A passagem de serviço deve incluir um processo de transmissão de informações e de orientações do antigo responsável para o novo, fruto da sua experiência e conhecimentos. Deve ser um verdadeiro trabalho em comum, que deve ser bem preparado e executado.

- A substituição oficial dos casais responsáveis das SR é realizada no Colégio Internacional. No entanto, pode haver uma celebração de passagem de serviço na própria SR, no início das atividades do ano, sempre depois do Colégio.
- A substituição oficial dos casais responsáveis das Províncias, Regiões, Sectores deve ser realizada numa celebração de passagem de serviço nas respetivas instâncias, no início das atividades do ano.

8.3 O EXERCÍCIO DA RESPONSABILIDADE E DA COLEGIALIDADE

O exercício da responsabilidade é baseado no sentido do serviço. O seu modelo é Jesus que lava os pés aos seus discípulos.

A responsabilidade e a colegialidade são dois dons dados ao Movimento desde a sua origem, e é por isso que devem ser exercidos de maneira a servir e a exprimir a realidade dos casais e das equipas. Esta maneira de viver a responsabilidade implica o reconhecimento e o serviço ao outro, o respeito mútuo, a confiança, a abertura e uma ligação recíproca entre todos.

Os princípios fundamentais da responsabilidade nas Equipas de Nossa Senhora são:

- **A responsabilidade é antes de tudo espiritual**, isto é recebida do Senhor;
- **A responsabilidade é assumida em casal**: os equipistas são chamados ao serviço em casal. Eles devem ser fiéis à missão recebida, assumindo-a com rigor e criatividade;
- **Prática da Colegialidade**: em toda a responsabilidade, a análise dos assuntos, o discernimento e as decisões não são confiadas a um casal “leader”, mas devem ser partilhadas em colegialidade. O casal que assegura um serviço não o deve exercer como um poder, mas sim favorecer a comunhão, a corresponsabilidade e a unidade com os outros equipistas;

- **Alternância:** Um casal que presta um serviço deve ter consciência que um outro casal, depois dele, assumirá o mesmo serviço. A alternância na responsabilidade (de 3 a 6 anos) garante uma visão mais abrangente do Movimento e permite à comunidade das ENS enriquecer com os dons de cada um.

Assumir um serviço implica um bom conhecimento do objetivo do trabalho pedido e do Movimento. Toda a responsabilidade que se exerce no Movimento tem um tempo limitado: a duração varia segundo as diferentes instâncias de responsabilidade (**Setor: 3 anos; Região: 4 anos; Província e Supra-Região: 5 anos, ERI: 6 anos**).

O Casal Responsável desenvolve, na sua equipa de serviço, a prática da **Comunhão**, da **Colegialidade** e da **Corresponsabilidade**.

A Colegialidade é o pôr em comum de “dons” diversos e complementares que o Espírito dá a cada um, para que, em conjunto, se encontre a verdade e uma unidade mais profunda entre todos.

A Colegialidade deve implicar:

- **Busca comum da verdade;**
- **Procura de comunhão e consenso;**
- **Estabelecimento de confiança;**
- **Processo de coresponsabilidade e de decisão;**
- **Aceitação sem reservas da decisão comum;**
- **Avaliação**

A Colegialidade deve ter um papel profético, interpretando os sinais dos tempos e estando ao serviço da Evangelização.

A Colegialidade baseia-se nos seguintes princípios:

- **Igualdade** – confere a todos os mesmos direitos e deveres;
- **Transparência** – estimula a livre expressão de quem quer falar com liberdade e confiança;

- **Discussão ou debate** – favorece a reflexão e o discernimento colegial dos assuntos em relação ao simples debate de opiniões ou de convicções;
- **Equilíbrio entre colegialidade e responsabilidade** – é um bom indicador para verificar que o sentido de serviço, de abertura e de responsabilidade é mantido durante as permutas de ideias e as tomadas de decisão;
- **Cadeia de colegialidade** – mantém-se em toda a estrutura de responsabilidade e de serviço do Movimento.

Para que seja praticada a Colegialidade numa equipa de serviço de qualquer instância de responsabilidade, o Casal Responsável deve apoiar-se nas seguintes normas de funcionamento:

- Trabalhar em equipa, promovendo a amizade e a confiança;
- Valorizar as capacidades de cada um para as usar no serviço comum;
- Animar a equipa, estimulando a reflexão, o discernimento, a pesquisa e o debate;
- Participar com os outros casais de forma ativa e consciente nos objetivos das ENS, num clima de partilha, fraternidade e alegria;
- Agir sempre com caridade fraterna, garantindo que as ideias de todos sejam tomadas em consideração para obter o consenso nas tomadas de decisão;
- Quando o consenso não é alcançado e a decisão final é tomada pelo Casal Responsável, esta deve ser feita com amor e em consciência, com a ajuda da oração e num verdadeiro espírito de serviço;
- Depois de tomada a decisão, o exercício da responsabilidade deve integrar uma avaliação periódica, que irá garantir a validade da decisão dentro do espírito das ENS.

A Colegialidade é muito importante nas ENS, porque é mais do que um método de funcionamento, **é um estado de espírito**. Permite um verdadeiro discernimento no trabalho realizado em conjunto para melhor descobrir a vontade de Deus e revela também o sentido de serviço que toma em consideração a realidade da vivência dos casais.

As responsabilidades das diferentes instâncias do Movimento são explicadas em detalhe no documento:

“A Responsabilidade nas Equipas de Nossa Senhora”

8.4 INTERNACIONALIDADE

Depois da publicação da Carta, em 1947, as Equipas de Nossa Senhora expandiram-se gradualmente para os países vizinhos à França, mas a partir de 1950 atravessaram o oceano e chegaram ao Brasil e a outros países do continente americano, tornando-se assim um Movimento Internacional.

Os Estatutos Canónicos do Movimento, no seu artigo 1, confirmam esse carácter internacional, sempre em fase de desenvolvimento.

O Movimento das ENS está hoje implantado em mais de 90 países dos 5 continentes, mas a Internacionalidade não é somente isto.

O sentido verdadeiro da Internacionalidade passa pela compreensão de que:

- As ENS são um dom do Espírito Santo, abertas às necessidades dos casais de todo o mundo;
- As diferenças de línguas, de culturas e de realidades específicas são riquezas complementares que temos de dar a conhecer à grande comunidade das Equipas;
- Aceitar partilhar o essencial, respeitando os desafios da compreensão e do respeito de cada identidade, com a finalidade de nos fortalecer mutuamente graças aos dons de cada um;
- É um convite exigente a uma solidariedade cristã, a uma prática da entreatajuda fraterna, que se torna mais sensível e eficaz a partir

do profundo conhecimento de todos os países e do relacionamento entre as pessoas, realidades e culturas;

- É necessário entender o apelo à abertura para com os outros Movimentos, para ajudar à formação da Igreja.

Foi tentando afirmar e aperfeiçoar este sentido de Internacionalidade, que é uma grande riqueza para o Movimento, que a ERI criou, no Colégio Internacional de Houston (EUA) em 2001, quatro grandes Zonas de Ligação que reagrupam as equipas do mundo inteiro.

Na criação dessas Zonas, estiveram presentes duas ideias fundamentais para o funcionamento do Movimento: **Ligação e Internacionalidade**, com todas as suas características, riquezas, dificuldades e desafios.

Em cada Zona, encontram-se grandes diferenças sociais, culturais, linguísticas, que devem ser vistas como dons complementares para o desenvolvimento de todo o Movimento.

No decorrer do mesmo Colégio (Houston) foram igualmente criadas as Equipas Satélites (ES), que são equipas de serviço ligadas diretamente à ERI. Têm um carácter internacional, pois são constituídas por casais de países com línguas diferentes e o seu trabalho privilegia a colegialidade.

A Colegialidade e a Internacionalidade têm por objetivo comum encontrar a vontade de Deus para o Movimento, reforçando a unidade e a fidelidade ao espírito e ao carisma das Equipas de Nossa Senhora.

Promover e desenvolver a **Internacionalidade** do Movimento, na diversidade e na diferença, preservando sempre a sua **Unidade**, é um grande desafio para as ENS.

9 - A MISSÃO

As Equipas de Nossa Senhora são um Movimento que ajuda os casais, seus membros, a serem ativos na Igreja e no mundo.

O Movimento, como tal, pode participar a pedido da Igreja, na pastoral que ela organiza, nomeadamente, no domínio dos casais e da família.

9.1 VOCAÇÃO E MISSÃO

Amar é o grande testemunho que as ENS devem dar!

A espiritualidade conjugal proposta pelo Movimento é conhecer a Vontade de Deus para o casal e encarná-la na sua vida concreta. Esta espiritualidade retira a sua força da Graça do Sacramento do Matrimónio.

*“O Caminho de santidade que o casal escolhe iniciar no dia do seu matrimónio continua por toda a vida. É uma longa peregrinação que deve em cada dia afastar-nos do pecado para nos conduzir a Deus. Pelo sacramento do Matrimónio, a unção do Espírito Santo inunda os nossos seres e acompanha-nos. Como diz o Padre Louis de Raynal no seu livro “A Boa Nova do Matrimónio”, podemos falar do matrimónio como um sacramento permanente. A vocação do casal e da família para fazer da sua vida cristã uma vida de comunhão com Deus é acompanhada pelo amor de Cristo que une, restaura, aperfeiçoa lentamente o casal, “**obra prima de Deus**”, como afirma o nosso fundador. Conduzir cada casal unido pelo sacramento do matrimónio a transformar em Cristo a sua vida conjugal e familiar é claramente a intuição de base do nosso Movimento. Espiritualidade e ação enriquecem-se mutuamente.”*

(Vocação e Missão das ENS no limiar do terceiro milénio – 2018)

O que conta não é a importância do que fazemos, mas sim a necessidade de nos unirmos ao Senhor, numa entrega total, com um amor incondicional, qualquer que seja a fase da vida onde nos encontrarmos.

A Missão de cada um está no conteúdo da sua própria existência. De facto, a vocação não é algo que se cola à pessoa, ela faz parte integrante da identidade de cada um.

Quando o Padre Caffarel nos diz e nos interpela de uma forma bem clara sobre qual a missão dos casais das END, ele quer levar-nos a fazer frutificar os dons que gratuitamente nos foram dados no sacramento do matrimónio. Vocação e Missão estão sempre ligadas.

O discurso que o Papa Francisco fez às ENS, em Roma, a 10 de setembro 2015, constitui também rica base de trabalho, não só porque o Santo Padre insistiu no papel missionário dos casais, mas sobretudo por salientar a obrigação que temos de testemunhar e transmitir o que já recebemos nas ENS. O testemunho é muito mais persuasivo quando os outros nos vêm felizes e alegres.

9.2 MISSÃO DOS EQUIPISTAS

“O primeiro aspeto desta missão apostólica é o de fazer conhecer Deus, de proclamar o Seu amor. Com efeito, como dizia S. Paulo, o amor impele-nos a anunciar aos outros a Boa Nova e a partilhar as riquezas espirituais da vida com Deus.

O segundo aspeto desta missão apostólica é a consciência da paternidade responsável do casal, como lembrava o Papa João XXIII. O Padre Caffarel sublinhava que Deus nos confiou a tarefa de sermos, junto dos nossos filhos, testemunhas e profetas do Seu amor. A família é o meio onde se alimenta a fé, sendo ali que os filhos têm o primeiro contacto com a fé.

O terceiro aspeto desta missão deve levar os casais cristãos a interrogarem-se sobre o que devem fazer por todos aqueles que, no mundo, esperam a Boa Nova do matrimónio.”

(Vocação e Missão das ENS no limiar do terceiro milénio - 2018)

A Missão comporta uma mensagem libertadora e transformadora que começou primeiro no seio do casal, tendo conduzido a restabelecer a saúde espiritual do outro, como nos aconselha o Papa Francisco.

Missão é **Envio**, no sentido mais original: o envio transforma aquele que é enviado, permitindo-lhe estar em constante transformação.

Quem se coloca em missão não é sedentário, não adquiriu tudo, nem chegou ao fim. É nómada, itinerante, anda, percorre, caminha, não só em relação ao outro que ele procura, mas também em relação a si próprio.

A Missão transforma, impele-nos a ir mais longe, ela faz-nos amadurecer, obriga-nos a dar passos em frente, ela estimula também cada um de nós, não nos deixa contentar com o já adquirido, mas sente que existem feridas e sinais de fragilidade no outro. Estas fragilidades e feridas são, no fundo, também as nossas, quando passamos pelo caminho do outro.

Que a alegria da Boa Nova que nós tivemos oportunidade de conhecer e proclamar nos faça participar na esperança e na certeza da Salvação, fazendo de nós testemunhas vivas do que anunciamos: *“O homem contemporâneo escuta de bom agrado os testemunhos mais que os mestres ou quando escutam os mestres é porque eles são testemunhas.”*

(Evangelií Nuntiandi 41)

A Missão é uma ação centrada na **“Boa Nova”**. É uma ação eficaz, que conduz os outros a serem transformados graças ao testemunho que lhes damos, servindo de forma gratuita e humilde. Uma ação sem outros interesses senão o da felicidade, da qualidade de vida do outro; assim, ao darmos o nosso testemunho, o outro é conduzido a uma vida nova feita de alegria e esperança.

Em Roma, no seu discurso às ENS, o Papa Francisco *“convida-nos, uma vez que estamos fortificados com a graça de pertencermos às ENS, a partir em Missão, exortando-nos a estar próximos das famílias feridas ; quer pela ausência de trabalho, quer pelos problemas com os filhos, pela violência doméstica, ou ainda pela tragédia do divórcio, pedindo-nos que sejamos instrumentos da misericórdia de Cristo, compreendendo melhor o sofrimento a que tantos estão expostos”*.

“Se as Equipas de Nossa Senhora não forem um viveiro de homens e de mulheres prontos a assumir, corajosamente, todas as suas responsabilidades na Igreja e na cidade, perdem a sua razão de ser.”

(Padre Henri Caffarel)

Para realizar a sua missão, os casais das ENS devem sempre sustentar as suas ações na oração:

“Não é a oração a força que nos tira para fora de nós mesmos e nos lança ao serviço dos outros? É através dela que os meios humanos alcançam sua plena eficácia, e é ela que continua a poder, quando os meios mais nada podem fazer.”

(Padre Henri Caffarel)

9.2.1 Missão no Movimento

Os equipistas devem pôr os dons que receberam de Deus ao serviço da sua própria equipa, do seu Sector, da Região, do Movimento, em geral:

- Participar num esforço comum para viver plenamente a comunidade onde estão inseridos e aumentar a ajuda mútua;
- Dar apoio àqueles que respondem ao apelo para um serviço e aceitam uma responsabilidade;
- Contribuir para as novas iniciativas que são lançados em resposta às crescentes aspirações dos casais.

“A ninguém é permitido permanecer inativo.”

(João Paulo II, Christifidelis Laici)

9.2.2 Missão na Igreja

As Equipas de Nossa Senhora, enquanto tais, não se empenham numa ação de conjunto e determinada, pois cada casal deve descobrir o apelo que o Senhor deseja que ele responda. Mas essa liberdade, muito fecunda na variedade de compromissos, não deve fazer esquecer que o Movimento tem um carisma que lhe é próprio. Por isso, os casais devem:

- *“Abrir-se a outros meios sociais e preocuparem-se com as necessidades do seu país, de preferência com aquelas que são assinaladas pelas Igrejas locais.”* (O Segundo Fôlego – 1988)
- *“Responder ao apelo da Igreja para uma nova evangelização, fundada no amor e na vida de família.”* (Vocação e Missão das ENS no limiar do terceiro milénio – 2018)

“Hoje, a Igreja tem mais necessidade de leigos casados com uma boa formação, em que a fé e a vida se alimentam mutuamente. Os casais cristãos têm também um dever missionário e um dever de ajuda em relação aos outros casais, aos quais desejam transmitir a sua experiência e manifestar que Cristo é a fonte de toda a vida conjugal.”

(João Paulo II – 50.º aniversário da Carta)

A Igreja reconhece que os casais cristãos, pela graça do sacramento do matrimónio, são os principais agentes da pastoral familiar Não se trata de

expor teorias nem de impor doutrinas, mas de mostrar a partir da experiência dos atrativos do amor conjugal e familiar, que respondem aos anseios mais profundos do ser humano.

A ideia duma “*Igreja em saída*” que o Papa Francisco promete, associa um sentimento de ação à prática do acolhimento. No seu discurso às Equipas de Nossa Senhora (Roma 2015), o Santo Padre desafia-nos em primeiro lugar a pôr em prática a **espiritualidade conjugal**, vivendo-a em profundidade, em permanência e com perseverança, lembrando-nos igualmente que esta espiritualidade, se não for missionária, fica a meio do caminho.

Recebemos bastante de Cristo e da Igreja nas Equipas de Nossa Senhora e por esta razão o Movimento sente-se irresistivelmente enviado para o exterior no sentido de testemunhar e transmitir o que tem recebido. Como o Padre Caffarel desejava, as Equipas devem ser uma “*força de vanguarda*” duma Igreja que sai do seu próprio conforto ao encontro dos mais frágeis.

É um apelo comunitário e um apelo pessoal: A Nova Evangelização implica um novo compromisso de cada casal e não de atores qualificados. A consciência dos nossos limites será um estímulo permanente para não se ficar na mediocridade e prosseguir no caminho da santidade: a missão abre um caminho de formação e de maturação.

9.2.3 Missão no mundo

Hoje a internacionalidade, a diversidade étnica e cultural, as diferenças socioeconómicas, as comunidades ligadas a outros ritos católicos estão à porta das nossas casas, ou não longe num quarteirão vizinho. É tempo de fazer cair numerosas barreiras na expansão do Movimento e na difusão da Boa Nova que a acompanha.

(Vocação e Missão das ENS no limiar do terceiro milénio – 2018)

Os casais são chamados a ser fermento de renovação na Igreja e no mundo e a mostrar, através de seu testemunho, que:

- O casamento está ao serviço do amor;
- O casamento está ao serviço da felicidade;

- O casamento está ao serviço da santidade.

“Muitos lares vos ficarão gratos pela ajuda que assim lhes haveis dado. Evidentemente, hoje, a maior parte dos casais tem necessidade de ser ajudados.”

(Paulo VI às ENS – 1976)

9.3 MISSÃO DO MOVIMENTO

“As Equipas de Nossa Senhora têm um objetivo específico e direto: ajudar os casais a viver plenamente o seu sacramento do Matrimónio. Têm, simultaneamente, um objetivo missionário: anunciar ao mundo os valores do casamento cristão, pela palavra e pelo testemunho de vida.”

(O Segundo Fôlego - 1988)

As Equipas de Nossa Senhora devem responder ao apelo da Igreja, mantendo a sua identidade. Viver em missão, a partir do nosso carisma, implica realizá-la em casal, partilhá-la em equipa e apoiar-se sobre o impulso e proteção do Movimento.

*“Nesta nova etapa, o Movimento assume conscientemente o sentido real da sua missão na Igreja e no mundo. Por isso, reafirma que o seu carisma é não só cultivar a espiritualidade conjugal, mas também garantir a promoção dum espírito missionário em cada membro, em cada equipa. Assim e sem diminuir a liberdade e a iniciativa individual de cada membro, o Movimento apoiará e encorajará, na sua organização e animação, programas concretos de acompanhamento de casais em situações novas, encontradas na sociedade contemporânea. Essa é a contribuição concreta que podemos dar à Igreja e ao mundo de hoje, pois é a nossa força. Como poderemos concretizar ainda mais este espírito e esta dinâmica missionária? Deixemo-nos inspirar pelas palavras-chave que insistentemente o Papa Francisco nos recorda: **discernir, acolher, acompanhar.***

(Vocação e Missão das ENS no limiar do terceiro milénio – 2018)

*O Papa Francisco insiste na necessidade de praticar “**a arte do acompanhamento**” nos caminhos de aperfeiçoamento. Nós, as Equipas de Nossa Senhora somos já iniciados nessa arte que implica discernimento, acolhimento, escuta, compaixão, cuidado, paciência, reciprocidade...*

Somos chamados pela Igreja a acompanhar especialmente os momentos de grande fragilidade: o caminho até ao compromisso firme e durável; os primeiros anos de vida em casal ; as etapas de crise e de dificuldades ; as situações complexas causadas por ruturas, abandonos e incompreensões.

(Vocação e Missão das ENS no limiar do terceiro milénio – 2018)

A missão do Movimento é formar, enquadrar e incentivar os seus casais a ser agentes da Boa Nova no mundo em que vivem para o anúncio dos valores de Deus no casal e na família, pilares onde assenta a ponte que temos de atravessar e que nos impõe cada vez mais um **compromisso baseado na estabilidade do Amor.**

Começamos por recriar e adaptar os meios de formação, garantindo a fidelidade ao nosso carisma, para dar resposta aos desafios concretos dos dias de hoje, particularmente no respeitante ao casamento e à família.

A expansão do Movimento, particularmente em países onde não existem as ENS, é outro passo importante a dar.

Diante da urgência da tarefa da evangelização, as Equipas de Nossa Senhora tomaram consciência da necessidade de encorajar os casais a descobrir a fé cristã ou a recomeçar um caminho na Igreja. Esta preocupação deu lugar a diversas iniciativas para ajudar os casais que não fazem parte das ENS, dando-lhes oportunidade de se reunir em grupo para se entre ajudarem na procura duma vida baseada no compromisso espiritual.

O objetivo específico destas experiências comunitárias é de promover uma catequese de base e de dar aos casais a possibilidade de fazer um caminho na fé no seio de pequenas comunidades.

As ENS têm uma ação evangelizadora de incalculável dimensão, numa **“Igreja em saída.”** Não podem, por isso, limitar-se a uma espiritualidade individualista, mas devem realizar-se numa projeção pastoral que é indispensável para a transformação do mundo.

10 – OS INTERCESSORES

Os Intercessores constituem uma família que reúne, em torno da vocação da intercessão, voluntários, equipistas ou não, para uma missão de oração, de jejum ou de oferenda. Interceder é uma questão de coração, porque a verdadeira intercessão não tem força senão na medida em que a pessoa que reza sente compaixão por aquela por quem reza. A Igreja sempre exortou os seus membros à oração de intercessão; cada um de nós é tocado pelas provações vividas pelos homens.

10.1 A razão de ser dos Intercessores

Foi neste espírito que, preocupado com as dificuldades crescentes que o casamento cristão enfrentava nas nossas sociedades contemporâneas, o padre Caffarel lançou, em 1960, um apelo para que voluntários se comprometessem na intercessão. Assim nascia um Movimento de “*Veladores*” no seio das Equipas de Nossa Senhora, que mais tarde passaram a ser designados por “*Intercessores*”.

Os Intercessores convidam cada um de nós a participar neste movimento da Igreja para rezar pelo matrimónio cristão, pelas famílias, pelo sacerdócio e pelos casais do mundo inteiro.

Como disse o Papa Paulo VI, «*inúmeros casais agradecer-vos-ão a ajuda que lhes levais*».

10.2 Que é a Intercessão?

A intercessão é um encontro marcado todos os meses com o Senhor: «*Não podeis vigiar uma hora comigo?*» (Mt 26,40).

A Intercessão é uma permuta realizada na caridade entre Deus e o homem

Cada um de nós é tocado pelas provações dos outros: depressão, sofrimento, separação, desemprego, etc. Com um sentimento de impotência, interrogamo-nos sobre o que fazer. Temos ao nosso alcance o melhor suporte a oferecer aos nossos irmãos em provação: a oração de intercessão.

«*Interceder é realmente deixar Deus realizar em nós, connosco, o seu desígnio de salvar todos os homens. A preocupação com a salvação dos*

outros é uma das maiores responsabilidades que Ele alguma vez confiou aos homens».

(Padre Henri Caffarel)

Os cristãos devem comparecer diante de Deus para interceder em favor dos outros com um coração arrependido e contrito, com abnegação e reconhecendo a sua indignidade.

10.3 Como viver a Intercessão?

A intercessão é um compromisso; como viver este compromisso? Oração, jejum e oferenda quotidiana da sua vida são as três possibilidades propostas ao intercessor:

- o compromisso de uma hora de oração mensal, em data fixa e, se possível, durante a noite;
- o compromisso de um dia de jejum por mês, também em data fixa;
- oferenda na vida quotidiana das provações, dos sofrimentos e das alegrias e da oração por aqueles que não podem garantir um compromisso regular.

Com vista a fazer evoluir a família dos Intercessores em todo o mundo e para facilitar a difusão do espírito da intercessão em todas as SR/RR, a Equipa Internacional de Animação dos Intercessores:

- Propõe orientações de oração,
- Redige a Carta trimestral e a Newsletter dos Intercessores,
- Prepara a publicação em cinco línguas de documentos sobre a intercessão,
- Anima e acompanha o trabalho de difusão da intercessão em todo o mundo.

10.4 A Animação da Intercessão

A Equipa Internacional de Animação dos Intercessores (E.I.A.I.) é constituída por 3 a 5 casais assistidos por um padre conselheiro espiritual. A duração do seu serviço é de seis anos, como para a ERI.

O Casal Responsável desta Equipa participa nos Encontros Internacionais dos Regionais e nos Encontros Internacionais das ENS a fim de se dirigir diretamente aos participantes e estabelecer contacto com eles. Um Casal de Ligação, membro da ERI, garante o vínculo entre esta equipa e a Equipa Internacional de Animação dos Intercessores.

Os Casais Correspondentes de cada SR/RR são ligados diretamente à Equipa Internacional de Animação dos Intercessores e são chamados a:

- Desenvolver o espírito de intercessão nos seus países e a encontrar Intercessores;
- Recolher as intenções de oração e difundi-las junto dos Intercessores;
- Criar um ficheiro de intercessores em cada país com vista à elaboração de uma lista de endereços internacional de Intercessores;
- Assumir o encargo da comunicação com os intercessores das suas SR/RR : difundir a Carta trimestral nos seus países, dar a conhecer as páginas dedicadas aos Intercessores em www.equipes-notre-dame.com, que contém todas as orientações, informações e documentação em 5 línguas sobre os Intercessores;
- Organizar um retiro espiritual anual para permitir que os Intercessores se encontrem e se apoiem no seu compromisso;
- Organizar outras atividades específicas em cada país.

A evolução da intercessão, o aumento do número dos intercessores e a boa organização das suas atividades são um apoio para o Movimento das Equipas de Nossa Senhora, a fim de que este possa corresponder cada vez mais generosamente à sua missão na Igreja e no mundo.

A família dos Intercessores alargou-se ao mundo inteiro. Os Intercessores são hoje cerca de 4.000 e estão presentes em mais de 30 países: ligados por casais (os Correspondentes) e pela Carta trimestral traduzida em cinco línguas, estão também diariamente em união na oração.

Deus chama todos os cristãos a serem intercessores, a rezarem uns pelos outros na comunhão dos Santos.

11 - DOCUMENTOS FUNDAMENTAIS DAS ENS

Para uma consulta mais profunda:

Documentos de referência:

- A Carta das ENS - 1947; edição 1972 (Anexo 1)
- “O que é uma Equipa de Nossa Senhora?”, 1977 (Anexo 2)
- Discurso do Padre Caffarel em Chantilly, 1987 (Anexo 3)
- “O Segundo Fôlego” 1988 (Anexo 4)
- “Vocação e Missão das ENS, no início do terceiro milénio”, 2018 (Anexo 5)
- O Guia das ENS, 2ª versão 2018
- Carta do Cardeal Feltin. março 1960 (Anexo 6)
- Decreto de Reconhecimento das ENS. abril 1992 (Anexo 7)
- Confirmação do Decreto de Reconhecimento das ENS e aprovação dos Estatutos Canónicos. julho 2002 (Anexo 8)
- Aprovação das modificações aos Estatutos Canónicos pelo Dicastério dos Leigos. abril 2014 (Anexo 9)

Documentos sobre a Pedagogia :

- A Partilha e os Pontos Concretos de Esforço, 2001
- A Reunião da Equipa, 2009
- A Espiritualidade Conjugal, 2011
- Os Pontos Concretos de Esforço
- Dever de se Sentar, 2015
- A Meditação, 2016
- A Oração Conjugal e Familiar, 2016

- A Escuta da Palavra de Deus, 2017
- A Regra de Vida, 2017
- O Retiro, 2017
- A Formação
- A Formação nas ENS. Um caminho... , 2011
- Plano de Formação:
 - Fichas de Formação Inicial, 2011
 - Fichas de Formação Permanente, 2011
 - Fichas de Formação Específica, 2011

Documentos sobre a Vida do Movimento

- O Guia do Casal Responsável da Equipa, 2015
- O Guia do Casal Informador, 2016
- O Guia do Casal de Ligação, 2017
- O Guia do Casal Piloto, 2018
- O Casal Responsável de Sector, 2005
- O Casal Responsável da Região, 2005
- O Padre Conselheiro e o acompanhamento espiritual nas ENS, 2017
- Os Casais Jovens nas ENS, hoje, que realidade?, 2011
- As ENS e os seus Idosos, 2010
- Equipas Antigas, 2017
- A Responsabilidade nas Equipas de Nossa Senhora, 1993
- A Colegialidade nas ENS, 2003
- O Apelo ao serviço nas ENS, 2004
- Os principais Acontecimentos Históricos das ENS, 2018

Documentos sobre o Padre Caffarel

- Conferências e Editoriais do P. Caffarel nas Cartas das ENS
- Artigos da Revista “L’Anneau d’Or”, maio 1945 a nov/dez 1967
- AS ENS ao serviço do Mandamento Novo
- As ENS face ao ateísmo
- Henri Caffarel: O corpo e a oração, Ed. Apostolado da Oração – Portugal 1985
- Henri Caffarel: As Equipas Nossa Senhora – Crescimento e missão dos seus casais, 1988
- Henri Caffarel: 5 Encontros sobre a Oração Interior, Ed. Loyola - Brasil, 1991
- Henri Caffarel: “Camille C. possuída de Deus” Ed. Apostolado da Oração, Portugal 1992
- Jean Allemand: «*Henri Caffarel – Um homem tocado por Deus*», 1997
- Jean Allemand: “Orar 15 dias com Henri Caffarel” Paulus, Portugal 2003
- Textos escolhidos do Padre Caffarel, tema de estudo, Ed. ENS 2004
- Henri Caffarel: Na Presença de Deus - Cem cartas sobre a oração, Ed. Lucerna, 2008
- Henri Caffarel: Nas Encruzilhadas do Amor, Ed. Lucerna, 2008
- Henri Caffarel: «Recebe Maria como tua esposa», Ed. Santuário Aparecida, Brasil 2009
- «Henri Caffarel: Profeta do casamento», Ed. ENS 2009
- Henri Caffarel: “Centelhas de sua mensagem”, Ed SR Brasil 2009
- Henri Caffarel: A Espiritualidade Conjugal, Ed Lucerna 2009
- Henri Caffarel: Novas Cartas sobre a Oração, Ed. Paulus, Portugal 2012
- Atas do 1º Colóquio sobre Padre Henri Caffarel, Ed. SR Brasil, 2015
- Henri Caffarel: Amor e Graça, Ed SR Brasil, 2017
- Atas do 2º Colóquio sobre o Père Henri Caffarel, 2018

ANEXO 1

A CARTA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA 1947 - 1977

PORQUÊ AS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

Vivemos numa época de contrastes: por um lado o divórcio, o adultério, a união livre e o “*neomalthusianismo*” triunfam; por outro lado, multiplicam-se os casais que aspiram a uma vida integralmente cristã; alguns destes casais fundaram as Equipas de Nossa Senhora.

Estes casais ambicionam levar até ao fim os compromissos do seu batismo:

- Querem viver com Cristo, por Cristo e para Cristo.
- Entregam-se a Ele sem condições.
- Entendem dever servi-Lo sem discutir.
- Reconhecem-No como Chefe e Senhor do seu lar.
- Fazem do Evangelho a «*carta*» da sua Família.
- Querem que o seu amor, santificado pelo sacramento do Matrimónio, seja:
 - um louvor a Deus;
 - um testemunho aos homens, provando-lhes, com toda a evidência, que Cristo salvou o Amor;
 - uma reparação pelos pecados contra o Matrimónio.
- Entendem dever ser, por toda a parte, os missionários de Cristo.
- Devotados à Igreja, querem estar sempre prontos a responder aos apelos do seu Bispo e dos seus Padres.
- Querem ser competentes na sua profissão.
- Querem fazer de todas as suas atividades uma colaboração com a obra de Deus e um serviço prestado aos homens.

Porque conhecem a sua fraqueza e os limites das suas forças, não da sua vontade, porque sentem cada dia como é difícil viver como cristãos num

mundo pagão e porque têm fé indefetível no poder da ajuda fraternal:

Decidiram formar equipa:

- As equipas não servem de refúgio para adultos bem-intencionados, mas, pelo contrário, são grupos de combate compostos por voluntários.
- Ninguém é obrigado a ingressar nelas, nem a nelas permanecer, mas os que ficam devem fazer “jogo franco”.

SENTIDO DA DENOMINAÇÃO

- A palavra **equipa**, preferida entre todas, implica a ideia de uma finalidade bem determinada, que se procura atingir ativamente e em comum.
- As equipas colocam-se sob a proteção de Nossa Senhora. Com isso sublinham a sua vontade de A servir e afirmam que não há melhor guia para chegar até Jesus Cristo do que a Sua própria Mãe.

MÍSTICA DAS EQUIPAS

Ajuda mútua

1 — Não há vida cristã sem uma fé viva. Não há fé viva e progressiva sem reflexão. Com efeito, a grande maioria dos cristãos casados renuncia a todo o esforço de estudo e meditação, por não lhe reconhecer importância e, igualmente, por falta de tempo, de orientação e de treino.

Daí a sua fé medíocre e frágil; o seu conhecimento do pensamento divino e dos ensinamentos da Igreja torna-se sumário e fragmentado. Conhecem mal os caminhos que conduzem a Deus. Não têm senão uma ideia muito superficial das realidades familiares: casamento, amor, paternidade, educação, etc., ... Consequências: pouca vitalidade religiosa, uma irradiação muito limitada sobre os que os rodeiam.

Os casais das equipas querem reagir. Portanto esforçam-se por aprofundar os seus conhecimentos religiosos e por medir as exigências de Cristo,

a fim de Lhe poderem subordinar toda a sua vida. É **em comum** que desenvolvem esse esforço.

2 — Não se trata somente de “**conhecer**” **Deus** e os seus ensinamentos, mas de “**O encontrar**”: ao estudo é necessário acrescentar a oração. Nas Equipas de Nossa Senhora os casais ajudam-se mutuamente tanto no estudo como na oração. Rezam uns **COM** os outros; rezam uns **PELOS** outros.

“Em verdade vos digo: onde dois ou três se reúnem eu meu nome, Eu estou entre eles.”
(Mt 18, 19-20)

Fortalecidos pela promessa do Senhor, os casais das Equipas esforçam-se por não perder de vista a presença de Cristo entre eles e entregam-se com alegria e confiança à **oração em comum**.

3 — Não será ilusório pretender ajudar os amigos a levar uma vida espiritual, se os não ajudarmos primeiro a vencer as suas preocupações?

É por isso que os casais das Equipas de Nossa Senhora praticam largamente a ajuda mútua, tanto no plano material como no espiritual, obedecendo à magnífica recomendação de São Paulo: “*Carregai os fardos uns dos outros, e assim cumprireis a Lei de Cristo*” (Gal 6, 2).

Esforçam-se por satisfazer a quádrupla exigência da amizade fraternal: **dar, receber** e (mais difícil que dar) **pedir** (mais difícil ainda) e **saber recusar**. A simplicidade de pedir não pode existir onde não haja a simplicidade de recusar o serviço pedido, quando este não puder ser prestado senão com dificuldade excessiva.

A ajuda mútua deverá dar-lhes a legítima segurança que tantos outros esperam do dinheiro.

Testemunho

Diante dos primeiros cristãos, dos quais os Atos dos Apóstolos (4-32) nos dizem: “... *eram um só coração e uma só alma!*”, os pagãos admiravam-se: “*Vede como eles se amam!*”. E a admiração arrastava a adesão. A caridade fraternal teria perdido no século XX o poder de irradiação e de sedução que possuía nos primeiros tempos da Igreja?

As Equipas de Nossa Senhora pensam que, hoje como então, os não crentes serão conquistados para Cristo, se virem lares cristãos amarem-se verdadeiramente e ajudarem-se mutuamente na procura de Deus e no serviço aos seus irmãos. Assim, o amor fraternal, ultrapassando a ajuda, torna-se testemunho.

DISCIPLINA NAS EQUIPAS

A mística das Equipas, para ser viva e duradoira, exige uma regra. Mística e regra, como alma e corpo, não se podem dispensar uma à outra ; a mística deve ser a alma da regra ; a regra, o suporte e a salvaguarda da mística. A regra deve ser suficientemente leve para não entravar a personalidade e a missão de cada casal, e suficientemente dura para os defender da monotonia e da indiferença.

A Equipa:

A equipa compõe-se de 4 a 7 casais. Um deles será o Casal Responsável (RE). É muito importante não ultrapassar este número, pois, para além dele, a intimidade é mais difícil de realizar e perde em qualidade.

A Reunião Mensal:

A amizade resiste mal à separação prolongada, exige encontros. É por isso que a equipa se reúne, pelo menos uma vez por mês. A assistência à reunião mensal é obrigatória. (*)

Eis o esquema de uma reunião mensal:

1. Refeição comum

É muito aconselhável iniciar o encontro mensal por uma refeição em comum, ora em casa de um, ora em casa de outro (na medida do possível, evidentemente). Os homens ainda não inventaram nada melhor do que as refeições para se reunirem e estreitarem os laços de amizade. Não é às refeições que se agrupa a família? Não é a refeição eucarística que reúne

(*) É escusado dizer que, tanto esta “obrigação”, como outras, podem ser dispensadas, em caso de impedimento grave.

os filhos de Deus? Os Atos dos Apóstolos contam-nos que os primeiros cristãos “*repartiam em conjunto o pão, em suas casas, e tomavam em conjunto os alimentos, com alegria e simplicidade de coração*”.

(Act 2, 46)

2. Oração em comum

A Oração em comum é o grande meio de nos encontrarmos em profundidade, de adquirirmos uma alma comum, de tomarmos consciência da presença de Cristo no meio de nós. Mas ela não opera tudo isto senão quando, suficientemente prolongada, nos ajuda a afastar as preocupações, a fazer silêncio, a ficar tranquilo. Deve-se-lhe consagrar pelo menos um quarto de hora antes do início da discussão do tema.

Antes da oração, os casais põem em comum as suas intenções. Para que elas sejam verdadeiramente adotadas por todos, o seu enunciado deve ser circunstanciado e deve mostrar que vêm do coração dos que as recomendam. Depois, para serem igualmente adotadas na oração, evocam-se as intenções atuais da grande família católica (por exemplo: cristãos perseguidos, alguma missão em dificuldade, determinado esforço de apostolado, as vocações sacerdotais, etc.).

Para que esta oração em comum dilate os corações e os faça pulsar ao ritmo da Igreja compreenderá salmos, orações e hinos do breviário e do missal que serão propostas às Equipas pela Carta Mensal.

Uma outra parte da oração consistirá em deixar cada um exprimir em voz alta as reflexões e sentimentos que lhe terão sido sugeridos pelo texto da Escritura indicado pela Carta Mensal. Deve-se também prever uns momentos de silêncio a fim de permitir, a cada um, ter um contacto mais íntimo e pessoal com Deus.

3. Partilha e Pôr em Comum

Nas reuniões mensais deve ser reservado um momento (pode ser a refeição) para a troca de impressões sobre as preocupações familiares, profissionais, cívicas, sucesso ou insucessos, descobertas, tristezas e alegrias. Depois da oração consagra-se um momento à “**Partilha**” sobre as obrigações da “**Carta**”. Cada casal diz, com toda a franqueza, se durante o

mês decorrido observou as obrigações que lhe competiam. Há, bem entendido, um domínio íntimo e pessoal que seria erro desvendar, sob o pretexto da amizade.

Nas equipas reage-se contra esse impudor, hoje muito frequente, de casais que não hesitam em descobrir a toda a gente os problemas mais íntimos da sua vida conjugal. Mas, feita esta reserva, como surge bem dentro da linha da verdadeira caridade evangélica, a prática desta partilha e o apelo, com toda a simplicidade, à ajuda fraterna! Quantos lares serão salvos da mediocridade e do desastre no dia em que deixaram de lutar sozinhos!

4. Discussão do Tema

As conversas que não se realizam na presença de Deus, arriscam-se a cair em diletantismo: os espíritos jogam com as ideias, os corações recusam a sua atenção às verdades que exigem uma transformação. Nas Equipas esforçamo-nos por ser de uma lealdade absoluta: toda a verdade melhor conhecida deve inscrever-se na vida.

As permutas de ideias só são fecundas na medida em que forem preparadas. Assim, marido e mulher devem estudar, em conjunto, o Tema de Estudo e enviar por escrito as suas reflexões ao casal designado para dirigir a próxima discussão do tema, alguns dias antes da reunião. Esta obrigação, que lhes é imposta cada mês, de um tempo de reflexão em comum, tem-se revelado muito frutuosa para os casais.

A ajuda mútua sobre o plano de estudo exige que o tema seja preparado por todos: ela é mesmo mais necessária neste plano do que no plano material, onde, no entanto, cada um teria escrúpulo de receber sem contribuir. Os assuntos dos temas de estudo para as reuniões não são deixados à livre escolha da equipa. São dados pela Equipa Responsável, não em nome de um autoritarismo arbitrário, mas com o fim de ajudar as equipas a adquirir uma visão o mais completa possível do pensamento cristão e de as iniciar numa autêntica espiritualidade conjugal e familiar.

Os três primeiros anos são consagrados a temas fundamentais, relacionados com o Amor, o Casamento, a Espiritualidade Conjugal. Depois destes três primeiros anos as equipas podem escolher entre vários assuntos,

havendo séries de temas e sendo-lhes fornecido, como para os outros, o plano de trabalho, questionários e referências.

Devem ser organizados encontros suplementares, seja para o tratamento do tema seja simplesmente para alimentar a amizade.

Obrigações de cada Casal:

Como vimos, os casais vêm procurar ajuda nas Equipas, mas não são, por isso, dispensados de se esforçarem. É para ajudar e orientar os seus esforços que as Equipas lhes pedem:

a) Que fixem eles próprios uma Regra de Vida (a grande diversidade de casais não permite propor a mesma para todos). Sem regra de vida, a fantasia preside muitas vezes à vida religiosa dos casais e torna-a caótica. Esta regra de vida (escusado será dizer que cada cônjuge deve ter a sua) não é mais do que a determinação dos esforços que cada um entende impor-se para responder melhor à vontade que Deus tem a seu respeito.

Não se trata de multiplicar as obrigações, mas de as definir a fim de escorar a vontade e de evitar a deriva. O conselho e controle de um Padre são desejáveis, a fim de evitar a sobrecarga ou a facilidade.

Não existe obrigação de dar a conhecer à equipa a regra de vida adotada, nem a maneira como é observada. Notemos, no entanto, que alguns casais se deram muito bem com o facto de levar a ajuda mútua até esse ponto.

b) Rezar em conjunto e com os filhos uma vez por dia, na medida do possível, porque a família, como tal, deve culto a Deus e porque a oração em comum tem um grande poder.

c) Rezar diariamente a Oração das Equipas, em união com todos os casais dessas equipas.

d) Exercer mensalmente o Dever de se Sentar. É a ocasião para cada casal fazer o exame da sua vida.

e) Estudar, a dois, o Tema de Estudo Mensal e enviar, por escrito, as suas reflexões antes da reunião - assistir a essa reunião.

f) Ler o Editorial da **Carta Mensal das Equipas**.

g) **Fazer todos os anos um Retiro fechado** com o mínimo de 48 horas, tanto quanto possível, marido e mulher juntos. Antes do compromisso da Equipa só é obrigatório um retiro.

h) **Dar todos os anos, a título de quotização, o produto de um dia de trabalho**, para assegurar a vida material e a expansão do agrupamento ao qual devem parte do seu enriquecimento espiritual.

i) **Contactar e Acolher com coração fraternal** os casais das outras equipas, quando se apresentar a ocasião.

ESTRUTURA DAS EQUIPAS

Casal Responsável de Equipa (RE)

Uma breve fórmula define o seu papel e sublinha a sua importância capital; **é o responsável pelo Amor Fraternal**.

- Compete-lhe procurar que a sua equipa seja um êxito de caridade evangélica e que cada casal encontre nela a ajuda de que precisa;
- É-lhe recomendado com insistência que prepare a reunião mensal com o Assistente da equipa;
- É o casal responsável que assegura a ligação com o Centro Diretor e, através dele, com o conjunto das Equipas de Nossa Senhora;
- Cada mês envia ao seu “Casal de Ligação” um relatório da atividade da sua equipa. Estes relatórios permitem que a Carta Mensal faça beneficiar cada equipa da experiência das outras e conduzem também ao conhecimento do eventual desinteresse que reine nalguma equipa: o Centro Diretor pode então procurar remediá-lo;
- As equipas que não possam ou não queiram aceitar lealmente as obrigações da **CARTA** terão de ser eliminadas. É uma disciplina necessária: Quantos movimentos perigam, abafados pouco a pouco pelo peso inerte de alguns membros que não foram afastados a tempo;

- Quando o Casal Responsável de Equipa é obrigado a eliminar um casal que não observa os compromissos das Equipas, deve fazê-lo compreender que, se o interesse geral exige a sua saída, a amizade que se lhe dedica não é por isso alterada. Deve velar para que os contactos e laços de amizade continuem a existir;
- Cada Casal Responsável de Equipa é designado pelos casais, quando da fundação da equipa e no fim de cada ano de trabalho. Aquele que exerceu esta função durante o ano pode voltar a ser indicado. O Centro Diretor tem direito de veto sobre esta escolha;
- O Casal Responsável de Equipa não se desempenhará bem da sua missão se não recorrer à Oração. É por isso que os dois cônjuges se comprometem (salvo sério impedimento) a ir à Missa uma vez por semana e a ter diariamente 10 minutos de Oração.

O Papel do Padre Conselheiro Espiritual da Equipa (CE)

Cada equipa deve ter um Conselheiro Espiritual. Com efeito, é indispensável a presença de um Padre, pois não há planos de trabalho que possam substituir o contributo doutrinário e espiritual por ele traduzido. O Padre não dá apenas os princípios, mas ajuda ainda os casais a procurar introduzi-los na sua vida. Esta colaboração é frutuosa. Padres e Casais aprendem a conhecer-se, a estimar-se e a colaborar; as grandes intenções apostólicas do Padre são adotadas pelos casais; o Padre leva para a Missa esses lares, dos quais ele conhece os esforços, as lutas e os anseios.

Lançamento de uma nova Equipa

Lançar uma equipa de casais é coisa delicada. Um arranque demasiado rápido, sem que os objetivos e os métodos tenham sido suficientemente bem definidos, conduz quase sempre a um fracasso. É preciso, portanto, uma preparação, um mínimo de três reuniões consagradas à leitura e ao comentário da CARTA, sob a direção de um «**Casal Piloto**». Pouco mais ou menos depois de um ano, os casais da nova Equipa são convidados ao compromisso. Em seguida, na presença de um Casal representante da Equipa Responsável, tomarão o compromisso de observar lealmente a Carta das Equipas de Nossa Senhora, no seu espírito e letra.

Admissão de um novo casal numa Equipa

O casal recém-chegado deve tomar conhecimento da CARTA. Com a ajuda do Casal Responsável, estuda-a e exercita-se progressivamente na prática das suas obrigações. Depois de um ensaio leal de cerca de um ano, compromete-se com a equipa, por ocasião de uma renovação de compromisso de outros casais. Como proporcionar ao novo casal a formação adquirida pelos casais da equipa, no decorrer do estudo dos temas base?

É ao Casal Responsável de Equipa (RE) que compete ajudá-lo a estudar os assuntos fundamentais, mesmo que seja dispensado durante algum tempo de responder aos questionários dos temas em curso na equipa.

A Carta Mensal das Equipas de Nossa Senhora

Entre o Centro Diretor e as Equipas, por mais afastadas que se encontrem, torna-se necessário um estreito contacto. Mesmo entre as equipas, uma ligação fraternal, feita de conhecimento mútuo, de ajuda e de oração, não é de menor importância.

A Carta Mensal das Equipas de Nossa Senhora dirigida a cada casal, estabelece e mantém esta dupla ligação, vertical horizontal. Nela se encontram notícias das equipas, o relato das experiências mais interessantes, o editorial a que já atrás nos referimos, os textos de oração para a reunião mensal, informações, etc ...

Casais de Ligação – Sectores – Regiões

Ainda que muito útil, a Carta Mensal não é, só por si, suficiente para que os laços entre o Centro e as restantes equipas sejam tão estreitos e fecundos como seriam para desejar. É aos diferentes quadros do Movimento que compete fazer com que assim seja:

- Cada equipa é confiada a um **Casal de Ligação** (os casais de ligação ocupam-se, cada um, de cerca de 5 equipas). Por outro lado, as equipas são agrupadas em **Sectores** e os próprios Sectores em **Regiões**.

- Os **Casais Responsáveis de Sector** e os **Casais Regionais** têm a responsabilidade do bom andamento das equipas que lhes são confiadas.
- Os contactos frequentes desses diferentes “*quadros*” com o Centro Diretor, ajuda-os a transmitir os seus impulsos e a mantê-los ao corrente dos desejos e das necessidades das equipas. Graças a eles, as relações entre Equipas e o Centro, em vez de serem puramente administrativas, têm uma nota de cordialidade fraternal.

A Equipa Responsável

Uma Equipa Responsável compõe-se de casais e de um padre. Não é unicamente um órgão administrativo, mas o órgão motor de todo este grande corpo constituído pelo conjunto das equipas.

- A sua missão consiste em manter viva a mística e forte a disciplina.
- Os seus membros devem viver perto de Deus pela Oração e perto das Equipas por meio de uma amizade atenta.

Os membros de todas as Equipas devem amparar este órgão com as suas Orações e ajudá-lo com as suas observações e sugestões.

Os Casais não podem considerar a sua entrada nas Equipas de Nossa Senhora e a sua adesão à CARTA como um fim, mas sim como um ponto de partida. A lei do lar cristão é a caridade, ora a caridade não tem limites, nem conhece repouso.

Festa da Imaculada Conceição, 1947

ANEXO 2

O QUE É UMA EQUIPA DE NOSSA SENHORA ?

COMPLEMENTO À CARTA - 1976

UM PROJETO

“*Vem e segue-me*”. Este apelo de Jesus Cristo dirige-se hoje também a todos e a cada um de nós e dos nossos casais, convidando-nos a abrimo-nos sempre mais ao Seu amor, para dar testemunho d’Ele no sítio onde nos colocou.

Alguns casais, desejosos de corresponder a este apelo do Senhor, mas conscientes da sua fraqueza, confiando na graça do seu Sacramento do Matrimónio, crendo na eficácia da entejuda fraterna e na promessa de Cristo : “*Quando dois ou três estiverem reunidos em Meu Nome, eu estou no meu deles*” (Mt 18, 20), decidem formar uma equipa e pedem ao Movimento que os ajude : tal é o projeto comum dos casais das Equipas de Nossa Senhora.

UM ASPECTO

Uma Equipa de Nossa Senhora é uma comunidade cristã de casais.

Uma Comunidade

- Formada por cinco a sete casais assistidos por um Padre, uma Equipa de Nossa Senhora constitui-se livremente.
- Ninguém entra sob pressão, nem aí permanece constrangido. Todos se mantêm ativos na fidelidade ao Espírito.
- A fim de levarem a bom êxito o seu projeto comum, os seus membros aceitam viver lealmente uma vida comunitária.
- A comunidade tem as suas leis, as suas exigências próprias que se concretizam na escolha de um certo número de objetivos comuns e de meios bem determinados para progredir no sentido desses objetivos (cf. 3.^a parte).

- Cada casal faz suas as opções da comunidade ao mesmo tempo que participa nas suas atividades.
- Cada equipa, por sua vez, é membro de uma comunidade mais ampla, o Movimento supranacional das Equipas de Nossa Senhora, cuja vida ela aceita partilhar plenamente.

Uma Comunidade cristã

- Uma Equipa de Nossa Senhora não é uma simples comunidade humana; reúne-se *“Em Nome de Cristo”* e quer ajudar os seus membros a progredir no amor de Deus e no amor ao próximo, para melhor corresponder ao apelo de Cristo.
- Cristo quis que o Seu amor fosse acolhido e desenvolvido dentro de uma comunidade visível à qual prometeu a Sua presença, comunicou o Seu Espírito e confiou a missão de irradiar para todo o mundo a Boa Nova. Essa comunidade é a Igreja, Corpo de Cristo, que se põe ao serviço da comunidade humana.
- Esta grande comunidade é, por sua vez, composta de pequenas comunidades com características muito diversas e que, se não têm a estrutura daquela, nem por isso participam menos da sua vida, como cada célula participa da vida de todo o corpo, dessa vida que é o próprio amor de Cristo pelo Pai e pelos homens.
- Uma Equipa de Nossa Senhora é uma dessas pequenas comunidades; quer estar, simultaneamente, ligada ao Pai, em comunhão estreita com a Igreja e totalmente aberta ao mundo.
- A sua vida vai ser organizada nessa harmonia, pelo que o Padre Conselheiro Espiritual que *“torna Cristo presente como Cabeça da comunidade”* (Sínodo dos Bispos – 1971), vai ajudá-la a não perder de vista a sua verdadeira finalidade e razão de ser.

Uma Comunidade cristã de casais

- O casal cristão é ele mesmo uma “comunidade cristã”, embora de uma originalidade muito especial.

- Esta comunidade baseia-se efetivamente numa realidade humana; o dom livre, total, definitivo e fecundo do amor que, de si mesmo, um homem e uma mulher fazem um ao outro, pelo Matrimónio.
- Esta realidade humana torna-se um Sacramento em Cristo, é um sinal que manifesta o amor de Deus pela humanidade, o amor de Cristo pela Igreja, e torna os esposos participantes desse amor.
- Cristo está então presente de uma maneira privilegiada na comunidade conjugal: o Seu amor pelo Pai e pelos homens vem transfigurar do interior o amor humano. Por tudo isto, este amor humano vivido cristãmente é, por si só, um testemunho de Deus; e é da sua plenitude que deriva a ação apostólica do casal.
- A entreatjada no seio de uma Equipa de Nossa Senhora vai, portanto, tomar um aspeto particular: os casais vão entreatjudar-se a construir-se em Cristo, a construção de um casal não termina nunca, e a pôr o seu amor ao serviço do Reino de Deus.
- As Equipas de Nossa Senhora colocam-se sob a proteção da Virgem Maria: os seus membros sublinham assim a sua convicção de que não há melhor guia para ir para Deus do que Aquela *“que ocupa o primeiro lugar entre os humildes e os pobres do Senhor que confiam, esperam e recebem d’Ele a Salvação”*

(Lumen Gentium, 55)

UM CAMINHO

Para qualquer cristão, só existe um caminho: Jesus Cristo, Palavra de Deus feita Homem:

“Felizes os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática”

(Lc 11, 28)

As Equipas de Nossa Senhora não impõem aos seus membros uma espiritualidade determinada; querem simplesmente ajudá-los a comprometer-se nesse caminho traçado por Cristo. Propõe-lhes para isso:

- Orientações de Vida;
- Pontos Concretos de Esforço;

- Uma Vida de Equipa.

Orientações de Vida

A grande orientação é a do amor que Cristo nos veio trazer:

“Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu espírito, com todas as tuas forças... Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12, 30-31).

Crescer nesse amor é tarefa de toda a vida; as Equipas de Nossa Senhora propõem-se ajudar os seus membros e pedem-lhes:

Para se entreejardarem a progredir no amor de Deus:

- Que deem à Oração um lugar muito importante na sua vida;
- Que frequentem regularmente a Palavra de Deus e se esforcem por A viver sempre melhor;
- Que aprofundem constantemente os seus conhecimentos de Fé;
- Que se aproximem frequentemente dos Sacramentos, particularmente da Eucaristia;
- Que se esforcem por avançar no conhecimento e na prática da ascese cristã.

Para se entreejardarem a progredir no amor ao próximo:

- Que vivam uma autêntica entreejada conjugal – atenção, diálogo, partilha – particularmente no domínio espiritual;
- Que tenham a constante preocupação da educação humana e cristã dos seus filhos;
- Que pratiquem largamente em casal o acolhimento e a hospitalidade no seu lar;
- Que deem testemunho do Amor de Cristo, através de um ou mais compromissos concretos na Igreja ou na sociedade.

Pontos Concretos de Esforço

A experiência mostra que, em certos pontos de aplicação precisos, as orientações de vida arriscam-se muito a ficar letra morta. Assim as Equipas de Nossa Senhora propõem aos seus membros:

- Que “*se obriguem*” relativamente a seis pontos bem determinados, que chamamos as “*obrigações*”.
- Que solicitem regularmente a vigilância e a entreatjada da equipa sobre esses pontos – é a “*Partilha*” da reunião mensal.

Esses seis pontos são os seguintes:

- 1) **Escutar** regularmente a **Palavra de Deus**;
- 2) Reservar em cada dia o tempo necessário para um verdadeiro “*face a face*” com o Senhor – **Oração Individual**;
- 3) Juntarem-se todos os dias, marido e mulher, numa **Oração Conjugal** (e se possível **familiar**);
- 4) Arranjar, em cada mês, o tempo necessário para um verdadeiro diálogo conjugal, na presença do Senhor – **Dever de se Sentar**;
- 5) Fixar uma **Regra de Vida** a cada um e revê-la todos os meses;
- 6) Remeter-se cada ano em face do Senhor para rever e planificar a sua vida, durante um **Retiro**, vivido se possível em casal.

Vida de Equipa

A Equipa não é um fim em si mesma, é um meio ao serviço dos seus membros. Assim, a equipa vai pedir a cada um:

- Vivência de tempos fortes de oração em comum e de partilha;
- Entreatjada eficaz para caminhar para o Senhor e para dar testemunho d’Ele.

Como na vida de qualquer comunidade cristã, podem-se distinguir esquematicamente três aspetos, três grandes momentos na vida de equipa:

- **Com Cristo**, a equipa volta-se para o Pai para acolher o Seu Amor;
- **Em Cristo**, a equipa partilha esse Amor: *“Tinham um só coração e uma só alma.”* (Act 4, 32)
- **Impelida pelo Espírito de Cristo**, a equipa envia os seus membros ao mundo para revelar esse Amor.

Estes três aspetos são vividos, primeiro, durante a reunião mensal, que compreende habitualmente:

- Uma **Refeição**, que é mais especialmente o tempo da amizade;
- Uma **Oração em Comum**, que é o centro e ponto mais alto da reunião e que pode por vezes tomar a forma de uma Celebração Eucarística;
- Uma **Partilha** e um **Pôr em Comum**, tempos fortes de entreaajuda espiritual e apostólica;
- Uma troca de impressões sobre o **Tema de Reflexão** do mês, que é mais especificamente o tempo de aprofundamento da fé.

Mas a vida da equipa não se reduz à reunião mensal. Durante todo o mês os membros da equipa vão rezar uns pelos outros e pelas suas intenções, a Partilha e a Entreaajuda vão continuar, conforme as iniciativas de cada equipa.

É o Casal Responsável, eleito em cada ano pelos membros da equipa, que vai zelar para que todos participem efetivamente na vida comunitária, de modo a que a entreaajuda seja eficaz e que cada um sinta reconhecido, amado e tomado a cargo pela comunidade.

Para tal, convida cada membro da equipa a concretizar o facto de pertencer às Equipas de Nossa Senhora:

No escalão da Equipa

- Participando na Reunião mensal;

- Preparando esta reunião pela Oração e pela Reflexão, particularmente reduzindo a escrito o produto das suas reflexões sobre o Tema do mês.

No escalão do Movimento

- Mantendo-se ao corrente da vida do Movimento, particularmente lendo a Carta Mensal das Equipas (e em especial o seu editorial);
- Esforçando-se por viver as orientações comuns do Movimento e a tomar parte nos seus inquéritos e iniciativas;
- Assistindo às reuniões organizadas nos diversos escalões;
- Aceitando participar na vida do Movimento e na sua missão apostólica;
- Assumindo responsabilidades;
- Dando todos os anos a sua quotização, calculada na base das receitas de um dia de rendimento do casal;
- Tendo em conta na Oração as intenções de todos os membros do Movimento.

CONCLUSÃO

As Equipas de Nossa Senhora são um Movimento de Espiritualidade Conjugal, e propõem aos seus membros uma vida de equipa e pontos concretos de esforço para os ajudar a progredir, em Casal e em Família, no amor de Deus e do próximo.

Deste modo, prepara-os para o testemunho, competindo a cada casal escolher a forma de o fazer, pois as Equipas de Nossa Senhora, não sendo um Movimento de ação, querem ser um Movimento de cristãos ativos.

Setembro 1976

ANEXO 3

O CARISMA FUNDADOR DAS ENS



**Conferência do Padre Henri Caffarel
no Encontro de Responsáveis Regionais Europeus**

Chantilly, 3 de maio de 1987

INTRODUÇÃO

Vamos recolher-nos durante um instante? Pois o assunto é importante. Vamos tentar penetrar um pouco mais nos pensamentos do Senhor; por isso façamos alguns segundos de oração.

1 - Qual o carisma fundador das ENS?

Este é o nosso assunto. Para melhor me fazer compreender, permitam-me partir duma recordação. Há cerca de vinte anos, encontrava-me em Roma, na Comissão dos Religiosos, organismo que supervisiona, orienta e dirige as congregações e ordens religiosas de toda a Igreja. Conversava com um dos eclesiásticos dessa Comissão e ele disse-me: *«Todos os anos temos uns setecentos, oitocentos, mil pedidos de aprovação para a fundação de novas ordens»*.

Fiquei surpreendido com esse número e então esse religioso, certamente um pouco misógino, acrescentou: *«Para falar com franqueza, a maior parte desses pedidos provém de mulheres. Elas não estão muito dispostas a ser noviças numa ordem antiga, e então fundam uma ordem nova para serem logo superiores.»* E esclareceu-me que tais pedidos podem ser classificados em três categorias:

- A dos que apresentam motivações ou ideias inteiramente discutíveis, que são logo eliminados;
- A dos que têm boas ideias, ideias muito edificantes para fundar uma nova congregação, que são postos em estudo e provavelmente virão a ser autorizados;
- E uma terceira categoria, em que se sente haver provavelmente, um carisma fundador já no início. Mas, a bem dizer, nunca isso é logo percebido, e será o futuro que decidirá.

Que se deve entender, então, por «**carisma fundador**»? É coisa muito diferente de uma boa ideia, de uma ideia edificante; é uma inspiração do Espírito Santo, que será como um dinamismo a conduzir a instituição durante todo o seu desenvolvimento e lhe permitirá cumprir a sua missão. Há grupos que no início têm um carisma fundador, mas que, com os anos, entram em decadência. A história da Igreja apresenta muitos exemplos

disso; e a razão é que os sucessores não foram suficientemente fiéis ao carisma fundador pela reflexão e pela oração; daí o seu declínio.

Aquele homem da Congregação dos Religiosos acrescentava: *«Foi exatamente por isso que o Concílio pediu, com muita insistência, às ordens religiosas e às congregações que fizessem um «aggiornamento». Isto é, que procurassem uma renovação e um renascimento, a partir da reflexão e da pesquisa sobre as necessidades dos seus membros, de molde a responderem às exigências do tempo atual e futuro.»*

Há três elementos que se devem considerar, quando se empreende esse **«aggiornamento»**, como vocês o fazem depois de 40 anos:

Primeiro, **voltar à fonte**, porque às vezes ela está assoreada. Essa fonte é o que eu chamo de carisma fundador. Há ordens religiosas que se bifurcam no meio do caminho. Penso em certa ordem, que conheço bem. No começo era uma ordem de mulheres, fundada para a instrução de crianças pobres. Mas atualmente tem apenas colégios para certa elite social. É evidente que essa elite social fornece mais vocações do que as crianças pobres Aí está um tipo de infidelidade ao carisma fundador. Portanto, **voltar à fonte**.

Em segundo lugar, ter em conta **as necessidades e os valores do período em que nos encontramos**. Cada período traz para a Igreja e para a Sociedade novos valores; valores positivos e valores negativos. É preciso ter em conta os valores positivos e as necessidades dos indivíduos. Verificar em que medida esses valores, que pensamos adotar, se situam na linha do carisma fundador. Há alguns anos, sucedeu que certos trapistas pediram permissão ao seu superior para se tornarem padres-operários. O superior refletiu e disse-lhes que isso não cabia no carisma fundador. O que não queria dizer que menosprezasse os padres-operários, mas que os trapistas tinham outra vocação.

Terceiro: **voltar à fonte, acolher as necessidades e os valores atuais**, na medida em que são assimiláveis, e depois encarar uma perspectiva. **Em que direção é necessário convidar o Movimento a avançar**, mas sempre na fidelidade ao carisma fundador? Essa noção de **fidelidade ao carisma fundador** é capital, mas é preciso não confundir ser fiel com ser imóvel.

Pois bem, atrevo-me a crer hoje, após quarenta anos, que na origem das ENS houve um carisma fundador. Mas, atenção! Não me tomo por inspirado, nem por profeta, nem por santo.

No começo não se suspeitava qual seria o futuro. Não se dizia: «*O Espírito Santo levou-me a fazer isto*». É só hoje, após quarenta anos, diante do desenvolvimento das ENS, que eu penso: em 1939, com os quatro primeiros casais, houve alguma coisa que não era apenas uma boa ideia; alguma coisa mais do que o simples entusiasmo; aquele encontro não foi um encontro fortuito; a Providência e o Espírito Santo ali estavam por alguma razão. Agora dou graças ao Senhor, mas ao mesmo tempo ponho-me uma questão. E é disso que lhes vou falar.

O que foi bem compreendido do carisma fundador, no decurso destes anos? O que, nesse período, não foi bem compreendido? O que era impossível compreender, e que se compreende melhor na atual conjuntura?

Quando se propõe um «*aggiornamento*» como vocês pretendem, é preciso respeitar uma grande lei, aliás, não somente nos momentos decisivos, mas em todo o decurso da sua evolução. Por um lado, quanto aos responsáveis, é preciso que estejam sempre muito em contacto com as bases. E por isso que, quando uma ordem religiosa faz um «*aggiornamento*», se consultam todos os membros da ordem. É muitas vezes na base que o carisma fundador foi conservado com uma certa pureza. Mas, por outro lado, é preciso estar muito em contacto com a base para lhe transmitir o que nós compreendemos, o que a cabeça compreende.

É sempre muito grave quando há uma distância entre a cabeça e os membros. É um problema muito difícil, de que me apercebi nas ENS. Houve um tempo em que eu estava todos os quinze dias, ou todos os meses, em contacto com todos os casais responsáveis. E evidentemente havia um contacto muito direto. Mas depois, pouco a pouco, toda uma hierarquia foi organizada e, nestas condições, o contacto é muito mais difícil de se estabelecer. Mas é preciso procurá-lo, custe o que custar.

Agora, então, a primeira parte que lhes anunciei:

2 - O que é que foi bem visto, bem compreendido e bem assimilado do carisma fundador?

Não posso deixar de lhes fazer um relato daqueles inícios. Era a semente, na qual estava todo esse dinamismo que impulsionou o Movimento. Um dia, em março de 1939, uma mulher casada veio falar comigo, perguntando-me se queria ajudá-la a caminhar na vida espiritual. Aceitei, é claro. Quinze dias depois, pediu-me para receber o marido, ao que também acedi. Um mês depois, ambos me perguntaram se aceitava ter uma reunião com mais três casais amigos, que se interrogavam sobre a maneira de progredirem na vida cristã. Eram quatro jovens casais de menos de trinta anos. Hesitei, porque tinha passado por uma cruel aventura. Numa abadia, tinha acompanhado um grupo de escoteiros; houve um debate, e eles fizeram-me a seguinte pergunta: «*Padre, será que nos poderia falar sobre o amor?*». Então, confiante nos meus conhecimentos de psicologia escolástica, disse-lhes: «*Amar é querer o bem para alguém*». Foi uma gritaria: «*Querer o bem? O senhor não compreende nada disso!*» Tive de bater em retirada, dizendo-lhes que a questão merecia ser vista de diversos ângulos. O que não impediu que ficasse um pouco humilhado por esta pequena aventura. Então, quando me vi confrontado com essa proposta de casais, faltou-me a coragem. Mas, apesar disso, fui. Eles eram muito representativos dos jovens casais daqueles anos.

Tinham realizado uma dupla reconciliação. Em primeiro lugar, uma reconciliação entre o amor e o casamento. Nessa época e em anos precedentes, repetia-se muitas vezes uma frase célebre: «*O amor é uma coisa, o casamento é outra*». Creio que foi Mauriac quem escreveu essa frase. Pois bem, esses jovens casais, quase todos saídos do escotismo, tinham efetuado essa reconciliação: amor e casamento eram uma só e mesma coisa. Nenhum tinha tido aventuras sentimentais anteriores, o seu primeiro amor fora seu o cônjuge. E o seu casamento era um alegre amor.

E tinham efetuado uma segunda reconciliação: religião e amor de Cristo é tudo uma coisa só. Não sei se vocês podem imaginar como era naquela época e alguns anos antes, por exemplo, quando eu estava no Secundário não se falava no amor de Deus. Na França, ainda estávamos muito influenciados pelo jansenismo, e seria apontado a dedo um padre que falasse do amor de Deus. Tive a sorte de encontrar um diretor espiritual que me

falou do amor de Cristo. Mas, nos meios católicos havia toda uma reconciliação a ser feita; e aqueles quatro casais tinham feito essa reconciliação.

De modo que tinha na minha frente casais habitados por dois amores: o amor do cônjuge e o amor de Cristo. À primeira vista, pode-se pensar que tanto o amor conjugal como o amor de Cristo são amores totalitários, intransigentes. Ora, eles mesmos faziam uma experiência curiosa: esses dois amores, tão absolutos, conciliavam-se perfeitamente na vida espiritual, embora lhes custasse compreender como se operava essa conciliação do amor do cônjuge e do amor de Cristo. E era por isso que tantos ansiavam em descobrir: como progredir na santidade com esses dois amores no coração.

A primeira reunião que tivemos foi muito alegre, muito cheia de ambições, a partir dessa grande alegria que eles tinham de se amar e de amar Cristo. Apresentaram-me trinta e seis perguntas, e imediatamente perdi as minhas apreensões. Eu próprio fiquei admirado por me sentir tão à vontade. E então compreendi porquê: havia dez ou quinze anos que eu vivia com Cristo uma relação de amor; e, diante desses casais a falarem-me do seu amor, descobri que se repetiam na vida do casal as mesmas leis que eu tinha descoberto na minha relação com Cristo. As leis do amor são as mesmas em toda a parte. E foi isso que imediatamente me conquistou e entusiasmou, íamos, portanto, poder ajudar-nos uns aos outros: eles iam trazer-me a realidade concreta que viviam, e eu levar-lhes-ia algumas noções de espiritualidade que possuía. Quantas vezes disse a mim mesmo que, se em vez de encontrar esses quatro casais, tivesse começado o meu ministério numa paróquia, fazendo a descoberta do casamento no confessionário, não teria evoluído da mesma maneira! Teria conhecido as dificuldades morais e psicológicas, teria tido uma ideia muito mais sombria da união do homem e da mulher. Felizmente, comecei a interessar-me pelo casamento com esses quatro casais.

A outra ideia, pois, que tivemos desde o princípio foi descobrir o pensamento de Deus sobre o casal e sobre todas as suas realidades. E penso que apreendemos com isso um dos elementos fundamentais do carisma fundador. Tanto que fizemos uma lista de todos os elementos que com-

põem a vida do casal e a vida da família, e resolvemos procurar sucessivamente a vontade de Deus sobre cada um deles. Não suspeitávamos que, quatro meses depois, haveria a declaração de guerra, e que os quatro casais iam dispersar-se, e eu próprio ia partir para o exército.

A segunda orientação: nenhum deles tinha dificuldade de pensar que a sua vocação era a santidade, que lhes parecia o desenvolvimento do amor, a realização plena tanto do amor conjugal como do amor de Cristo. E a reflexão fê-los logo descobrir, duma maneira completamente nova, o sacramento do matrimônio. Não como uma simples formalidade, mas como uma prodigiosa fonte de graça, em que Cristo vem salvar o amor, enfermo desde o pecado original, trazendo-lhe auxílios e graças enormes.

Outra coisa pareceu-nos muito importante. Proveio duma mulher, durante uma reunião, quando estávamos a rezar, porque em cada uma dessas reuniões rezávamos espontaneamente; era uma necessidade, sobretudo a necessidade de louvar a Deus, por aquilo que aqueles casais viviam e por aquilo que descobriam do pensamento de Deus. Estavam encantados ao descobrir que Deus tinha uma tão maravilhosa ideia do amor humano ... Pois bem, um dia, durante a oração, uma das mulheres dirigiu-se a Deus nestes termos: «*Senhor, nós te agradecemos pelo casamento dos nossos dois sacramentos: o sacerdócio e o matrimônio*». Penso que essa reflexão tinha grande alcance, e que faz parte desse dinamismo do começo : a aliança do sacerdócio, que representa a Igreja, o pensamento da Igreja, com os casais que trazem as suas riquezas, as suas necessidades, os seus problemas, e a necessidade de diálogo, para que o ensinamento da Igreja não fique desligado das realidades concretas, mas se esforce por corresponder, não só às necessidades, mas também às aspirações dos casais. Durante toda a vida das ENS fizemos muita questão da união dos dois sacramentos.

Fizemos quatro reuniões. E pronto, foi tudo. Mas, diria que foi o bastante para decidir da minha vocação. Estava muito entusiasmado a partir dessas reuniões. Regressei em julho de 1940, depois de ter fugido por três vezes aos alemães; fui nomeado pároco duma paróquia e logo deparei com outros casais a quem contei a experiência que tínhamos tido, e que me pediram para fazer também com eles reuniões de casais.

O clima era muito diferente. Havia a guerra, as restrições, o sofrimento, a ameaça e, por vezes, a visita da Gestapo a um ou outro desses casais, sendo o marido despachado para um campo de deportados... Conservamos o entusiasmo de antes da guerra, porque o seu fundamento era o pensamento de Deus sobre o matrimónio; mas, ao mesmo tempo, tomamos consciência que a vida humana não é um caminho fácil. Então, com muita vontade e tenacidade, tentámos aprofundar a doutrina do matrimónio, do pensamento da Igreja sobre todos os aspetos do matrimónio. Interrogamo-nos sobre a forma de viver cristãmente as realidades conjugais e familiares. E depois alargamos a nossa pergunta: «*Como viver, no estado de casados, todas as exigências da vida cristã?*» - creio que é o mais exato. E principalmente pareceu-nos ser necessário, custasse o que custasse, elaborar uma espiritualidade para cristãos casados, porque era evidente que o ensinamento corrente da Igreja e dos padres, para os homens e as mulheres que queriam santificar-se, era uma espiritualidade elaborada por monges e religiosos. Havia, portanto, uma descoberta a ser feita, pois, de contrário, estaríamos condenados a um impasse: os casais jamais iriam longe no caminho da santidade se continuassem presos a uma espiritualidade de monges. Por isso, durante esses anos da ocupação, tivemos o primeiro aprofundamento, um aprofundamento doutrinal, tendo a impressão que nunca acabaríamos de aprofundar o pensamento de Deus sobre o matrimónio.

O segundo aprofundamento foi o da amizade, nessas circunstâncias tão difíceis, por vezes dramáticas, a que acabei de aludir. Compreendemos que aquelas reuniões de casais não tinham por fim simplesmente aprofundar uma doutrina, mas permitiam também criar laços de amizade, em vista de uma entreatajuda, e com isso esses grupos de casais compreenderam que um aspeto de sua vocação era a entreatajuda. **A entreatajuda e a oração.** Da primeira vez que um dos maridos foi levado pela Gestapo, recordo-me que nessa tarde imediatamente telefonamos a todos os outros casais, e decidimos ir para a casa daquele casal passar a noite em oração. As mulheres tinham leitos e divãs, e nós, os homens, ficámos na sala de estar, deitados debaixo de cobertores. E revezamo-nos durante toda a noite em oração na casa daquele casal, cujo marido, aliás, regressou da

deportação. Essa necessidade da oração revelou-se-nos como extremamente forte, e foi a partir de então que não pude conceber uma reunião de casais sem oração.

Passou-se isto de 1940 a 1945. Vários prisioneiros e deportados regressaram, outros infelizmente não voltaram. Os grupos multiplicaram-se, tornaram-se moda. Alguns vinham com a preocupação de aprofundar o pensamento de Deus; mas havia também quem viesse simplesmente para encontrar amizades humanas; e, depois, talvez também por snobismo.

Percebi que pesava sobre esses grupos uma ameaça de desmoronamento: que em vez de ter um ideal muito elevado, se contentassem com qualquer coisa de fácil. Era uma viragem decisiva. Foi nesse momento que fui levado a refletir, a interrogar-me, como é que os religiosos caminham durante toda a sua vida para a santidade sem recaída, sem desalento, sem abandono? Porque têm uma regra. E veio-me ao espírito esta ideia, em que me detive e de que falei com os outros: *«Se queríamos evitar uma derrocada, ou, pelo menos, a procura de caminhos mais fáceis, era preciso que tivéssemos uma regra.»* Foi em 1945, 1946 e 1947 que pensámos na **«Carta»**. Logo, porém, tivemos consciência que, se fizéssemos isso, arriscávamos perder uma grande quantidade de casais! E, de facto, em 8 de dezembro de 1947, na cripta da Igreja de Santo Agostinho, em Paris, para onde convocámos todos os casais da região - correria o boato que se lhes ia propor alguma coisa de exigente - um terço dos casais abandonou-nos. Não aceitaram **a lei da exigência**. Ficamos abalados, perguntando-nos se não teríamos sido excessivamente ambiciosos. Mas afinal, nos anos seguintes, descobrimos que continuavam firmes justamente os grupos de casais que tinham aceitado exigências. E houve a explosão e a expansão inesperada pelos quatro cantos do mundo. Houve as grandes concentrações, nomeadamente os encontros de Lourdes e de Roma.

Lembro-me muito bem que, em 1959, se levantou a questão: *«São as Equipas de Nossa Senhora um movimento de iniciação à espiritualidade conjugal e familiar? Se assim é, se são movimento de iniciação, devemos deixá-lo logo que estejamos iniciados. Uma criança não fica toda a vida no jardim-de-infância.»* E, com efeito, sentíamos o perigo de as ENS se tornarem jardins-de-infância para adultos. Mas, então, o nosso Movimento não seria antes um Movimento de perfeição? A resposta dada no

encontro de Roma foi que é preciso que as ENS sejam, ao mesmo tempo, Movimento de iniciação e Movimento de perfeição. É mais simples: é preciso que se inventem regras que permitam aos seus membros progredir na caminhada. É isso. Será necessário resumir os elementos do carisma fundador, tal como se foram revelando no decurso destes anos?

Pois vou fazê-lo. E vejo sete:

- O casamento é uma obra de Deus, a obra-prima de Deus.
- O casamento tem uma alma, que é o amor. E esquecer o amor é condenar o matrimónio.
- Os homens e as mulheres não podem ser fiéis ao amor sem o auxílio de Cristo. Por isso Ele inventou o sacramento do matrimónio, que é preciso aprofundar.
- Os cristãos casados, tal como os outros, como os monges, são chamados à santidade. Essa foi uma descoberta bastante original, porque ainda não tinha havido o Concílio, e foi aí que se insistiu muito sobre vocação dos leigos à santidade.
- A vida conjugal comporta grandes riquezas e também grandes exigências.
- É necessário e indispensável elaborar uma espiritualidade do casal. Não é a espiritualidade do celibatário ou do monge.
- Não se pode viver isso senão com a ajuda de um Movimento, que oriente os pensamentos e enquadre a vida.

Isto o que foi bem assimilado do carisma fundador.

3 - O que foi menos bem visto do carisma fundador

Agora quero dizer-vos o que, na minha opinião, foi menos bem visto.

Em primeiro lugar: entusiasmado com esses jovens casais tão ricos de amor, eu tinha pensado que o amor fosse o grande fator de perfeição, e que era preciso dizer-lhes: «*Sejam fiéis ao amor!*» Não me tinha lembrado que Cristo oferece dois meios aos que querem tender para a perfeição: o amor e a abnegação. Deus quer perfeição do cristão, quer a perfeição do casal, quer que o ser humano se torne perfeito, e essa perfeição só

poderá ser obtida pela **fidelidade ao amor e à abnegação**; ou seja: ao dom de si e ao esquecimento de si.

O amor e a abnegação são as duas faces da medalha. Não há amor sem abnegação, e uma abnegação que não seja uma abnegação de amor é uma abnegação impossível de se praticar. Refletindo sobre isso, compreendi que o Senhor inventou o matrimônio como grande meio de desenvolver o amor, e como grande meio de favorecer a abnegação.

Compreendi que a abnegação não deve estar ao lado do amor, mas que a verdadeira abnegação é precisamente impor-nos o compromisso de nunca deixar de amar, de viver sempre na atitude do «**para ti**» e nunca na atitude do «**para mim**». Para caminharmos nas estradas da terra, o Senhor deu-nos duas pernas. Para caminharmos nas estradas da santidade, o Senhor deu-nos dois meios: o amor e a abnegação.

Apercebi-me, então, que eu tinha incitado os casais a caminhar com apenas um pé para chegarem ao termo. E não se vai longe caminhando com apenas um pé, sendo necessário avançar com os dois pés, um após outro. E quanto a isto não estou muito certo de que tenha entrado bem no espírito das ENS.

O matrimônio é, pois, um grande meio de amor e um grande meio de abnegação. Grande meio de abnegação, precisamente para permitir o amor.

Lembro-me do seguinte episódio: depois de uma conferência sobre a espiritualidade conjugal, uma mulher, que devia ter uns sessenta anos, veio ter comigo e disse-me: «*Muito obrigada, Padre. Que pena não termos conhecido tudo isso, meu marido e eu, quando nos casamos!*» (Curvei-me com deferência). «*Vou dizer-lhe uma coisa*». (Esperei uma confidência, mostrei-me respeitoso). «*Posso dizer-lhe tudo. Pois bem, o coronel (quando falava do marido, era sempre «o coronel», como se só houvesse um coronel na terra) quando o desposei, estava já muito, muito avançado na vida espiritual. Ora, posso dizer-lhe o que sucedeu: ele fazia parte da ordem terceira franciscana e... (a confidência saía com certa dificuldade) trazia um cilício. Ora, devo acrescentar que era a mim que esse cilício arranhava. Tive vontade de dizer (mas contive essa pequena maldade)*

“Mas ele deveria ter compreendido que uma mulher é suficiente e que não tinha necessidade de acrescentar um cilício” ...

Moral da história: o verdadeiro meio de morrer para si mesmo, para este velho egoísmo que incessantemente nos atormenta, é amar, amar de manhã até à noite, e nunca se deixar cair no «para mim»; e ficar sempre na atitude do «**para ti**». O Senhor inventou como o melhor meio para nos fazer progredir no amor e na abnegação o matrimónio. Os religiosos têm outra coisa os casados têm o matrimónio.

Segundo ponto que não foi visto de maneira suficientemente clara: a sexualidade no matrimónio. Não a desconhecíamos, e esses casais jovens tinham até muita facilidade de falar nesse assunto de modo descontraído. Mas, apesar disso, não aprofundamos o problema, não aprofundamos o sentido humano e o sentido cristão da sexualidade. Não ajudamos suficientemente os membros das ENS a alcançar a perfeição humana da sexualidade, a perfeição cristã da sexualidade.

Senti isso de tal maneira que, quando projetámos a peregrinação a Roma, em 1970, tendo o Papa perguntado sobre que tema desejaríamos que ele nos falasse, propus que nos fizesse um discurso sobre o sentido humano e cristão da sexualidade. Até preparámos uma nota de trinta páginas sobre o assunto, que foi submetida a Paulo VI. Mas ele mandou-me dizer: «*A questão ainda não está amadurecida. Não posso aceder ao seu desejo.*» E, de certa forma, não o lamentamos, porque nos fez esse admirável discurso que todos conhecemos.

Mas, para facilitar o trabalho de Paulo VI, tínhamos lançado um grande inquérito, que comportava umas cem ou cento e cinquenta perguntas sobre a vida sexual de cada um dos membros das Equipas, com a minha garantia expressa que o anonimato seria rigorosamente respeitado, mas pedindo-lhes que respondessem com toda a franqueza. E recebemos mais de meio milhar de respostas a esse inquérito. Simplesmente, como o Papa renunciou a esse assunto, tal inquérito ficou a dormir durante todos esses anos. E foi somente no ano passado que eu disse a mim mesmo: «*Não é possível deixá-lo a dormir*», e comecei a examiná-lo. Já li, creio eu, umas oitocentas respostas, e respostas que têm entre vinte e cinquenta páginas. Não é um trabalho pequeno. Mas tem sido uma verdadeira descoberta.

Eu não era nenhum jovem inocente, já tinha recebido muitas confidências de muitos casais, mas não tinha uma vista de conjunto da vida sexual dos casais, dessa categoria de casais das Equipas. Fiquei abalado e continuei muito impressionado. E espero que, se Deus me der vida, poderei expor num livro as minhas conclusões.

A primeira coisa que me impressionou fortemente foi o mutismo dos pais a tal respeito. Uma negligência de 95%. Vocês irão dizer-me: «*Essas respostas são de 1969; não são de casais de 1987.*» Duvido, porém, que haja atualmente um progresso muito grande nesse domínio. Portanto, mutismo dos pais, o que quer dizer dificuldade da maior parte dos filhos, rapazes e moças, dificuldade de que eles não ousam falar, e consequentemente sentimento de culpa, muitas vezes neurótico de culpa.

Impressionam-me essas perturbações durante a infância, essas consciências perturbadas durante anos, o que quer dizer noivados mal vividos, porque os pais não dizem nada e os padres não dizem muito mais. Muitas vezes, um grande número de noivados é mal vivido, porque os noivos não sabem exatamente, como eles dizem, o que é permitido e o que é proibido. Início do casamento muitas vezes catastrófico, a um ponto que eu nem imaginava, porque não se fala disso. A harmonia sexual raramente é alcançada no começo.

Muitas vezes é preciso esperar dois ou três anos, por vezes dez, quinze anos e, em muitos casos, jamais é realizada. E esse inquérito revelou-me até que ponto ela é de importância capital. Desse inquérito igualmente verifiquei que o sentido cristão da sexualidade é quase totalmente ignorado pelos casais das Equipas. Não chegam a 2% os que dão uma resposta verdadeiramente rica a estas perguntas: «*Qual é o sentido cristão da sexualidade? Como viveis cristãmente a vossa sexualidade?*»

Outra coisa que resulta de tudo isto é que a maioria dos casais que responderam tinha grande preocupação em respeitar o que eles chamavam de «*a lei da Igreja*». Conseguiram-no dificilmente, frequentes vezes com muita impaciência e talvez revolta. Mas não se preocupavam com a qualidade humana da relação sexual. E compreendi, ao ler, estudar e meditar sobre estas respostas, que não pode haver uma verdadeira moralidade da sexualidade se não houver uma qualidade da sexualidade.

E é aí que reconheço que os homens da Igreja, quanto a esse ponto, não são fiéis à sua missão. Prega-se a moralidade no matrimónio, diz-se o que é permitido e o que é proibido, mas não se oferece ao cristão casado um único livro (não existe!... digam-me se conhecem algum !...), não se oferece um único livro sobre a maneira de (desculpem a expressão, que antes eu detestava, que é um pouco vulgar, mas que me parece importante) de bem «fazer o amor», de bem viver a relação sexual. E então os casais cristãos, como os outros, vivem uma sexualidade de bárbaros. Não tenho tempo de lhes dizer agora como depois evolui, graças às confidências e averiguações que fiz junto de certos casais. O que lhes digo, como coisa que não foi feita e que se impõe, é que é absolutamente preciso guiar os casais para a perfeição humana e cristã da relação sexual. Tinha também, sem dúvida, minimizado o ensinamento da Igreja sobre o pecado original.

Terceiro aspeto do carisma fundador que, segundo me parece, foi insuficientemente compreendido, mas que na verdade só no decurso dos anos se podia compreender: a missão das ENS.

Porque as ENS têm uma vocação: a sua vocação é ajudar os casais a santificarem-se. Mas têm também uma missão na Igreja. É necessário ter sempre presentes estes dois aspetos: vocação e missão. E agora, após quarenta anos, nós compreendemo-lo melhor. E ousou dizer-lhes uma coisa que pode parecer um convite ao orgulho, mas que o não é : o aparecimento e o desenvolvimento das ENS na Igreja é um acontecimento muito importante da Igreja.

Antes de 1939 não havia na Igreja agrupamentos de casais. Havia inúmeros agrupamentos de indivíduos, mas agrupamentos de casais não havia. Era uma coisa completamente insólita. E não os podia haver precisamente porque os casais não tinham feito essa experiência de que acabo de lhes falar. Um exemplo: com o primeiro grupo que eu animava, decidimos fazer um retiro. Fui bater à porta das casas de retiros dos padres jesuítas: - «Podemos fazer um retiro na sua casa?» - «E claro!» Mas depois, reconsiderando: «Mas haverá senhoras?» - «Sim senhor.» - «Vade retro Satanás.» Eles nunca tinham aceitado uma mulher nas casas dos jesuítas. Vou ter então com as freiras do Cenáculo. - «Mas haverá homens?... Impossível!»

Esta pequena história ilustra bem a novidade de um movimento de casais. E foi então que descobrimos um aspeto do carisma fundador, que eu tinha demasiadamente ignorado. Afinal, na Igreja, nada se via além do indivíduo. Reagia-se como se o ponto mais alto da criação, do grande empreendimento de Deus ao criar o universo, o supremo ponto de perfeição da obra de Deus, fosse o indivíduo. Esqueciam-se por completo estas linhas do Genesis: «*Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, criou-o homem e mulher e eles serão uma só carne*».

O **vértice da pirâmide** não é o indivíduo, *mas sim o casal*. E isso é algo de muito novo. E o Movimento devia obrigar a Igreja a rever um pouco a sua antropologia e ha sua conceção das coisas. São João Crisóstomo, Padre da Igreja - que, aliás, não foi conselheiro das ENS! - escreveu esta pequena frase: «*Quem não é casado não é um, é metade de um*». Mas isso vai muito longe. Homem e mulher possuem a mesma natureza humana; portanto, são iguais; mas possuem-na em modalidades diversas. Portanto, são complementares e, quando se unem, formam essa entidade que é o casal. O casal é obra de Deus.

Tive essa intuição com os quatro primeiros casais, mas não tinha analisado o assunto: insistia mais sobre o amor, sobre o casamento. Ora, penso que na Igreja não devemos contentar-nos em falar de casamento e de amor; é preciso falar de casal. Na hora atual isso é muito mais necessário, pois chegasse a negar a diferença dos sexos. Foi publicado, ainda há pouco, um livro da esposa dum antigo Ministro da Justiça francês sobre a intermutabilidade do homem e da mulher. Essa é uma das grandes catástrofes do nosso mundo do século XX prestes a terminar. Porque a sexualidade foi banalizada, por isso a complementaridade é menosprezada, e chega-se a esta dissolução da sociedade: em quinze anos, os casamentos em França passaram de 450.000 a 225.000, aproximadamente.

Atenção, portanto, à maneira como falamos das ENS. Antigamente falava-se de Movimento de famílias (*ménages*): essa palavra já não me agrada; falava-se de Movimento de lares (*foyers*): é um pouco vago; tratase na verdade de um Movimento de casais (*couples*) e essa é a grande afirmação que devemos levar para a Igreja.

Um segundo aspeto da missão das ENS: antes da aparição das ENS, antes

deste acontecimento que já lhes aponte como revolucionário, era ensino corrente que quem queria ser perfeito devia renunciar ao casamento e entrar na vida religiosa. Foi o que me disse um padre, durante um retiro no final do meu curso secundário. E eu, na minha simplicidade, disse-lhe: «*Mas então, se todos o escutassem não haveria humanidade, já que todos estariam na vida religiosa ou no sacerdócio*» Na ingenuidade dos meus quinze anos, eu acreditava que todos queriam ser perfeitos!

E o que dizem então as ENS? Que é possível a santificação no estado do casamento e pelo estado do casamento. Não insisto nisso, porque o sabeis muito bem. Mas é uma nova conceção da santidade, que não é corrente na Igreja.

Terceira revolução, se assim posso dizer: antes das ENS (e ainda resta algo disso na Igreja), havia bastante maniqueísmo: é preciso libertar--se ao máximo da matéria e da carne. Não se estava longe de pensar, como Platão, que o corpo é o sepulcro da alma. Pois bem, com as ENS afirmase na Igreja que a sexualidade é um fator de santificação, desde que seja assumida e evangelizada ; e que o prazer é uma realidade santa, que faz parte do plano de Deus e não deve ser posto sob suspeita, como entendiam essas tristes espiritualidades que tão frequentemente se podiam encontrar. E isso leva-nos muito mais longe: em toda a nossa vida neste mundo, os valores naturais não podem ser desprezados; é preciso assumilos, entre eles a sexualidade que é um valor típico. Atualmente é muito importante compreender isso, para impedir que a sexualidade perca o seu sentido, porque atualmente ela vive uma situação dramática, e para a salvar do erotismo.

Quarta revolução: cantava-se na minha infância: «*Só tenho uma alma, que é preciso salvar*». A santidade era um assunto individual. Ninguém se santificava em lugar do outro. Cada um se salvava a si mesmo. Ora, as ENS dizem: a entreatjada é coisa querida por Deus para caminharmos na santidade. Não nos salvamos sozinhos. Aí está uma novidade: a entreatjada entre cônjuges e a entreatjada entre casais do Movimento.

Quinta revolução. Note-se que uso a palavra «*revolução*» com um sorriso nos lábios: não pretendo que nada disso tenha sido vislumbrado antes,

mas de qualquer modo é muito característico. Antes, a santidade era muitas vezes concebida como «*cultivo da beleza espiritual*». Mas, quando falamos de santidade das pessoas casadas, recordamo-nos das palavras de Cristo: «*a árvore será julgada pelos seus frutos*»; não por sua beleza, mas por seus frutos. Quando Deus nos apresenta Abraão, que ele quer transformar em pai de todos os santos, mostra-lhe as estrelas do céu e diz: «*é essa a tua posteridade*». «*A tua santidade será a tua fecundidade*».

Pois bem, isso é algo de bastante novo na Igreja. Não se trata de cultivar a nossa própria beleza, mas de participar dessa evolução da criação, que tende para um objetivo final. É uma ideia muito contemporânea esta ideia da evolução do mundo e esta necessidade de contribuir para a mesma. E o casamento faz compreender muito bem isso: trata-se de transmitir a vida, e não de simplesmente polir a nossa perfeição pessoal.

São estes os cinco aspetos, que não tinham sido bem percebidos.

Há uma coisa que lamento, mas, aqui para nós, não acuso ninguém, muito longe disso. Lamento que as ENS, nesta perspetiva da sua missão, não tenham acompanhado a caminhada dos cursos de preparação para o matrimónio. Eles tiveram sua origem nas ENS, mas, muitas vezes, tornaram-se pouco cristãos. Não acho que as ENS devessem ter assumido a direcção da preparação para o matrimónio, mas que deveriam ter os seus próprios centros de preparação para o casamento, centros que servissem de ponto de referência para os outros; a partir justamente da espiritualidade que elas tinham descoberto. E lamento também que os conselheiros conjugais, muitos dos quais saídos das ENS, não tenham sido formados e apoiados pelas Equipas. Por isso é que se apoiam mais na psicologia de Freud do que na espiritualidade conjugal e familiar. Gostaria que as ENS contassem com conselheiros conjugais que, sem nenhuma ideia de monopólio, levassem em conta a linha do carisma fundador.

4 - O que não podia ter sido visto do carisma fundador

Disse-lhes até aqui o que foi bem visto e o que foi menos visto. A seguir dir-lhes-ei o que não podia ter sido visto, e que o pode ser apenas na atual conjuntura.

Em primeiro lugar, atualmente é preciso partir de mais baixo. Formam-se agora muitos casais que não tiveram uma verdadeira catequese, ignoram muito da vida cristã e satisfazem muito mal as suas exigências. Conheço atualmente algumas Equipas de Nossa Senhora onde o esforço é conseguir que todos os casais vão à missa de domingo. Esse problema não se poria há quarenta anos. É um facto. Trata-se de uma questão de prática religiosa, mas é sobretudo uma questão de formação religiosa. A deficiência da catequese explica que haja casais que, não obstante terem uma formação cristã muito insuficiente, desejam, todavia, entrar nas ENS. E isto recorda-me o que outrora vi no Brasil: lá eles tinham instituído anos de propedêutica, de preparação para a entrada nas ENS. É preciso fazer alguma coisa. Não temos o direito de desamparar casais que estão muito atrás, tanto no plano do pensamento como no plano da prática, mas que, apesar disso, querem juntar-se às ENS.

Em segundo lugar, outra coisa que antes não podia ter sido vista e que agora se compreende melhor: há casais que estão nas ENS há dez, vinte, trinta anos e que sentem a necessidade de ir mais longe. Conheço Equipas assim, conheço casais assim. Alguns confessam-se comigo há quarenta anos. E é maravilhoso ver a sua evolução. Ora, da mesma maneira que é preciso começar de mais baixo, talvez seja ainda mais necessário ajudar os que querem ir mais longe. E não é fácil. É um problema que se apresenta a qualquer professor numa classe: vamos alinhar-nos pelos alunos médios, ou vamos, pelo contrário, pressionar os melhores a progredir, para formar homens mais instruídos? Não sei o que se há de fazer. Não lhes dou respostas. Mas entristece-me ver que há casais que, depois de certo número de anos, se dececionam com as ENS.

É certo que, na mesma Equipas de Nossa Senhora, há casais que não progrediram e têm grandes necessidades espirituais. Como fazer? Como responder a isto? Não sei, mas não se podem abandonar os que querem ir mais longe. Levanto uma questão, sem qualquer ideia pré-concebida. Na hora atual, alguns desses casais, que aspiram a uma vida mais santa, são tentados por comunidades onde se juntarão a celibatários, religiosas e sacerdotes. Há cinquenta anos que vejo casais tentados a fundar comunidades de casais. Mas nenhuma dessas comunidades, pelo menos das que conheço, têm durado no decurso destes cinquenta anos.

Tenho-me perguntado porquê. Não haveria aí alguma coisa significativa? A verdade é que, ainda agora, há quem ponha esse problema. Não tenho resposta definitiva, mas verifico uma coisa: o casal é essa realidade muito sólida, muito coerente, de que lhes acabei de falar; e a comunidade conjugal corre o risco de dissolver-se um tanto numa comunidade mais ampla, sobretudo se esta for exigente, principalmente se for uma comunidade em que se leva vida em comum. Essa a minha experiência.

O casal, de certa maneira, é e não é apoiado demais: homem e mulher acabam tendo sua responsabilidade diminuída. Pergunto-me se não estamos diante de uma grande lei: o casal é uma sociedade, uma comunidade que é necessário proteger antes de mais nada, mas que é autónoma. Nos Movimentos de casais - desde que correspondam à sua vocação - os casais, que vivem em pleno mundo, que vivem no meio dos ventos, encontram algo que os fortifica. Nas ENS eles não se dissolvem, não veem diminuída a sua responsabilidade.

Que fazer então? Que responder aos que levantam essa questão? Tocamos aqui no que lhes disse há pouco. Talvez a questão seja: que fazer para que aqueles, que têm preocupações espirituais mais exigentes, sejam ajudados nas ENS, e não procurem outro caminho?

A quarta coisa que há cinquenta anos não se podia prever: essa multiplicação dos métodos e processos da contraceção. Isso é uma transformação formidável nas ENS, porque, se outrora a maior parte dos casais tinha uma grande preocupação de respeitar a lei de Deus, atualmente inúmeros casais das ENS praticam a contraceção, e isso preocupa-me enormemente. Não quero tratar do assunto, pois levaria tempo demais. Mas eles praticam a contraceção porque, como dizia há pouco, não ensinaram os jovens casais a compreender bem a qualidade da relação sexual; daí que a moralidade se lhes torna inaceitável. Mas quando um indivíduo transgredir a lei do Senhor, diz-se que perde o estado de graça.

Ora, quando num Movimento há uma grande proporção dos seus membros (não faço ideia de qual é a proporção), que desconhece, que não quer ouvir falar da lei de Deus, esse Movimento arrisca-se a perder o estado de graça e resvalar para a decadência e para a perversão.

Quinto e último ponto, que não era suficientemente visto no início, nem o podia ser, mas que o é agora: por favor, ajudem os casais equipistas a bem envelhecer, para bem morrer e para bem viver a sua viuvez. Conheço muitos desses amigos da primeira hora, que continuam nas Equipas. É preciso ter uma grande preocupação de ajudar os idosos a progredir na santidade. A velhice é um grande trunfo para progredir no amor de Deus. Já se fez o bastante nesse sentido? Confesso que não sei; mas é necessário ajudar os casais a bem morrer, e também o vosso fundador a bem morrer.

E antes da velhice e da morte, existe a reforma. Pergunto-me se as ENS têm feito bastante para fazer descobrir o sentido cristão da reforma, desse tempo de vida que é muito importante. Assinalo isso, sem me alongar mais. E depois há ainda esse drama do desemprego. As ENS terão feito descobrir a maneira cristã de viver o desemprego? Eis o que não podia ser visto há quarenta anos e que hoje enfrentamos.

Para terminar, tenho vontade de vos ler uma bela página, que alude ao que vos acabei de dizer. Publiquei-a outrora no «*Anneau d'Or*»: Um homem já idoso resolveu escrever a história de seu casamento, na intenção de a dar a conhecer a sua numerosa família. Antes de acabar o primeiro capítulo, escreveu um «post scriptum» a esse capítulo. É o que vou ler:

«Devia encerrar aqui este capítulo, mas quero acrescentar-lhe ainda algumas páginas. Seriam supérfluas, se eu tivesse a certeza de terminar a história da minha vida. Mas como poderia eu esperar que me será deixado tempo para levar até o fim a tarefa que me propus?»

Tenho setenta e sete anos completos. Porque ainda o posso fazer, e amanhã talvez o não possa, quero, na última página deste primeiro capítulo, prestar à minha querida Susana o testemunho que lhe devo. Oito anos mais nova do que eu, ela há de sobreviver a mim. Que lhe possa servir de algum lenitivo ler aqui, quando eu já não estiver a seu lado, o que em presença da morte eu penso dela.

Ela fez a felicidade da minha vida. Depois de quarenta e cinco anos de vida em comum, amo-a mais do que a amava quando me abriu os braços pela primeira vez. A minha ternura por ela tornou-se, ao mesmo tempo, menos ardente e mais profunda. Ainda não dissemos tudo um ao outro. Os beijos calmos, os abraços sem violência, despertam a recordação das

longínquas primaveras. Mas, sobretudo, as nossas almas confundem-se na mesma fé, na mesma esperança.

Quando no decorrer do ano chega o dia 6 de julho, para mim é doce e tão agradável repetir do fundo do coração o «sim» fatídico, como para um religioso, bem dentro da sua vocação, a renovação dos seus votos. Não teria sido assim se a minha Susana não tivesse praticado, com uma coragem que, por vezes, ia até ao heroísmo, os seus deveres de esposa e de mãe. Os meus gostos intelectuais, a minha incapacidade para ganhar dinheiro, o meu desprezo pelas mundanidades, a minha paixão pelos livros, e por certo, sem eu o perceber, muitas outras disposições tinham tudo para irritá-la, para magoá-la.

Uma vez que me imponho a obrigação da verdade absoluta, não vou escrever que ela não sofreu com isso, que nunca me censurou, nem que eu não sofri ao ver o desgosto que lhe causava, contra a minha vontade. Mas ela manteve sempre, como o azul do céu por cima das nuvens, a vontade inalterável de tornar a minha vida agradável, e sensível à ternura do seu coração. Deu-me seis filhos, e escreveu-me todos os dias sempre que estivemos separados. Deu-me sem pedir nada em troca, apesar de todos os ataques do exterior e de todos os meus próprios defeitos, a sua estima reconfortante. Tem sempre um sorriso para mim. E fez tudo isto numa vida, em que os dias de doença, de miséria física, de luto e de sofrimento moral, foram quase tantos quantos os de saúde e serenidade.

Deixarei a terra certo que, durante todo o tempo que me sobreviver, ela não cessará de rezar para que a porta do céu se abra para a minha alma. Que Deus a abençoe e recompense. E que a sua memória seja venerada.»

Como não desejar que seja assim para todos, e para todos os casais que ajudamos? Não quero tirar conclusões. Cabe a vocês concluir e não a mim. Meu papel é simplesmente testemunhar e de vos incitar à fidelidade ao carisma fundador e à criatividade dentro dessa fidelidade.

Mas, para terminar, quero fazer notar uma coincidência. Acontece que vocês celebram os quarenta anos da «Carta», neste ano que o Papa decretou ser um Ano Mariano. Sabem que esse Ano Mariano começa no próximo Pentecostes e termina na festa da Assunção de 1988. Pois bem, vejo nisso uma indicação providencial, porque a fé em Maria, no seu amor, na

sua intercessão, esteve presente desde o começo das ENS, sendo, por isso, justamente, que se chamam Equipas de Nossa Senhora. Não foi por acaso. Por isso vos convido a renovar, mais do que nunca, esse voto de confiança na Virgem Maria, que presidirá ao destino das Equipas. Ecce ... Fiat.

ANEXO 4

O SEGUNDO FÔLEGO - 1988

1. O CARISMA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, HOJE

Há quarenta anos, quando a Carta das Equipas de Nossa Senhora foi promulgada, não se podiam prever as situações novas que surgiriam no Movimento, na Igreja e no Mundo. A história muda, mas o Carisma do Espírito atua continuamente para inspirar os casais ao serviço do Amor, atentos aos sinais dos tempos.

A reflexão que propomos, a partir deste documento, tem por fim ajudar as Equipas (Casais) a encontrar novos motivos de encorajamento e orientações para viverem as aspirações das ENS com a esperança e a vitalidade de um **Segundo Fôlego**.

1.1 - Situação atual do Movimento

A vontade de Deus sobre as ENS em cada momento da história descobre-se pouco a pouco e compreende-se tanto à luz dos conhecimentos vividos como pela convergência das ideias estabelecidas no seio de uma reflexão comum entre a Equipa Responsável Internacional e os Responsáveis Suprarregionais, a partir das necessidades detetadas pelos contactos com os responsáveis dos diversos escalões e com as equipas de base.

Em muitas das suas intervenções, o Padre Caffarel apelou para um Esforço de Fidelidade, mas também para um Esforço de Criatividade, numa perspectiva de renovação contínua, para que as Equipas, longe de serem um simples Movimento conservador que mantém a Fé na Igreja, sejam realmente “**fermento de renovação**”.

Este fermento de renovação que as Equipas pretendem ser na Igreja deve atuar hoje numa conjuntura diferente, que o Padre Caffarel analisava no seu Encontro, em 1987, com os Responsáveis Regionais da Europa. Certos aspetos do carisma fundador não foram ainda desenvolvidos em profundidade porque, há quarenta anos, não foram entendidos com toda a clareza necessária.

Verificamos, por exemplo, que:

- O primeiro aspeto que não foi explicitado na pedagogia do Movimento é que o Amor não é o único fator de aperfeiçoamento para o Casal: é preciso também a **Abnegação** que não pode ter o seu verdadeiro sentido se não for **inspirada no Amor**;
- O segundo aspeto é que o Movimento não aprofundou suficientemente **o sentido humano e o sentido cristão da sexualidade** e, por consequência, não ajudou suficientemente os casais a compreenderem e a viverem a dimensão sexual da espiritualidade conjugal; daqui que as exigências morais pareçam por vezes inaceitáveis e as transgressões encontrem facilmente uma justificação. Há urgência neste domínio, sobretudo para um Movimento de Igreja;
- O terceiro aspeto é a importância da **missão das ENS na Igreja e no Movimento de Casais**. Era, à partida, uma pequena revolução e continua a ser, ainda hoje, uma novidade; Devemos ajudar a Igreja a rever a sua conceção do homem, a sua teologia e a mística do casal, cume da criação: *“Homem e mulher Ele os criou.”* (Gn 1, 27).

Há outras coisas que não se podiam prever há quarenta anos e que só o decurso do tempo tornou evidentes. Por exemplo:

- Dar à maior parte dos jovens casais uma formação cristã de base;
- Acompanhar aqueles que desejam *“ir mais longe”*;
- Ajudar a integrar na vida do casal o trabalho da mulher e a provação do desemprego;
- Ajudar também os casais a bem envelhecer, a bem morrer e a viver a sua viuvez;
- Finalmente, seria preciso também explorar melhor a riqueza de uma internacionalidade crescente, evitando que ela constitua um risco para a unidade do Movimento.

1.2 – Situação atual da Igreja

A Igreja encontra-se igualmente num momento decisivo da história. Desde o Concílio Vaticano II – 1964 – a Igreja, povo de Deus em marcha, quis tomar um compromisso mais positivo para *com* o mundo e *no* mundo. Nada de humano pode ser alheio a uma Igreja cuja vocação é ser semente do Reino de Deus, partindo das realidades concretas da vida dos homens.

A Igreja exprimiu a sua vontade de assumir uma opção preferencial a favor dos pobres e dos jovens, de se interrogar face a uma sociedade materialista que, no entanto, anda à procura de duvidosos misticismos, de viver as tensões de um pluralismo difícil, de investigar as vias de uma nova evangelização que atinja integralmente o homem.

Em cada época, o Espírito de Deus suscita determinados carismas, que dão origem a Ordens Religiosas e a Movimentos que respondem às necessidades das novas gerações.

Hoje, não é descabido pensar que a Nova Evangelização das realidades terrenas será credível sobretudo graças ao sinal do amor, que possui um grande poder de irradiação e de testemunho: o Amor Conjugal, o Amor da Família, o Amor vivido em pequenas comunidades cristãs. É esse serviço, a missão que a Igreja reclama, com urgência, das ENS. Sem este amor dos leigos casados, sem estas famílias que aprenderam a partilhar, sem estas comunidades de Fé de casais, tais como as Equipas de Nossa Senhora, dificilmente a Igreja poderá convencer o nosso mundo que o Evangelho é um apelo ao Amor e que esse amor pode ser realmente vivido.

1.3 – Situação atual do mundo

Quando se descreve a situação atual do mundo, de um ponto de vista espiritual, é-se facilmente tentado a ver apenas as falhas, as feridas, os estados de pecado. Todavia, apesar de todos estes sinais negativos, sabemos que o Espírito de Deus atua, que o Senhor está connosco até ao fim dos tempos, o que nos leva a reconhecer também os sinais de Esperança, os sinais da Graça.

O individualismo crescente, a violência que destrói a grande família humana e que está presente em todas as relações, a incapacidade de manter um longo esforço, a facilidade de libertação de todo o rigor moral objetivo, o medo do compromisso com fidelidade durável, a banalização da sexualidade, etc., etc. ... tudo isto existe e afeta profundamente o casal. Mas a procura de novos valores de autenticidade e de coerência, o desejo de paz interior e exterior, a maior riqueza das relações interpessoais no casal e entre pais e filhos, o regresso à natureza sem manipulações, tudo isto também existe e se afirma cada vez mais. Além disso, o mundo apresenta-se, com todas as potencialidades criadas por Deus e que nós descobrimos, misturadas, é certo, com a presença do pecado. É exatamente por isso que sentimos tão vivamente a necessidade de uma nova reconciliação em cada situação histórica.

2. A BOA NOVA SOBRE O MATRIMÓNIO

Os casais cristãos de hoje devem ter a possibilidade de receber de facto a “*Boa Nova*” no que respeita a esta realidade discutida e frágil do amor conjugal.

Esta Boa Nova ensina-nos que o sacramento do Matrimónio está ao serviço do amor, ao serviço da felicidade e ao serviço da santidade. É somente no Matrimónio-Sacramento que podemos satisfazer completamente a dupla aspiração humana ao amor e à felicidade e responder a esta aspiração inscrita no coração do homem, mas que nem sempre se vislumbra: o apelo à santidade.

As Equipas de Nossa Senhora querem ser um caminho que leve à descoberta das riquezas do sacramento do Matrimónio e da profunda comunhão do casal. Pensamos que é justamente dessa Boa Nova que o mundo atual tem uma grande necessidade. O Senhor espera que nós a proclamemos, através das palavras e das obras.

2.1 – O Matrimónio ao serviço do Amor

“Deus criou o Homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher Ele os criou”

(Gn 1, 27)

O homem e a mulher possuem a mesma natureza, mas segundo modalidades diferentes que são complementares, o que faz que ao unirem-se eles formem um único ser, o casal. Esta convicção gera:

- **Uma atitude de louvor a Deus**, que inventou o amor humano;
- **Uma atitude de humildade**, pela consciência da necessidade que se tem um pelo outro para se sentir um;
- **Uma atitude de vontade, a fidelidade**, para fazer apenas uma só carne.

Nesta realidade do casal, apercebe-se toda a riqueza da sexualidade, desejada e criada por Deus. Por isso, é importante que os casais cristãos se preocupem com a qualidade, simultaneamente humana e cristã, da sua relação sexual. A espiritualidade cristã é uma espiritualidade incarnada; a espiritualidade conjugal recebe a sua especificidade do carácter sexual inscrito no sacramento do Matrimónio

2.2 – O Matrimónio ao serviço da Felicidade

O sacramento do Matrimónio ajuda-nos a viver durante os períodos de crise e de deserto. Crises que são necessárias para crescer no amor, são crises que permitem alargar os horizontes, que põem a nossa criatividade à prova e conduzem a situações novas e a comportamentos renovados. Essas crises são um elemento positivo, se o casal conseguir discernir a vontade de Deus nesse momento da vida.

Procurar o bem do outro na sua profissão, na sua maternidade/ paternidade, no seu equilíbrio psicológico ; preocupar-se com a felicidade do outro, mesmo na vida sexual ; descobrir que a reconciliação não é resignação, mas possibilidade de um novo encontro; viver numa atitude de doação, decidir continuar apaixonado ... longe de nos limitar ou de nos constranger, estas atitudes, bem pelo contrário, abrem-nos ao outro e aos outros, abrem-nos à felicidade.

2.3– O Matrimónio ao serviço da Santidade

Os cristãos casados são chamados à santidade. Para eles não é um simples apelo individual, ainda que a pessoa conserve sempre algo de irredutível

e incomunicável, mas um caminho a percorrer em casal. Esta é a grande descoberta da espiritualidade conjugal: os dois amores - amor conjugal e o amor de Deus - não se excluem, mas podem conjugar-se e todas as exigências da vida cristã podem ser vividas em casal.

A sabedoria no matrimónio consiste em aprender a viver numa atitude de “*para ti*” e não de “*para mim*”. A comunhão surge deste fluxo recíproco da doação e do acolhimento e é aí que reside a maior forma de unidade que pode existir no casal, porque deriva de eles serem um em Jesus. A comunhão não é apenas um ponto culminante do amor conjugal, é também um grande dom que o casal pode oferecer. A fecundidade e a educação, a hospitalidade e a amizade, o trabalho e o compromisso são as manifestações deste impulso irresistível de toda a comunhão para se converter em dons.

O casal cristão, que conhece este estado de graça conjugal e se alimenta da palavra de Deus, participa realmente na vida eucarística, fazendo de toda a sua vida uma “*Hóstia Santa*”. Marido e mulher são sinais, “**Sacramento**”, do amor de Deus de um para o outro e dos dois para os seus filhos e para o mundo.

3. AS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, UM MOVIMENTO DE ESPIRITUALIDADE CONJUGAL E DE ENTREAJUDA DE CASAIS

Descobrir a presença do Senhor no seio do casal e a caridade fraterna com outros casais, eis a proposta das ENS, a fim de dar graças a Deus e de ser testemunho no mundo. Esta nova maneira de viver em casal não é necessariamente muito diferente da que se vivia antigamente, mas realiza-se com mais força, luz e esperança. Os casais, conscientes da sua própria fraqueza e das dificuldades que encontram, decidem fazer equipa e constituir uma comunidade de Fé para percorrerem juntos um caminho de conversão, apoiando-se uns nos outros.

A entreajuda vive-se na amizade crescente, num pôr em comum profundo da própria vida, na partilha dos pontos concretos de esforço, a fim de procurarem a vontade de Deus, de descobrirem a verdade sobre si próprios, vivendo o encontro e a comunhão.

A palavra **comunhão** indica já que não se trata de atingir um determinado escalão de perfeição, mas que cada casal, em união com os outros casais, se integre num processo vivo e dinâmico, tendente a:

- Reconciliar o que está dividido;
- Aproximar o que está afastado;
- Fortalecer o que está enfraquecido;
- Construir o que está inacabado;
- Realizar uma tarefa comum no amor fraterno que nos une a Cristo.

A espiritualidade conjugal centra-se no casal, mas não deixa de lado a dimensão familiar: Os filhos foram chamados a uma comunhão de vida pelo amor dos pais e a família é concebida nesta perspetiva de comunidade e de participação.

A pedagogia que os casais tentam assimilar na vida de equipa é a aprendizagem do diálogo, do respeito pelo outro, do pôr em comum que incentiva a um estilo particular de educação que permite o desenvolvimento de cada filho, ajudando-o a atingir a sua plena maturidade, realizando com ele a experiência de uma fé, que é encontro pessoal com Cristo.

Pode esperar-se, assim, que os filhos consigam ser eles próprios, que entrem em relação com os outros numa atitude de liberdade e de solidariedade, que assumam os seus compromissos para com a sociedade, que vivam enfim os valores do Matrimónio cristão, graças à palavra e ao testemunho dos seus pais.

Por outro lado, as ENS são um Movimento de leigos, que se dirige a casais unidos pelos Sacramento do Matrimónio e cuja animação depende do espírito de serviço dos próprios casais. Esta responsabilidade é vivida em estreita comunhão com os padres, Conselheiros Espirituais das Equipas, de modo que cada um dos dois Sacramentos deixe transparecer aos olhos do mundo o rosto de Deus que lhe é específico.

3.1 – Uma Escola de Formação Permanente

As ENS são uma escola de formação permanente para os casais.

Não se trata apenas de aprofundar os conhecimentos da nossa fé, mas de praticar o discernimento humano cristão, que faz atuar tanto a razão como o coração na procura de uma coerência mais estreita entre a fé e a vida.

Este discernimento alimenta-se de várias fontes:

- O Estudo do Tema – em Casal e em Equipa
- A Leitura dos Documentos do Movimento
- As Sessões de Formação
- Os Retiros
- O Aprofundamento das Orientações propostas pelo Movimento

Esta formação é uma busca pessoal, conjugal e comunitária, que se vive na frequência dos Sacramentos e muito especialmente da Eucaristia, numa abertura progressiva à Oração, na escuta da Palavra de Deus e na leitura atenta dos sinais dos tempos.

Esta formação interpela-nos, ajuda-nos a interpretar os desígnios de Deus sobre o nosso casal e convida-nos a ajustar a nossa vida conjugal, familiar e profissional aos valores do Evangelho, fazendo-nos compreender o sentido cristão do trabalho do homem e da mulher no plano de Deus e, sem dissociar as exigências da moral privada das exigências da moral social, são também objetivos a prosseguir.

3.2 – Pontos Concretos de Esforço

O amor cristão é uma decisão que o casal renova todos os dias. Esta decisão vive-se como uma adesão do coração e realiza-se por um esforço da vontade. As Equipas de Nossa Senhora oferecem meios concretos para ajudar os casais a alimentar este amor, a manter esta decisão e a prosseguir o seu caminho de conversão.

Estes meios não são “*coisas*” que é preciso fazer, mas **atitudes** que é necessário despertar e assimilar. As atitudes não podem ser contabilizadas!

Trata-se de todo um processo pelo qual a vida se orienta pouco a pouco, para uma direção determinada: a da vontade do Senhor.

É preciso compreender estes meios como processos de interiorização e de unificação da vida. O modo como estes meios são formados – no infinito e não no imperativo – permite-nos perceber o espírito com que foram propostos. Estes pontos de esforço, recordemo-los, são os seguintes:

- **Escutar** com assiduidade a **Palavra de Deus**.
- Reservar todos os dias um tempo destinado a um verdadeiro encontro com o Senhor - **Meditação**;
- Encontrarem-se todos os dias – marido e mulher – numa **Oração conjugal** (se possível, **familiar**);
- Reservar todos os meses o tempo necessário para um verdadeiro diálogo sobre o olhar de Deus - **Dever de se Sentar**;
- Fixar uma **Regra de Vida** que é um convite para trabalhar na unificação da personalidade e encontrar a verdade do que somos;
- Remeter-se cada ano em face do Senhor para rever e planificar a sua vida, durante um **Retiro**, vivido se possível em casal.

Maria dá o Seu nome às Equipas, porque Ela é o melhor guia na união com Deus, pela Sua atitude de escuta e de humildade, alimentada da Palavra e da Vida de Cristo.

Os casais praticam estes meios, tendo em conta três linhas diretivas:

- **A gradualidade:** o Senhor toma-nos no ponto em que estamos; não se trata de “*queimar etapas*” ou de forçar o tempo; trata-se de querer progredir a partir da situação em que cada um se encontra;
- **A personalização:** não é possível o mesmo ritmo para todos, porque a caminhada é simultaneamente pessoal e própria do casal; os pontos concretos de esforço não devem desencorajar-nos, mas inspirar-nos e ajudar-nos ao longo da nossa vida;
- **O esforço:** do mesmo modo que não há amor sem momentos fortes de escuta e de diálogo, também não há conversão pessoal e em casal, sem a decisão de fazer passar os nossos desejos um pouco difusos de progresso para ações concretas bem determinadas, que mudarão a nossa vida e nos construirão a pouco e pouco.

3.3 – As etapas da caminhada das Equipas

As ENS oferecem aos casais um caminho que lhes dá, em cada etapa da vida, os meios adequados para poderem realizar um verdadeiro encontro com o Senhor e para poderem comprometer-se a segui-Lo.

Este caminho realiza-se sempre em equipa – comunidade de vida cristã – constituída por cinco a sete casais e um padre Conselheiro Espiritual. O Padre que, embora de um modo diferente, faz realmente parte da equipa, torna Cristo presente, como cabeça da comunidade. As equipas enriquecem-se pelo encontro dos dois Sacramentos – a Ordem e o Matrimónio. Nas Regiões onde a falta de padres seja um travão para a formação de novas equipas, podem preparar-se leigos para desempenharem uma função de acompanhamento espiritual.

As etapas desta caminhada – que pode durar toda a vida – não estão livres das dificuldades que a vida em comum encerra. É por isso que convém viver estas três etapas com alegria, coragem e realismo:

- **Iniciação:** hoje é preciso partir de uma realidade diferente, a falta de formação cristã de base, que requer uma catequese de iniciação no domínio conjugal e comunitário, além de uma formação religiosa. Finda esta iniciação, os casais poderão escolher a via mais conveniente: as ENS ou outros movimentos de casais.
- **Pilotagem:** a formação específica para a espiritualidade conjugal e para os métodos fundamentais das ENS faz-se com a ajuda de um Casal Piloto; é preciso que a pilotagem siga um esquema-base comum a todo o Movimento, a fim de garantir que as ENS, enquanto Movimento supranacional, se desenvolvam sobre as mesmas bases; depois da pilotagem uma sessão de formação inter equipas ajudará a consolidar, com casais de outras equipas, o que foi aprendido e assimilado.
- **Vida de Equipa:**
 - Depois desta etapa, é necessário descobrir o sentido profundo da Espiritualidade Conjugal, com o apoio de estudo de temas que tratem do Amor Conjugal, de Cristo e da Igreja;

- Cada equipa pode, em seguida, escolher os temas de estudo que mais lhe convenham, quer entre os que são preparados pelo Movimento, quer outros que respeitem a especificidade das ENS;
- A participação dos casais nas Sessões de Formação organizadas pelo Movimento é necessária para melhor compreender o sentido universal das ENS, à imagem da Igreja e também a importância da sua missão no Mundo;
- Com a idade e a experiência, os casais, ou alguns deles, podem desejar uma caminhada mais exigente, que não se limite a um novo tema de estudo, mas que se traduza por um método progressivo de revisão de vida, por um novo aprofundamento da Oração ou por um compromisso mais arrojado.
- O Movimento poderá ajudar estes casais a encontrar ou a adaptar vias complementares para a caminhada da sua equipa. Estas etapas não esgotam as possibilidades de uma vida de casal inspirada pelo Espírito. Representam apenas o ponto de partida para um crescimento que, à semelhança da caridade, não tem limites.

VIVER EM COMUNHÃO PARA RESPONDER A UMA VOCAÇÃO E PARA REALIZAR UMA MISSÃO

Qualquer que seja o estado da evolução espiritual do casal, cada um se esforça por aprender a viver em comunhão nesta pequena comunidade de Fé que é a sua equipa. Não se trata de ficar fechado sobre si próprio, nem de considerar a equipa como um fim em si, até porque, inevitavelmente, toda a comunhão tende a transformar-se em doação para os outros. As ENS são um Movimento de Espiritualidade e uma verdadeira espiritualidade implica que se partilhe aquilo que gratuitamente se recebeu.

Este dom que o Movimento deve oferecer à Igreja e ao Mundo consiste, em particular, na construção do Reino de Deus, tendo como fundamento uma nova imagem do casal.

“*Eles não têm vinho*”, dizia Maria nas Bodas de Caná, antecipando assim e com a Sua profunda intuição a intervenção salvadora de Cristo. Também hoje faltam muitas espécies de “*vinho*” nas bodas da terra.

As ENS devem estar sensibilizadas para essas faltas materiais ou espirituais a fim de:

- Manterem os olhos abertos em relação às grandes questões do nosso tempo;
- Prestarem atenção às situações de sofrimento no plano conjugal;
- Estarem prontas a colaborar com outros Movimentos nesta matéria.

As ENS têm um objetivo específico direto: ajudar os casais a viverem plenamente o seu Sacramento do Matrimônio, tendo simultaneamente um objeto missionário: anunciar ao mundo os valores do Matrimônio cristão pela palavra e pelo testemunho de vida.

Em que domínios vamos fazer incidir os nossos esforços nos próximos anos?

4.1 – No Movimento

Com o impulso do Segundo Fôlego, devemos participar num esforço comum para viver plenamente a entreaajuda e a comunhão da equipa. Falámos antes dos **Pontos Concretos de Esforço**, apresentando-os como atitudes a assimilar. É preciso não esquecer que são apenas meios.

A vida cristã pessoal e em casal é uma conquista quotidiana e é exatamente por isso que as ENS propõem escolhas que favorecem o progresso espiritual. Mas é preciso lembrar que o **Espírito do Amor** é a única lei. Compete a cada casal experimentá-lo nos tempos fortes da sua história.

Aliás, a criatividade deve permitir evitar as vias perniciosas da rotina, incitando a pessoa a libertar-se de todo o esforço. No seio da Equipa, existe o grande risco, à força de se viver em conjunto, de se achar entre amigos, escusando-se de antemão a fazer uma caminhada mais suportada do que desejada, de negligenciar a responsabilidade pessoal e do casal no compromisso cristão.

Há que fazer um **esforço de criatividade**. Nas etapas deste percurso deparamo-nos com necessidades que ainda não encontraram uma resposta adequada. Por um lado, há as “*pré-equipas*”: parece conveniente que cada País as desenvolva, segundo as suas necessidades e as características dos jovens casais, com a condição de se trocarem impressões sobre as experiências internacionais já feitas. Por outro lado, estão ainda por desenvolver as modalidades de “*um compromisso mais audacioso*”.

Sejamos inventivos e partilhemos, com espírito de entajuda, estas experiências que nos querem levar “*mais longe*”, para que o Movimento possa responder a uma aspiração real, sem que os casais tenham necessidade de ir procurar noutro lado.

O nosso Movimento teve sempre o cuidado de fornecer elementos de referência e de discernimento para a formação dos casais. Embora mantendo-se responsáveis e livres, eles devem ser amparados no seu desejo de compreenderem a Palavra de Deus em relação aos sinais dos tempos.

Isto exige uma formação permanente e uma investigação atualizada para exprimir as realidades da Fé numa linguagem acessível. Além disso, cada um deve estar também consciente da importância da missão dos casais que aceitam responsabilidades dentro do Movimento, num espírito de animação e de serviço, devendo ampará-los.

4.2 – Na Igreja

Diz-se muitas vezes que as ENS constituem um Movimento de casais ativos e não de ação, que beneficiam de vastas possibilidades de alimentação espiritual que determina o que o Senhor espera de cada um deles.

Do mesmo modo, cada casal será missionário no sítio onde se encontra e segundo as suas escolhas pessoais. É um facto, sublinhemo-lo, que as Equipas, enquanto tais, não se comprometem numa ação de conjunto determinado, porque cada casal deve descobrir o apelo ao qual o Senhor deseja que ele responda. Esta liberdade fecunda de compromissos não deve fazer-nos esquecer que o **Movimento tem um carisma próprio** e que não pode “*furtar-se aos seus semelhantes*”, nem aos apelos específicos dos Bispos no domínio da Pastoral Familiar.

É importante, também, que as Equipas se abram a outros meios sociais e se preocupem com as necessidades do seu País, de preferência aquelas que são assinaladas pelas Igrejas locais.

Citamos alguns campos de Ação Pastoral Familiar, onde a urgência mais se faz sentir:

- Acompanhar as equipas de jovens;
- Preparar os noivos para o matrimónio cristão;
- Caminhar com jovens recém-casais;
- Ajudar os casais com dificuldades e os divorciados recasados;
- Ter a preocupação dos jovens que coabitam.

Não podemos, sob pena de confusão grave, integrar estes últimos casais nas ENS, mas podemos pensar em estruturas paralelas ao serviço das quais estariam casais das Equipas de Nossa Senhora.

4.3 – No Mundo

Para responder simultaneamente à nossa vocação e às expectativas do mundo atual, precisamos de praticar e proclamar três mensagens:

O Matrimónio está ao serviço do Amor; se o Matrimónio está em crise, é principalmente porque já não se acredita verdadeiramente na ligação entre o Amor e o Matrimónio; nós acreditamos, e por isso decidimos amarmo-nos toda a vida.

O Matrimónio está ao serviço da Felicidade; num mundo sóbrio, angustiado, onde a própria palavra felicidade ressoa como uma história insólita, vivamos a vida conjugal e façamo-la aparecer como um caminho de felicidade pelas nossas atitudes, dando testemunho dos métodos que nos ajudam a dinamizar esta felicidade.

O Matrimónio está ao serviço da Santidade; é, sem dúvida, essa a vocação mais específica das ENS: não se limita a chamar à santidade os leigos casados, mas afirma que a sexualidade humana pode ser um caminho de santidade. Na Igreja esta atitude é nova e no mundo é quase revolucionária...

A perspectiva do Segundo Fôlego, propõe-nos evangelizar a sexualidade, isto é, aprender a dominá-la, a torná-la familiar e a vivê-la segundo o plano de Deus, para que esteja ao serviço do Seu Reino.

Queridos amigos, este grão que semeámos em Lourdes, aos pés de Maria, deve desenvolver-se, brotar, crescer e frutificar, tal como o Menino que Ela trouxe no seio se tornou Homem, o Homem da Salvação. Para isso, precisamos de tempo e de cuidados, de esperança e de paciência, precisamos ainda de um coração aberto ao Espírito, ao inesperado de Deus.

Confiamos a Maria este impulso do Segundo Fôlego para que Ela leve as Equipas ao ponto onde o Senhor as espera para a construção do Seu Reino.

A Equipa Responsável Internacional das ENS

Paris, Setembro de 1988

ANEXO 5

VOCAÇÃO E MISSÃO DAS ENS NO LIMIAR DO TERCEIRO MILÊNIO - 2018

Introdução

As transformações do mundo em que vivemos reforçam a urgência de discernir e acolher, com esperança e audácia os sinais dos tempos. As Equipas de Nossa Senhora (ENS) presentes no mundo inteiro e reunidas por ocasião deste XII Encontro Internacional em Fátima não podem alhear-se disso.

Já em 1988, por ocasião do VI Encontro Internacional em Lourdes, a Equipa Responsável Internacional tinha procurado, num documento intitulado “O Segundo Fôlego” analisar “*as necessidades prioritárias*” dos casais da época e propor, a fim de lhes dar resposta, algumas pistas para suscitar a criatividade dos membros das equipas e evitar a estagnação.

Em trinta anos, é evidente que a realidade conjugal e familiar não cessou de evoluir e o ambiente em que vivem os casais de hoje não tem nada de comum com o que se passava em 1947, data em que foi proclamada a Carta, ou com a data de 1988 do “Segundo Fôlego”, ainda que a questão fundamental expressa pelo Padre Caffarel em 1939 permaneça: “*Como amar à semelhança de Cristo ?*”.

Num mundo materialista e marcado pelo ateísmo, parece que os casais cristãos que fazem a experiência incomparável da riqueza do matrimónio por meio da sua vida eclesial e sacramental, já não podem contentar-se em testemunhar o valor deste modelo conjugal. Numa sociedade que não aceita mais um sistema de verdades pré-estabelecidas, é indispensável, se não queremos faltar á nossa missão apostólica de batizados unidos pelo sacramento do matrimónio, demonstrar e justificar pela nossa ação como as características do matrimónio cristão são compreensíveis, admissíveis e benéficas sob o ponto de vista humano, mesmo quando não esclarecidas pela fé.

A nossa experiência de fé cristã faz de nós testemunhas privilegiadas, não para impor os nossos costumes a uma sociedade que os não quer, mas para revelar as características do êxito do amor humano a uma sociedade que as oculta. O desafio hoje é encontrar novas maneiras para provar, sobretudo aos jovens, que o casal e a família não são fonte de prisão, mas, pelo contrário, são fonte de liberdade interior, de abertura, caminho de felicidade e caminho para Deus.

O Padre Caffarel, ao longo de toda a sua vida, não cessou de repetir que um movimento para se manter vivo tem de evoluir. Para ele, um movimento vivo é um movimento que se constrói em cada dia, graças à ação dos seus membros. Eis porque a ERI, no limiar deste terceiro milénio, quis partilhar convosco as suas reflexões sobre o futuro do Movimento.

O estudo do Discurso de Chantilly, pronunciado pelo Padre Caffarel a 3 de Maio de 1987 por ocasião dum encontro de regionais europeus, e que tem sido uma referência no seio das Equipas de Nossa Senhora, orientou-nos na conceção deste documento. O Padre Caffarel, com o seu espírito profético, tinha já previsto novas situações que surgiriam ao nível do Movimento, tendo em conta as grandes transformações que se anunciavam no mundo e na Igreja. Ele enunciava os três princípios abaixo indicados quando se tem em vista um aggiornamento sobre a questão “*Que missão o sacramento do matrimónio dá ao casal?*”

- I - *“Voltar á fonte porque, por vezes, a fonte está assoreada, a fonte que se chama o carisma fundador.”*
- II - *“Ter em conta as necessidades e os valores da época em que vivemos.”*
- III - *“Discernir uma perspetiva..., a direção em que é necessário convidar o Movimento a progredir..., sempre vinculado ao carisma fundador. Ele frisava que a noção de fidelidade ao carisma fundador é de importância capital, mas que é preciso não confundir ser fiel a ser passivo.”*

Numa primeira parte, nós iremos então á fonte, como nos convidava o Padre Caffarel, para distinguir os elementos imutáveis **da vocação e da missão ligados ao carisma fundador**, das margens de liberdade para responder aos desafios da nossa época.

A segunda parte deste documento tentará colocar a tónica nos aspetos essenciais da “*mudança da época*” que estamos a viver, quer os positivos, quer os negativos.

Na terceira parte, serão sugeridas pistas que poderão ser experimentadas no terreno com a ajuda e suporte do Movimento que deseja, no seio da Igreja, ser uma força de proposição e ser ator no quadro da espiritualidade conjugal, núcleo central do carisma fundador.

Este documento “**Vocação e Missão no limiar do terceiro milénio**” é o fruto da dinâmica sinodal posta em prática nas Equipas de Nossa Senhora para responder à Exortação do Papa Francisco dirigida à Igreja Universal “*para uma nova etapa evangelizadora*” (EG1)

I - “*Voltar à fonte*”

Vocação e Missão

I-1 Vocação

A Palavra vocação tem origem no verbo latino “*vocare*” que significa “*chamar*”. O padre Caffarel, num exemplar de l’Anneau d’Or intitulado: “*O Matrimónio, esse grande sacramento*” explicita bem o apelo dirigido aos casais unidos pelo sacramento do matrimónio. O casal cristão, diz ele, é “*eleito*”, “*chamado*” por Deus. Do mesmo modo que o batismo consagra o indivíduo, o sacramento do matrimónio é sinal de Deus que consagra o apelo do casal cristão. O sacramento do matrimónio é sinal de aliança entre Cristo e a Igreja, aliança entre Deus e o mundo. Deus é fonte de amor. É Deus que derrama o seu amor sobre o amor humano para que o casal se abra a este mundo que Deus ama e pelo qual enviou o seu Filho. O amor conjugal transforma-se, desde que o casal cristão, assim introduzido no Reino de Deus, aceite tornar-se célula da Igreja. Esta transformação opera-se então pouco a pouco, ao longo da sua existência porque “*seguir Deus*” é exigente.

O caminho de santidade que o casal escolhe iniciar no dia do seu matrimónio continua por toda a vida. É uma longa peregrinação que deve em cada dia afastar-nos do pecado para nos conduzir a Deus. Pelo sacramento do Matrimónio, a unção do Espírito Santo inunda os nossos seres

e acompanha-nos. Como diz o Padre Louis de Raynal no seu livro “*A Boa Nova do Matrimónio*” “*podemos falar do matrimónio como um sacramento permanente.*” A vocação do casal e da família para fazer da sua vida cristã uma vida de comunhão com Deus é acompanhada pelo amor de Cristo que une, restaura, aperfeiçoa lentamente o casal, “*obra prima de Deus*”, como afirma o nosso fundador. Conduzir cada casal unido pelo sacramento do matrimónio a transformar em Cristo a sua vida conjugal e familiar é claramente a intuição de base do nosso Movimento. Espiritualidade e ação enriquecem-se mutuamente.

Dois cristãos que escolhem unir-se pelo sacramento do matrimónio comprometem-se então um perante o outro, mas também perante a Igreja. Pio XII na “*Mystici Corporis*” declarava: “*Cristo providenciou de maneira particular as necessidades orgânicas da Igreja pela instituição de dois sacramentos: o matrimónio e a ordem*”, dois sacramentos complementares “*ordenados para salvação de outrem.*”

(Catecismo da Igreja Católica – 1534)

I-2 Missão

Como para toda a vocação, o apelo de Deus ao casal cristão é acompanhado por uma função a exercer para o seu serviço. Desde logo, todo o cristão pelo facto do seu batismo e pela sua confirmação deve contribuir para o crescimento da Igreja. Mas o casal cristão deve nela empenhar-se numa maneira específica, insubstituível.

O primeiro aspeto desta missão apostólica é o de fazer conhecer Deus, de proclamar o Seu amor. Com efeito, como dizia S. Paulo, o amor impele-nos a anunciar aos outros a Boa Nova e a partilhar as riquezas espirituais da vida com Deus. O Padre Caffarel via já nesta missão uma resposta ao desafio lançado aos cristãos para combater o ateísmo do nosso mundo.

O segundo aspeto desta missão apostólica é a consciência da paternidade responsável do casal, como lembrava João XXIII. O Padre Caffarel sublinhava que Deus nos confiou a tarefa de sermos junto dos nossos filhos, testemunhas e profetas do Seu amor. A família é o meio onde se alimenta a fé. É lá que os filhos têm o primeiro contacto com a fé. No “O Casamento, esse grande sacramento) o Padre Caffarel declara: “*Escutai Cristo a dizer-vos: É convosco e por vós, pais, que eu quero multiplicar e formar*

novos filhos do Pai do Céu.” É impossível pensar numa sociedade nova sem uma família renovada. É lá que se educam e se formam “*os homens novos capazes de transformar o mundo*” (Cardeal Pironio).

Mas o Padre Caffarel não limita a missão apostólica do casal cristão aos filhos; o terceiro aspeto desta missão deve-os levar a interrogarem-se sobre o que devem fazer por todos aqueles que, no mundo, esperam a Boa Nova do matrimónio.

Para o Padre Caffarel, o casal cristão e a família devem exercer um apostolado de acolhimento e de hospitalidade, uma função de mediação entre o mundo e a Igreja. Eles devem ser estalagens no caminho da Igreja para as pessoas ou casais frágeis, isolados, desanimados, traumatizados, para os principiantes... O Padre Caffarel qualificava o lar cristão “*Instrumento de apostolado excepcionalmente eficaz*”. Propor o casamento indissolúvel como opção de vida não deve levar-nos a perder a capacidade e a vontade de acompanhar todos aqueles que têm sede de amor.

As Equipas de Nossa Senhora convidam os casais que as integram a viver um caminho de santidade, tomando Jesus como companheiro de caminho, fazendo florir as graças do matrimónio alicerçado na indissolubilidade e na fidelidade. Os não crentes, pensava o Padre Caffarel, deveriam poder familiarizar-se com a Igreja frequentando os lares cristãos.

O Padre Caffarel deixa bem claro que este apostolado do casal cristão não deve limitar-se ao círculo familiar e de alguns amigos. Para ele, esta caridade que nos é insuflada por Cristo deve irradiar-se amplamente à nossa volta e ser fermento de unidade para o mundo. Ele vai mais longe, ultrapassando a simples meta do testemunho e da irradiação. As suas propostas são inequívocas: “*O apostolado não é somente um testemunho e uma irradiação, é também um dever obrigatório.*” Para ele, há uma interdependência estreita entre amor conjugal e o apostolado. O que S. Paulo chama ao casal Áquila e Priscila: “*Meus auxiliares de apostolado*”, é preciso que Cristo possa dizê-lo do casal cristão. Fazendo verdadeiramente parte do Corpo Místico, o casal não pode contentar-se em receber, ele deve dar e ser sujeito ativo. O nosso fundador sempre instigou as Equipas de Nossa Senhora para que não permanecessem centradas sobre si próprias, gozando o conforto de ficarem entre si, sem se confrontarem com o que se passa à sua volta. Daí esta exortação lírica que o Padre

Caffarel coloca na boca de Deus, quando do seu discurso em Roma, em 1970, intitulado “*Face ao ateísmo*”, enunciando: “*Casal humano... compreendes bem a esperança imensa que em ti coloco? Tu és portador da minha reputação, da minha glória, tu és para o universo a grande razão de esperança...porque tu és o amor.*”

Estas advertências repetidas do Padre Caffarel demonstram, ao contrário do que por vezes podemos ouvir, como a missão desempenha, na sua maneira de ver, um papel essencial, porque não pode haver vocação sem missão... No Discurso de Chantilly ele recorda-nos a palavra de Cristo : “*A árvore será julgada pelos seus frutos*” e ele insiste acrescentando “*não pela sua beleza, mas pelos seus frutos..., não se trata de cultivar a sua beleza, mas trata-se de participar nesta evolução da criação que tende para um termo.*” Para ele, o nosso campo de missão é especificamente o do matrimónio. É por isso que, num mundo onde o matrimónio cristão e a família não representam um caminho de felicidade e santidade senão para uma minoria, é tempo de nos interrogarmos sobre a legitimidade da mensagem das Equipa de Nossa Senhora hoje, para o seu exterior, e refletir para suscitar respostas novas e adaptadas à situação, se não queremos afastar-nos do nosso próximo e com isso deixarmos de ser apóstolos.

I-3 Ação

O que o Padre Caffarel reprovava, não era a ação em si mesma, mas uma ação desconectada da sua fonte divina. É aí que está o papel insubstituível da equipa de base que nos ajuda a revitalizar. Com efeito, as diferentes formas de apostolado são atribuídas ao casal por Deus que está na origem de todo o amor. É deste amor que brota a graça que é dada ao casal cristão e o fortifica. Para que esta fonte não se esgote, para que os nossos empenhamentos apostólicos sejam fecundos, o Padre Caffarel convida-nos a “*tomar posição unido a Cristo*”. É por uma fé viva, alimentada na Palavra, pela oração e a contemplação que o casal pode deixar-se penetrar cada vez mais pelo olhar de Cristo sobre o mundo, sobre os seus acontecimentos. É assim que se opera a transformação do nosso casal para o ajudar a melhor discernir e agir segundo a perspectiva de Cristo. A Palavra de Cristo no Evangelho faz do casal uma comunidade de amor. Daí brota a força missionária do casal. O Padre Caffarel exprimiu-o muito bem,

quando dizia: “*Comunidade de oração e comunidade missionária são como a frente e verso do casal, comunidade de amor... Como a cristandade, a família degrada-se quando não mata a sede habitualmente no Evangelho. E para o casal como para Igreja, é sempre por um regresso ao Evangelho que uma renovação se opera. Porque o Evangelho, é Jesus Cristo que fala. E a palavra de Jesus Cristo é espírito e vida.*” (O matrimónio, caminho para Deus). Deus chama-nos a viver este grande Amor; não podemos calar o que vivemos e temos o dever de seduzir os outros para este amor.

II - “*Ter em conta as necessidades e valores da época em que vivemos*”

Um mundo em mudança interpela as ENS

Nós não estamos simplesmente numa época de mudanças, mas numa mudança de época. Assistimos à chegada de um novo sistema cultural que, embora partindo muitas vezes dos nossos próprios valores cristãos, parece distanciar-se deles, distorcê-los e questioná-los estruturalmente.

A sociedade atual não parece disposta a adaptar-se às verdades e aos costumes pré-estabelecidos. Pelo contrário, no mundo de hoje são as realidades vividas que interpelam as normas, pedindo-lhe justificações e respostas coerentes.

O nosso mundo está longe do ideal cristão dum desenvolvimento integral e respeitoso da criação capaz de alcançar todos os povos da terra. O progresso económico e tecnológico global dos últimos decénios é acompanhado de desvios e desequilíbrios que acabaram por afetar as famílias, tanto dos países desenvolvidos como dos mais pobres.

Assim, vivemos num mundo repleto de contradições e descontinuidades, cujo futuro não se prevê claramente. É precisamente por isso que devemos agir para que possamos transformá-lo.

Parecem assim urgentes as exortações da Igreja a enfrentar com esperança, audácia e alegria os desafios deste mundo em transformação, cheio de feridas e de frustrações, mas igualmente repleto de oportunidades e

possibilidades. As Equipas de Nossa Senhora recebem com entusiasmo este apelo sempre renovado a deixar-se evangelizar pelo Espírito Santo para, por sua vez, se tornarem evangelizadoras. Mas se queremos ser apóstolos coerentes, devemos compreender com uma inteligência espiritual, quer dizer cultural e cristã, onde nos encontramos.

Do ponto de vista económico, estamos mergulhados na cultura da globalização dos meios de produção, dos hábitos de consumo e da informação. As oportunidades de criar trabalho e riqueza, não importa em que ponto do planeta, são acompanhados dum grande competitividade entre os estados e frequentemente dum diminuição da proteção social, dum exploração ilimitada dos recursos da terra e de práticas especulativas bem como de corrupção. Uma consequência de tudo isto é a situação de tensão permanente para grande parte da humanidade e o enorme aumento das migrações, livres ou forçadas. Estas são causa de dificuldades para desenvolver projetos estáveis do casamento e família, mesmo sendo fontes de riqueza e de oportunidades de acolhimento e de partilha por aproximarem as periferias das portas das nossas casas.

A globalização económica está associada à urbanização global. A concentração da população nas grandes cidades e a difusão generalizada da cultura urbana é a outra face do abandono dos territórios rurais e dos valores tradicionais. As cidades são os lugares privilegiados para a nova evangelização, mas exigem uma grande imaginação para criar espaços de encontro e de comunhão atrativos e motivadores para os seus habitantes.

O desenvolvimento do mundo atual está igualmente associado ao progresso tecnológico nos domínios da natureza, da vida e da comunicação. São sem dúvida progressos que permitem melhorar o bem-estar das pessoas, das suas condições de vida e da sua liberdade. Mas eles fomentam também sentimentos exagerados de autossuficiência e autossatisfação que impelem as pessoas de preocupar-se mais com o “*como*” do que com o “*porquê*” das suas decisões. É a cultura da eficácia e do utilitário: só tem valor o que é útil; não há limites éticos na manipulação da natureza desde que ela satisfaça os desejos individuais.

Do ponto de vista social, quando a competitividade e o consumo escondem um desprezo pela ética, e igualmente por Deus, passa-se à “*cultura do descartável e da não proteção.*” O ser humano fica reduzido à sua

capacidade de produzir e consumir. Aquele que as não possui, não está abaixo ou na periferia da sociedade, ele está fora dela. Este estilo de vida, que exclui numerosas pessoas, desenvolveu no mundo uma globalização da indiferença; sem disso tomar consciência, somos como que anestesiados, perdemos a capacidade de ver e ajudar aquele que está ferido à beira do caminho. Este abandono afeta igualmente os idosos, cujo número aumenta sem cessar, e fá-los correr o risco de serem considerados como um fardo. A sua dependência é mesmo, por vezes, explorada economicamente. A solidão torna-se insuportável para alguns deles, mesmo se alguns entre eles recebem amor e amparo da sua família, assim como o acolhimento e a atenção espiritual por parte da Igreja e dos seus Movimentos.

A cultura do descartável é também a cultura do desperdício, do “*usar e deitar fora*”, que prejudica a natureza e a qualidade de vida. Deus fala ao homem através da criação visível, e o que escutamos, em simultâneo com os lamentos dos abandonados, é o grito da nossa irmã Terra, maltratada como nunca, reclamando uma mudança de rumo. Deus colocou a sua Criação nas mãos dum casal, nós somos assim herdeiros e responsáveis pela resposta desta casa comum ao projeto de beleza e de plenitude que Ele tinha sonhado. Certamente, a pessoa está acima da natureza, mas se a Terra caminha para o seu fim e se a qualidade de vida dos nossos descendentes continua a deteriorar-se, a nossa mensagem sobre o amor e o casamento não encontrará mais nenhuma escuta atenta; as prioridades das pessoas serão outras.

Do ponto de vista das relações afetivas, conjugais e familiares, nós vemos muitas transformações positivas, mas também grandes contradições e ameaças. A indiferença geral gera uma falta de interesse pelo casal e pela família. As estruturas sociais apoiam menos do que antes a vida afetiva e familiar das pessoas. Os paradoxos são numerosos. Por um lado, muitos jovens sofrem com a falta de acesso à habitação e às necessidades básicas; as condições de trabalho precário dificultam a construção de um lar e o acolhimento à vida. Família e casa interligam-se mutuamente, e muitas vezes falta um dos dois. Por outro lado, esta mesma cultura da competitividade e do consumismo hedonista oferece a outros jovens tantas oportunidades que eles não se sentem inclinados ao compromisso de constituírem uma família.

O modelo antigo de famílias caracterizadas pelo autoritarismo e os excessos de patriarcado desapareceram para revelar a verdadeira alma do matrimônio: “*O Amor*”. Entretanto a sociedade atual parece desvalorizar a riqueza da união monogâmica entre um homem e uma mulher, alicerçada na indissolubilidade e na abertura à vida. Acrescentemos que hoje, na nossa sociedade, a palavra “*família*” cobre diversas realidades.

Além disso, o reconhecimento da igual dignidade da mulher e do homem avançou de uma maneira decisiva, se bem que persistam violências e práticas inaceitáveis e que surjam novas formas de exploração do corpo da mulher. A luta feminista, mesmo que legítima, leva muitas vezes a teorias extremas, irracionais e inquietantes, fundadas na negação das diferenças e da complementaridade natural entre os dois sexos e na vontade de impor autoritariamente a chamada “*ideologia do gênero*” segundo a qual a identidade sexual humana dependeria de opções individuais.

A exaltação do “*eu*” é igualmente um sinal dos nossos tempos. Podemos encontrar nele valores positivos no desejo de cultivar o que cada um tem de melhor e de conduzir em liberdade o seu próprio projeto de vida. Mas a falta de disciplina pessoal e de objetivos nobres pode levar à incapacidade de cada um se doar generosamente. Assim, a cultura do individualismo imiscui-se pouco a pouco na esfera familiar em seu detrimento. Se o “*eu*” prevalece sobre o “*nós*”, então o matrimônio e a família estão ao serviço do indivíduo e não o inverso; casal e família podem então construir-se e modificar-se segundo a sensibilidade e as necessidades individuais de cada um. É assim mais fácil justificar a falta de compromisso e as ruturas.

A cultura do descartável evocada anteriormente já não encoraja o amor verdadeiro assente na fidelidade; ela tem como consequência a rapidez com que as pessoas consomem as relações afetivas, passando facilmente de uma à outra. As crises do casal vivem-se de forma superficial, impaciente e egoísta. As ruturas dão lugar a novas relações e a novas uniões, criando, por sua vez, situações mais difíceis de compreender e de viver, especialmente para os filhos, situações problemáticas também no plano cristão.

O paradoxo é que, neste contexto, o desejo de uma união e de uma família estáveis permanece forte no fundo das pessoas e isto motiva a Igreja.

Do ponto de vista da religião a cultura individualista conduz ao relativismo moral e à rejeição de Deus no domínio privado. Isso empobrece a vida pública e a sociedade que se priva de valores objetivamente bons para todos e descuidam a função de apoiar e guiar com clareza as pessoas face às grandes questões da existência, particularmente no plano ético. A Igreja de hoje deve superar essa falta.

O enfraquecimento da fé e da prática religiosa deixa as famílias mais sós perante as suas dificuldades. Muitas pessoas sofrem o inferno da solidão, provocada pela fragilidade das relações e a ausência de Deus nas suas vidas. Podem então deixar-se atrair por novas “propostas” religiosas, algumas com tendência para o fundamentalismo e outras propondo uma espiritualidade sem Deus. Estas propostas falaciosas encontram frequentemente eco favorável nas periferias e nas zonas mais pobres, onde as pessoas sofrem enormes carências e vivem no sofrimento.

Além disso, é necessário reconhecer com o Papa Francisco que *“se uma parte da nossa população de batizados não participa nas atividades da Igreja, deve-se também à existência de certas estruturas e a um clima pouco acolhedor em algumas das nossas paróquias e comunidades.*

III - “Visualizar uma perspectiva, a direção em que é necessário convidar o Movimento a prosseguir...”

A que desafios concretos pode o Movimento responder e como?

Há um desafio primordial e um objetivo claro para a nossa missão: ajudar a descobrir e a viver a verdadeira natureza do amor humano que a cultura atual tende a desfigurar. O capítulo quatro da Exortação Apostólica *“Amoris Laetitia”* mostra o esplendor do amor verdadeiro: um trabalho artesanal que se realiza nas inúmeras sombras e luzes do quotidiano, lugar para amar de manhã à noite, assumindo e ultrapassando as suas imperfeições próprias e dos outros; uma realidade que se transforma ao longo da vida, sem perder a sua própria essência; um compromisso defi-

nitivo e duradouro que requer e provoca a união com Deus. Em conclusão, a nossa Missão é mostrar e oferecer um caminho de felicidade e de santidade.

As Equipas de Nossa Senhora sabem que o Senhor não deixa de dar-lhes a força e os meios necessários para avançarem confiantes nesta missão. Como o Papa Francisco dizia no seu discurso de 2015 aos responsáveis do Movimento, nós possuímos algo que devemos partilhar. Este foi certamente um apelo a colocar a pedagogia das Equipas ao serviço da sua missão: nela está a nossa força e o que podemos partilhar.

Naturalmente, as Equipas de Nossa Senhora devem responder ao apelo da Igreja, partindo daquilo que são. Viver a missão a partir do nosso carisma significa realizá-la em casal, partilhá-la em equipa e apoiar-se na dinâmica e proteção do Movimento.

Nesta nova etapa, o Movimento assume conscientemente o sentido real da sua missão na Igreja e no mundo. Por isso, reafirma que o seu carisma é não só cultivar a espiritualidade conjugal, mas também garantir a promoção dum espírito missionário em cada membro, em cada equipa.

Assim, e sem diminuir a liberdade e iniciativa individual de cada membro, o Movimento apoiará e encorajará, na sua organização e animação, programas concretos de acompanhamento de casais em situações novas, encontradas na sociedade contemporânea. Essa é a contribuição concreta que podemos dar à Igreja e ao mundo de hoje, pois é a nossa força.

Como poderemos concretizar ainda mais este espírito e esta nova dinâmica missionária? Deixemo-nos inspirar pelas palavras chave que insistentemente o Papa Francisco recorda: *discernir, acolher, acompanhar*.

III-1 Discernir e Acolher

Acolhimento: palavra esta que é parte da identidade do Movimento expressa na Carta fundadora. O Padre Caffarel em “*Matrimónio, este grande sacramento*” falava do mistério da hospitalidade cristã, função muito importante na vida e ao crescimento da Igreja. O casal ou a pequena comunidade que o acolhe na sua intimidade, por tempo mais ou menos longo, oferece não só calor humano, mas também a irradiação do

seu amor e a própria existência de Cristo. Assim “*o não crente ou o pouco crente, o infeliz, o abandonado, o pecador, vão encontrar a grande Igreja, familiarizar-se com ela e orientar-se através dos sacramentos e da liturgia*” Na perspectiva da nova evangelização, é vital manter este espírito de acolhimento no seio das Equipas de Nossa Senhora e praticá-lo sem esquecer que o Senhor recebe em sua casa e não na casa do vizinho.

O Colégio Internacional reunido em Florianópolis em 2017 desejou acolher com empatia e de maneira pragmática, no quadro do carisma próprio às Equipas, a palavra do Papa Francisco, expressa na *Amoris Laetitia*. Assim, não somente o mundo, mas também a Igreja interpela as ENS, porque o nosso carisma está ao seu serviço.

A ideia de uma “*Igreja em saída*” que o Papa Francisco promoveu associa-se a um sentimento da prática do acolhimento que profeticamente o Padre Caffarel tinha já visto: “*quem tem esse apreço pela hospitalidade não esperará que lhe venham bater à porta, apressa-se a convidar. É a primeira manifestação da virtude da hospitalidade. A intuição do coração faz descobrir sem dificuldade a quem deve dirigir-se o convite.*”

(Matrimónio, esse grande Sacramento).

No seu discurso às Equipas de Nossa Senhora (Roma 2015), o Papa Francisco incitou-nos em primeiro lugar a praticar e a viver em profundidade, com constância e perseverança, a espiritualidade conjugal. Mas lembrou-nos igualmente que esta espiritualidade, se não é missionária, fica a meio do caminho. Recebemos muito de Cristo e da Igreja nas Equipas e, por isso, o Movimento sente-se irresistivelmente enviado para o exterior no sentido de testemunhar e transmitir o que recebeu. Como o desejava o Padre Caffarel, as Equipas devem ser esta “*força de choque*” duma Igreja que sai do seu próprio conforto ao encontro dos mais necessitados.

É um apelo comunitário e um apelo pessoal: a Nova Evangelização implica o envolvimento de cada membro das equipas, e não só de responsáveis qualificados. A consciência dos nossos limites será um estímulo constante para não se ficar na mediocridade e para se prosseguir rumo à santidade: a missão abre um caminho de formação e maturidade.

Tudo isto pode significar um *novo fôlego* e um *novo espírito* na difusão do Movimento. Com efeito, no contexto da Nova Evangelização, importa

dar a conhecer ao maior número possível de países as riquezas do casamento cristão. Sabemos como a pedagogia das Equipas de Nossa Senhora é um fermento para fazer evoluir positivamente a relação homem-mulher.

Hoje a internacionalidade, a diversidade étnica e cultural, as diferenças socioeconómicas, as comunidades ligadas a outros ritos católicos estão à porta das nossas casas, ou, não longe, num quarteirão vizinho. É tempo de fazer cair numerosas barreiras na expansão do Movimento e na difusão da Boa Nova que o acompanha. Quando procuramos integrar um novo casal na nossa equipa, ou quando planificamos a difusão ou informação das ENS no nosso Setor, saímos para procurar somente aquele que é como nós, ou consideramos a hipótese de acolher um estrangeiro? Muitas vezes somos pescadores nas águas que nos são familiares e tememos ir pescar nos mares que conhecemos mal!

Como aumentar a nossa capacidade de acolhimento, respeitando sempre o carisma do Movimento e os seus Estatutos Canónicos? Não existe uma resposta simples, mas nós sabemos, pela biologia, que uma célula sã necessita dum núcleo forte e uma membrana porosa que permita as permutas de experiências em certas situações. Os apelos da Igreja não permitem às Equipas de Nossa Senhora continuar a viver abrigadas numa fortaleza.

Os Estatutos Canónicos das Equipas de Nossa Senhora marcam as regras a respeitar no acolhimento de novos membros, as quais delimitam um perfil preciso na noção de pertença ao Movimento. Ao mesmo tempo, o Movimento deve agir com um espírito de discernimento, misericórdia, prudência e caridade quando se confronta com situações particulares. É conveniente analisar cada uma dessas situações, caso a caso, com amor, nunca perdendo de vista o carisma fundador. Conforme o capítulo oito da *Amoris Laetitia*, este tipo de acolhimento sugere um acompanhamento que poderá conduzir eventualmente a uma certa participação na dinâmica do Movimento. Na perspetiva da Vocação e da Missão das Equipas, esta resposta é compatível com o nosso carisma da espiritualidade conjugal, se reconhecermos que existe alguma coisa da espiritualidade conjugal em cada casal, homem e mulher, que se compromete num verdadeiro amor e na verdadeira busca de Deus.

O discernimento na capacidade de acolher evoca o mistério do nosso Deus, eterno e infinito, que se torna o mais pequeno, para nos alcançar a todos com a sua misericórdia.

III-2 Discernir e Acompanhar

O Papa Francisco assinala antes de tudo o grande desafio cultural, espiritual e educativo, pondo em prática uma conversão integral rumo a uma vida plenamente cristã, praticando um outro estilo de vida. A família é o lugar privilegiado para concretizar esta conversão: é o lugar onde a vida é acolhida e protegida; nela cultivamos as primeiras centelhas do amor, de hospitalidade, de partilha e do respeito por todos... Nesta base, a Igreja sublinha com insistência a necessidade de fortalecer a educação dos filhos e de ultrapassar os obstáculos para a transmissão da fé em família.

A família é o lugar ideal para o diálogo e a permuta entre gerações. Os jovens têm uma sensibilidade nova e um espírito generoso, muitos lutam admiravelmente por um mundo mais justo e mais aberto; eles podem ajudar-nos a retomar alguns caminhos essenciais de conversão e de missão que a Igreja nos recomenda:

- Desenvolver uma consciência ecológica que conduz a um estilo de vida mais simples, mais humilde e solidário.
- Ultrapassar a desconfiança, as atitudes defensivas e abrir caminho para ir ao encontro dos outros para além das fronteiras da diversidade porque lá também sopra o Espírito.
- Promover o respeito e a dignidade da pessoa e o exercício ético e responsável da liberdade, particularmente no domínio das relações afetivas e sexuais.

A Igreja reconhece *que os casais cristãos pela graça do sacramento do matrimónio, são os principais agentes da pastoral familiar*. Não se trata de expor teorias nem de impor doutrinas, mas de mostrar a partir da experiência dos atrativos do amor conjugal e familiar, que respondem aos anseios mais profundos do ser humano e são o antídoto contra a egolatria que invade hoje o mundo.

Nós, cristãos unidos pelo sacramento do matrimônio, temos a experiência de que, se permanecermos unidos a Cristo, o amor é mais forte que todas as mortes que um casal pode conhecer. Nós sabemos bem que o casal é um processo que avança gradualmente graças à integração progressiva dos dons de Deus. É a alegria e a esperança que podemos transmitir.

A palavra chave é “*acompanhar*”. O Papa Francisco insiste na necessidade de praticar “*a arte do acompanhamento*” nos caminhos de aperfeiçoamento. Nós, as Equipas, somos já iniciados nesta arte que implica discernimento, acolhimento, escuta, compaixão, cuidado, paciência, reciprocidade... Nós somos chamados pela Igreja a acompanhar especialmente os momentos de grande fragilidade: o caminho até ao compromisso firme e durável; os primeiros anos de vida em casal; as etapas de crise e de dificuldades; as situações complexas causadas por ruturas, abandonos e incompreensões.

III-3- Praticar «a arte do acompanhamento»

No âmbito da educação e da transmissão da fé

Um dos desafios fundamentais que se coloca às famílias de hoje é seguramente o da educação, que se tornou mais exigente e complexa devido à situação cultural atual e à grande influência dos meios de comunicação. A transmissão da fé que parecia noutros tempos ser natural, tornou-se hoje problemática, num mundo dessacralizado e materialista, onde tudo é questionado. As Equipas de Nossa Senhora devem ocupar-se desta questão e ajudar os pais pertencentes às equipas na educação dos seus filhos. Elas são chamadas a colaborar, por uma ação pastoral adequada, a fim de que os próprios pais possam cumprir a sua missão educativa.

Como se faz já nalguns casos, seria útil que nas jornadas de Setor e noutros encontros, propor simultaneamente atividades de tipo religioso para os filhos. Aquando dos retiros, por exemplo, porque não convidar os filhos dos casais das equipas a terem momentos de oração. Os encontros educativos com os filhos podem ser facilitados pelas técnicas de comunicação e de divertimento, cada vez mais sofisticadas.

As crianças têm necessidade de símbolos, de gestos, de histórias. Os adolescentes entram geralmente em conflito em relação à autoridade e às normas; convém então encorajar as suas próprias experiências de fé e apresentar-lhes testemunhos luminosos que se imponham unicamente pela sua beleza.

A revitalização das Equipas de Jovens de Nossa Senhora seria a sequência lógica desta atenção aos mais jovens.

O Padre Caffarel exaltava a virtude do exemplo; para ele, as famílias missionárias não só davam filhos missionários, mas eram a origem de inúmeras vocações. Hoje, sendo a transmissão da fé muito mais difícil para as famílias, as Equipas de Nossa Senhora, como todas as comunidades da Igreja, devem ter a preocupação de dar ajuda aos pais. A fraternidade que nos une impõe-nos esse dever.

No âmbito da preparação para o casamento e seu acompanhamento

A primeira missão das Equipas de Nossa Senhora é, evidentemente, irradiar a boa nova do matrimónio. Desde há muito tempo muitos membros das equipas trabalham nos Centros de Preparação para o Matrimónio, mas o sentimento expresso pelo Padre Caffarel durante a sua conferência em Chantilly em 1987 merece uma reflexão. Dizia ele: *“Eu não penso que as Equipas de Nossa Senhora deveriam dirigir a preparação para o matrimónio, mas penso que as ENS deveriam ter Centros de Preparação para o Matrimónio que fossem referência para os outros centros, a partir justamente da espiritualidade que tinham descoberto.”*

Uma reflexão impõe-se também para imaginar e criar, inspirados sempre na pedagogia do Movimento, módulos ou percursos que pudessem ser propostos a jovens casais acabados de casar que tivessem o desejo de um acompanhamento nos primeiros anos do seu casamento, sem que fossem obrigados a integrar um movimento. O Papa Francisco exprimiu bem esta necessidade na *Amoris Laetitia*. *“Tanto a preparação próxima como o acompanhamento mais prolongado devem procurar que os noivos não considerem o matrimónio como o fim do caminho, mas o assumam como uma vocação que os lança para diante, com a decisão firme e realista de atravessarem juntos todas as provações e momentos difíceis. Tanto a*

pastoral pré-matrimonial como a matrimonial devem ser, antes de mais nada, uma pastoral do vínculo, na qual se ofereçam elementos que ajudem quer a amadurecer o amor, quer a superar os momentos duros. Estas contribuições não são apenas convicções doutrinárias, nem se podem reduzir aos preciosos recursos espirituais que a Igreja sempre oferece, mas devem ser também percursos práticos, conselhos bem encarnados, estratégias tomadas da experiência, orientações psicológicas. Tudo isto cria uma pedagogia do amor, que não pode ignorar a sensibilidade atual dos jovens, para conseguir mobilizá-los interiormente.” (AL 211)

As Equipas de Nossa Senhora não podem ignorar, no mundo de hoje, todos esses jovens que não ousam escolher a via do compromisso matrimonial e preferem viver em situação de “união de facto”. As suas razões são múltiplas. É da nossa responsabilidade aproximarmos-nos deles para, sem julgamentos nem proselitismo, lhes explicar por que razão, ao contrário do que é propagado hoje, o casamento cristão é um caminho de felicidade. Graças à pedagogia utilizada nas Equipas de Nossa Senhora, é possível levá-los a caminhar não somente para o matrimónio, mas suscitar neles o desejo de ir mais longe num caminho de fé. Várias experiências existem, tais como “*as Equipas Tandem*” em França ou “*Mas Pareja*” na Colômbia ou “*as Experiências Comunitárias*” no Brasil. Basta adaptá-las e enriquecê-las, segundo a realidade e a cultura de cada país.

A implicação dos responsáveis do Movimento ao nível da pastoral nas dioceses deve ser forte. É um desafio que nos é lançado, se desejamos que o nosso Movimento seja fecundo “*para o exterior*” e dê frutos.

No âmbito das crises do casal

Sabemos também que hoje, nenhum país está livre do que chamamos em geral “*a crise do casal*” que surge muitas vezes nos primeiros anos de vida em comum... Esta crise será uma fatalidade, perante a qual não há nada a fazer? Se as Equipas de Nossa Senhora pensam que não, então é necessário que atuem.

Enquanto “*especialistas do casal*” não terão elas um papel a desempenhar numa sociedade que atualmente não propõe senão a separação e o divórcio como saída, para a crise do casal? Para alcançar esse objetivo é mais

que necessário o empenhamento numa verdadeira pastoral de acompanhamento, além sem dúvida das propostas já existentes que convém encorajar e desenvolver quando possível. Não poderão as ENS propor soluções de acompanhamento dos casais, em ligação com os profissionais do assunto, antes que a crise se torne irremediável? Não é possível dar o testemunho da grandeza do casal, da sua riqueza, da sua beleza e da sua perenidade, apesar das tempestades que, muito naturalmente, o agitam?

Ao longo dos tempos, as Equipas de Nossa Senhora souberam suscitar propostas para responder às situações colocadas pelas diversas circunstâncias da vida do casal. Em todos os casos, as ENS procuraram fazer de maneira que, através das inevitáveis crises, a união dos cônjuges em questão fosse sólida, durável e vivida na Fé.

Aprender a antecipar a crise antes que ela se torne irremediável seria certamente uma boa base de discernimento. As Equipas de Nossa Senhora têm competência para inventar e criar nesta matéria. Certos países tiveram iniciativas muito interessantes que merecem ser conhecidas e difundidas num maior número possível de países. Assim os membros da Equipas de Nossa Senhora podem ser convidados a seguir uma formação de conselheiros conjugais para poderem ajudar, de maneira mais eficaz, os casais em crise, cuja separação poderia, em numerosos casos, ser evitada.

O Padre Caffarel tinha, aliás, lançado já esta mesma ideia no seu Discurso de Chantilly: *“eu desejaria que as Equipas de Nossa Senhora tivessem conselheiros conjugais e, não pretendendo um monopólio que o façam de modo a que tenham como referência o carisma fundador.”*

Em certos países, os responsáveis organizam regularmente, ao longo de todo o ano, nos locais onde é possível, conferências abertas a todos sobre temas que tratam do casal e da família. Duas vantagens: as Equipas de Nossa Senhora abrangem os que estão fora das equipas e, assim, podem ajudar a encontrar respostas às questões postas pela sociedade (educação, ética, sexualidade, antropologia do amor, do casal...).

Esta ajuda poderia aliás ser alargada a zonas mais remotas ou mais desfavorecidas, graças aos diferentes meios de comunicação que hoje temos à disposição.

Neste mesmo espírito, o Movimento, a diferentes níveis, poderia criar equipas suscetíveis de intervir sobre um ou outro assunto.

No âmbito dos casais que constituíram uma nova união

De igual modo, o problema dos casais separados ou divorciados que constituíram uma nova união que desejam durável e vivida na fé, não pode ser ignorado. Há vários anos que os Papas e os Bispos nos desafiam a ter em atenção esta situação. O discurso do Papa Francisco dirigido às Equipas de Nossa Senhora em 2015 foi muito claro a este respeito. *“Importa que possais levar o vosso testemunho e a vossa experiência para ajudar as comunidades cristãs a discernir nas situações concretas das pessoas, a acolhê-las com as suas feridas, e a ajudá-las a caminhar na fé e na verdade, sob o olhar de Cristo Bom Pastor, para ocuparem o seu justo lugar na vida da Igreja.”* Em França, as equipas “Reliance” são uma proposta, mas ainda é necessário avançar neste campo, se queremos que muitos mais casais possam experimentar a misericórdia de Deus.

É claro que todas essas propostas para serem eficazes não podem ser individuais ou elaboradas sem o apoio de conselheiros espirituais. A missão de ajudar a renovação da fé, pertence aos conselheiros espirituais: *“É impossível dissociar a missão do padre da missão de Cristo; ela prolonga-a e perpetua-a ao longo dos séculos”*. (Padre Henri Caffarel). É necessário que o Movimento, a nível dos Setores ou das Regiões, conforme os casos, crie grupos de reflexão, lance experiências e esteja em estreita relação com as dioceses, que nos parecem ser o nível mais adequado para permitir uma boa difusão.

No âmbito dos idosos

O nosso Movimento deve adaptar-se ao mundo moderno sem deixar de lado os anciãos. A solidão de que sofrem deve merecer a nossa atenção. As iniciativas serão essencialmente imaginadas e concretizadas no terreno, em função das expectativas expressas. É um desafio para todos nós.

Marie d’Amonville, viúva de Luís, casal antigo colaborador do Padre Caffarel, propõe, para ajudar todos aqueles que desejam viver este período, criar em todos os locais onde for possível, um novo Movimento,

denominado “*A vida diante de nós*”, diretamente ligado às Equipas de Nossa Senhora, a fim de viver como um momento de graça a preparação para a “*grande passagem*”.

O nascimento deste novo movimento é seguramente a prova de que o carisma fundador é fecundo e atuante. É, ainda, necessário tempo para reflexão e discernimento e reservar espaços para esse efeito se queremos verdadeiramente encontrar respostas aos desafios do nosso mundo.

No âmbito da reflexão espiritual e da sua difusão

No Colóquio sobre o pensamento do Padre Caffarel, realizado no Colégio Bernardim em Paris, em dezembro de 2017, a Irmã Fernanda Barbiero salientava na sua conferência sobre a revista “*L’Anneau d’Or*” o papel essencial que esta revista desempenhou no universo espiritual do seu tempo. A conferencista concluía dizendo que “*L’Anneau d’Or*” abriu caminhos que estão ainda por percorrer. Assim, esta revista, para além do seu papel de elo dos membros das ENS do momento, abriu perspectivas que seria tempo de alargar e atualizar nos dias de hoje.

Não seria necessário, neste período de profunda mutação, abrir um espaço de reflexão e de criação capaz de suscitar nos nossos contemporâneos um interesse e uma convicção em torno deste assunto da espiritualidade conjugal no limiar deste terceiro milénio?

Claro que os meios utilizados não teriam muito a ver com os de “*L’Anneau d’Or*”; conviria mobilizar todos os meios de comunicação moderna, permitindo tocar os membros das equipas de maneira muito direta e personalizada, assim como talvez públicos mais alargados.

Este objetivo poderia fazer parte dos espaços de reflexão e criação dos Responsáveis do Movimento e, mais amplamente, do conjunto dos membros das equipas que nele encontrarão uma dimensão essencial da sua vocação missionária.

Conclusão

O futuro das Equipas de Nossa Senhora será sempre assente numa maior comunhão. Não será senão seguindo a lógica do Amor e do dom que podemos atingir esta comunhão nas diferentes esferas da nossa vida, no seio do Movimento e da Igreja. Os membros das Equipas de Nossa Senhora participam à sua maneira na função profética, sacerdotal e real de Cristo na Igreja e no mundo.

Evangelizar não é um convite facultativo, mas um dever constante. “*Evangelizar, é reconhecer--se na Igreja missionária.*” É reconhecer o apelo de Deus.

Chegou o momento das Equipas de Nossa Senhora se sentirem capazes de aceitar e de responder às grandes interpelações do mundo, dando um sentido á sua existência, graças à sua identidade e à sua especificidade missionária que conduzem cada casal a comprometer-se com toda a responsabilidade na Missão.

A Missão do Movimento é formar, enquadrar e motivar os casais a serem agentes da Boa Nova no mundo em que vivemos para anunciar os valores do Evangelho no seio do casal e da família, pilares que suportam a ponte que temos de atravessar e que nos impõem cada vez mais um empenhamento baseado na estabilidade do amor.

Recrear e adaptar os meios de formação, garantindo a fidelidade ao nosso carisma, a fim de podermos dar resposta aos desafios concretos dos nossos dias: eis o primeiro passo a dar.

As ENS podem trazer à “*Igreja em saída*”, segundo a expressão do Papa Francisco, uma ação evangelizadora de incalculável dimensão. As ENS não podem, por isso, limitar-se a uma espiritualidade individualista, mas devem realizar-se numa perspetiva pastoral que é indispensável para a transformação do mundo.

Se, por todo o mundo, iluminarmos o matrimónio e a família com a verdadeira luz do Evangelho, um novo caminho se abrirá que será motivo de esperança e de alegria para todos.

O nosso Movimento não pode ficar reduzido à estrita observância dos Pontos Concretos de Esforço, sem se dar ao trabalho de olhar à sua volta para ver de quem deve “*fazer-se próximo*”. Com efeito, mesmo que respeitem os Pontos Concretos de Esforço, os casais perdem por vezes de vista a verdadeira exigência da vida cristã (Fé e Ação). O Padre Caffarel nunca separou a nossa vocação da nossa missão. Ele dizia que era preciso ter sempre em conta estes dois aspetos. Saibamos fazer nossas as palavras pronunciadas no fim de cada missa: “*Ide servir o Senhor*”.

Concluimos com o Padre Caffarel: “*Mais amor nos lares, mais caridade nas equipas e mais dinamismo missionário...*”

Dado às Equipas de Nossa Senhora pela Equipa Responsável Internacional em Fátima, 20 de julho de 2018

ANEXO 6

CARTA DO CARDEAL FELTIN - 1960

Preâmbulo

Na Igreja como na sociedade civil, qualquer associação é levada a escrever um dia a sua natureza, os seus objetivos, os seus meios sob a forma de Estatutos. É conveniente que não o faça prematuramente, de modo a não se limitar a um modelo demasiado estreito que arrisque comprometer as evoluções e as adaptações necessárias, contudo é preciso fazê-lo logo que possível a fim de assegurar a retidão no desenvolvimento e anular todas as hesitações e todas as discussões sobre as características distintas do agrupamento. Na Igreja, as instituições novas são primeiro aprovadas pelo Bispo do lugar da fundação. Só depois pela Santa Sé, se esta entender por conveniente. Na última Carta Mensal, ficaram a saber que os Estatutos das Equipas de Nossa Senhora acabaram de ser entregues em Roma, onde serão estudados. Anteriormente tinham sido aprovados por Sua Eminência o Cardeal Feltin, através de uma carta muito importante que se encontra mais à frente. Este documento capital, onde as características do nosso Movimento são explicitadas vigorosa e claramente, merece ser lido, meditado por cada um de vós e estudado numa reunião de equipa. O nosso lugar na cristandade não pode ser mais explícito. A linha de conduta é clara, compete a cada um ser-- lhe fiel.

Henri Caffarel

Texto

Testemunha do impulso das EQUIPAS DE NOSSA SENHORA, em França e no mundo, ciente do desabrochar espiritual dos casais que a elas aderem, sinto-me feliz por ter a oportunidade de exprimir o meu pensamento à direção do Movimento. Como Bispo do lugar da fundação e depois de ter estudado os estatutos que me foram submetidos, tenho o prazer de declarar ao Centro Diretor do Movimento que eu os aprovo. Estes estatutos são fruto de uma longa experiência que mostrou como um quadro

administrativo, simultaneamente firme e flexível, favorece o progresso na caridade e a irradiação dos casais.

Que todos se mantenham fiéis à inspiração original e às características do Movimento espiritual, supranacional, constituído por leigos.

- 1 — As Equipas de Nossa Senhora são e devem manter-se como Movimento de formação espiritual. A sua razão de ser é fazer com que os seus membros descubram as exigências e a grandeza da sua vocação de batizados e ajudá-los, pelos estatutos e enquadramento do Movimento, a *“atingir a perfeição da vida cristã no quadro da sua vida conjugal e familiar”*, conforme as palavras do discurso de João XXIII, dirigidas aos milhares de peregrinos do Movimento, em maio último. Como Escola de Perfeição, as Equipas de Nossa Senhora não devem ser equiparadas aos movimentos da ação católica, nem aos movimentos familiares. Devem, com todo o mérito, ambicionar ser viveiros de militantes em que, segundo a vocação própria de cada um, muitos participarão na vida da ação católica e nas diversas obras aprovadas pela hierarquia, empenhando-se nos serviços temporais com a preocupação de aí darem o seu testemunho de cristãos e de contribuírem para o estabelecimento de uma ordem social conforme aos ensinamentos da Igreja.

- 2 — O seu objetivo de formação espiritual justifica o ideal de supranacionalidade das Equipas de Nossa Senhora. Não há fronteiras para a vida espiritual e esta grande fraternidade espiritual e supranacional dos casais num movimento único, implantado em mais de vinte nações, é um precioso testemunho na cristandade e também uma grande esperança. Esta supranacionalidade – para não ser um engodo e para se manter ao nível da caridade de Cristo – exige simultaneamente uma direção forte e um leal espírito de disciplina da parte dos quadros e dos membros das Equipas, quando não o Movimento enfraqueceria diante da tentação que ameaça todos os agrupamentos espirituais, de infletir em direção a objetivos de ação. Ceder a esta tentação seria, para as Equipas de Nossa Senhora, renegar a sua razão de ser.

3 — É feliz esta orientação de que, em todos os escalões, as responsabilidades dirigentes sejam asseguradas por leigos. Está bem na linha da promoção do laicado tão fortemente favorecida pela Santa Sé desde há trinta anos. O Padre, que, segundo os estatutos, assiste o casal responsável de Sector, tem a missão não só de transmitir aos casais animação e conselhos espirituais, como de assegurar a ligação com o Bispo da Diocese. O Centro Diretor Internacional do Movimento, devido à responsabilidade doutrinal e espiritual implícita nas suas funções, tem como responsável um Padre designado pelo Cardeal Arcebispo de Paris. Esta função foi até agora exercida pelo Padre Caffarel, fundador das Equipas de Nossa Senhora. A aprovação que nós damos aos Estatutos é para nós uma oportunidade de confirmar o Padre Caffarel nas suas funções e de lhe transmitir a nossa inteira aprovação pelo impulso espiritual e doutrinal que ele imprime às Equipas de Nossa Senhora, bem como pela sabedoria com que ele e os seus colaboradores as conduzem num espírito de absoluta docilidade e fidelidade para com os Bispos e a Santa Sé, espírito que jamais se contradisse.

Aprovação dada em Paris, 25 de março de 1960

Assinado: *Maurice Cardinal FELTIN*
Arcebispo de Paris

ANEXO 7

DECRETO DE RECONHECIMENTO - 1992

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

Desejosos de viver em plenitude a sua vocação de batizados no Matrimônio, alguns casais, guiados pelo Padre Henri Caffarel, deram vida, em 1938, em Paris, às Equipas de Nossa Senhora. Contudo, foi a elaboração da “Carta das Equipas de Nossa Senhora” que, em 8 de dezembro de 1947, constituiu o ato da fundação do Movimento.

Na Carta, os casais então responsáveis, orientados pelo Padre Caffarel, afirmam a sua vontade:

- De levarem “até ao fim o compromisso do seu Batismo”;
- De se darem a Cristo “sem condições”;
- De O servirem sem discutir;
- De fazerem “do seu Evangelho a carta das suas Famílias”;
- De verem o seu amor, santificado pelo sacramento do Matrimônio, tornar-se “um louvor a Deus”, um testemunho aos homens, demonstrando-lhes com toda a evidência que Cristo salvou o amor, uma reparação dos pecados contra o Matrimônio”;
- “Querem ser por toda a parte missionários de Cristo”;
- Devotados à Igreja, querem estar sempre prontos a responder aos apelos dos seus Bispos e Padres;
- Querem ser competentes na sua profissão;
- Querem fazer de todas as suas atividades uma colaboração à obra de Deus e um serviço prestado aos homens;
- Porque conhecem bem as suas fraquezas e os limites das suas forças, apesar da boa vontade;

- Porque, em cada dia, experimentam como é difícil viver como cristão num mundo pagão;
- Porque têm uma grande fé no poder da entreaajuda fraternal;

Decidiram unir-se em equipa

As Equipas de Nossa Senhora que se colocam sob a proteção de Nossa Senhora – dado que “*não há melhor guia para chegar a Deus que a Sua própria Mãe*” – querem ser um Movimento de espiritualidade, reagrupando casais que aspiram caminhar para a santidade no e pelo Matrimónio, graças à implementação na vida do casal de uma “*espiritualidade conjugal*” com a ajuda de uma equipa.

No decorrer dos últimos anos, a urgente necessidade de renovação das Famílias e dos casais cristãos, profeticamente reconhecida pelo Padre Caffarel e casais iniciadores do Movimento, e ainda reafirmada fortemente pelo Concílio Vaticano II, fê-lo crescer mais. Assim, a necessidade do suporte de uma equipa, o encorajamento recebido na troca de ideias com casais que partilham os mesmos ideais e o constante refúgio espiritual no seio de um Movimento, tornam-se cada vez mais indispensáveis.

Ao longo da sua história, as Equipas de Nossa Senhora, graças à sua expansão em muitos países de todos os continentes e aos frutos de santidade amadurecidos na vida dos casais que as compõem, têm procurado responder às suas necessidades. A qualidade espiritual e a força apostológica do Movimento deram e prometem desenvolver um bem considerável na renovação do Matrimónio no mundo.

Ao considerarem as Equipas de Nossa Senhora um dom de Deus para a Igreja e para o mundo, numerosos Bispos apoiaram o pedido de reconhecimento enquanto Associação de Fiéis de Direito Privado, apresentado ao Conselho Pontifício para os Leigos, em 19 de setembro de 1990, pelos responsáveis do Movimento.

Tendo cuidadosamente estudado o projeto de Estatutos submetido à aprovação e recebido o acordo de Sua Santidade João Paulo II no decorrer de uma audiência, em 26 de Março a Sua Eminência, o Cardeal Eduardo Pironi, o Conselho Pontifício para os Leigos *reconhece as Equipas de Nossa Senhora como Associação de Fiéis de Direito Privado*, segundo as normas dos cânones 298-311 e 321-329 *e aprova os seus Estatutos ad experimentum por um período de 5 anos.*

Possa este reconhecimento oficial reforçar mais ainda o vínculo de fidelidade à Igreja e ao seu Magistério, que, desde a sua origem, caracterizou o Movimento. Que Maria, Mãe de Deus, e Mãe de todo o Casal cristão, continue a conduzir as Equipas de Nossa Senhora no caminho da santidade que só Cristo pode dar. Com Ela, demos graças a Deus: “A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador porque olhou para a sua humilde serva”

Dado no Vaticano a 19 de abril de 1992, na festa da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Paul J. Cordes

Eduardo F. Card. Pironio

Vice-Presidente

Presidente

ANEXO 8

DECRETO DE RECONHECIMENTO DAS ENS E APROVAÇÃO DOS SEUS ESTATUTOS CANÓNICOS

2002

As Equipas de Nossa Senhora nasceram em França no decorrer do ano 1938, por iniciativa de alguns jovens casais que, acompanhados dum padre, Henri Caffarel, decidiram encontrar-se todos os meses para redescobrir em conjunto o sentido do casamento e as riquezas deste sacramento. A primeira reunião de equipa teve lugar em Paris, no dia 25 de fevereiro 1939. Cedo estes casais encontraram um tal progresso na sua vida conjugal que convidaram vários outros casais a partilhar a sua experiência. É assim que em 8 de dezembro de 1947 é promulgada a Carta das Equipas de Nossa, Senhora, considerada como o ato de fundação deste Movimento.

As Equipas de Nossa Senhora constituem um movimento de espiritualidade conjugal nascido para responder às exigências dos casais cristãos desejosos de viverem plenamente a sua vida matrimonial a partir do sacramento do matrimónio. Segundo os Estatutos (artigo 3), enquanto « Movimento de formação e de revitalização espiritual, as ENS ajudam os seus membros a progredir no amor a Deus e no amor ao próximo ; apelam à entreatajuda fraterna para que os seus membros possam assumir pessoalmente e em casal as condições concretas da sua vida conjugal, familiar, profissional e social segundo a vontade de Deus ; animam-nos a tomar consciência da sua missão evangelizadora na Igreja e no mundo, através do testemunho do seu amor conjugal e através de outras formas de ação que decorrem da sua escolha.»

Acentuando o sentido e o valor da comunhão conjugal, o Papa João Paulo II disse, no decorrer do ano do Jubileu em 2000, que «no sacramento do matrimônio, com efeito, os esposos (...) esforçam-se por exprimir reciprocamente e testemunhar ao mundo o amor forte e indissolúvel com que Cristo ama a Igreja. É o “*grande mistério*” como é chamado pelo apóstolo Paulo (cf. *Ef 5,32*)»

(João Paulo II, *Homilia do Jubileu às Famílias*, 15 outubro 2000, 4).

O Concílio Ecuménico Vaticano II bem como o magistério pós-conciliário deram uma atenção muito particular às formas associativas de participação na vida da Igreja, manifestando-lhe a sua mais profunda estima e consideração. (cf. Decreto sobre o Apostolado dos leigos *Apostolicam actuositatem*, 18, 19 y 21; (João-Paulo II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*, 29)

Nesta mesma linha, no limiar do terceiro milénio, o Papa João Paulo II escreveu que o dever de promover os diversos tipos de associação reveste-se duma grande importância para a comunhão, quer sejam as formas mais tradicionais ou as mais inovadoras dos movimentos eclesiais, estas formas continuam a dar à Igreja uma vivacidade que é um dom de Deus e que constitui uma autêntica “*primavera de espírito*”.

(Carta Apostólica Novo Millennium Ineunte, 46)".

Por consequência:

Considerando que o Conselho Pontifício para os Leigos, por decreto de 19 abril 1992, reconheceu as *Equipas de Nossa Senhora* como associação privada internacional de fiéis de direito canónico, dotada de personalidade jurídica, e aprovou os seus Estatutos *ad experimentum*;

Respondendo ao pedido apresentado ao Dicastério, em data de 11 de março de 2002, por Gérard et Marie-Christine de Roberty, Responsáveis da Equipa Internacional das *Equipas de Nossa Senhora*, solicitando a aprovação definitiva dos Estatutos;

Aceitando, ao mesmo tempo, as modificações apresentadas no texto dos Estatutos;

Considerando a difusão apostólica do Movimento e o aprofundamento da formação dos membros das *Equipas de Nossa Senhora*, com abertura ao serviço da família e da sociedade no decorrer destes últimos anos, ajudando os casais a viver cristãmente a sua vida conjugal e a descobrir e a realizar na sua vida quotidiana o projeto de Deus sobre eles;

Vistos os artigos 131-134 da Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, da Curia Romana, bem como o canôn 312, § 1, 1º do Código de Direito Canônico, o Conselho Pontifício para os Leigos decreta:

1. A confirmação do reconhecimento do Movimento das *Equipas de Nossa Senhora* como associação privada internacional de fiéis, dotada de personalidade jurídica, em conformidade com os artigos 298-311 e 321-329 do Código de Direito Canônico.
2. A aprovação definitiva dos estatutos das *Equipas de Nossa Senhora*, cujo original se encontra depositado nos arquivos do Conselho pontifício para os Leigos.

Dado no Vaticano, em vinte e seis de julho de dois mil e dois, em memória litúrgica de S. Joaquim e de Santa Ana, pais da Bem-Aventurada Virgem Maria

Stanislaw Rylko

Secretário

James Francis Card. Stafford

Presidente

ANEXO 9

ESTATUTOS CANÓNICOS DAS

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA



PONTIFICIUM CONSILIUM
PRO LAICIS
472/14/AIC-18

DECRETO

A Associação *Equipas de Nossa Senhora* foi reconhecida pelo Conselho Pontifício para os Leigos a 18 de Abril de 1992, pelo decreto 650/92/AIC-18. Os seus estatutos foram aprovados por este mesmo Dicastério a 26 de Julho de 2002, pelo decreto 1652/02/AIC-18.

Tendo em consideração o pedido de modificação do preâmbulo e dos artigos 1,4,6,7 e 8 dos estatutos em vigor, apresentado em 14 de Março de 2014 por José e Maria Berta MOURA SOARES, responsáveis da equipa internacional da Associação;

Tendo em consideração as razões indicadas para estas modificações: *inter alia* uma melhor articulação dos níveis de responsabilidade, um alargamento da participação na liderança do Movimento e uma clarificação dos direitos dos membros da Associação;

Após um exame atento destas modificações;

Visto o artigo 134 da Constituição Apostólica *Pastor bonus* da Cúria Romana, bem como o cânon 312 § 1, 1º do Código de Direito Canónico;

O Conselho Pontifício para os Leigos decreta:

A aprovação das ditas modificações, incluídas na nova versão dos estatutos canónicos autenticada por este Dicastério e depositado nos arquivos.

Dado no Vaticano, a 29 de Abril de 2014, festa de Santa Catarina de Siena

ESTATUTOS CANÓNICOS DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

PREÂMBULO

As Equipas de Nossa Senhora (ENS) têm origem num grupo de quatro casais preocupados em responder plenamente às exigências do seu batismo na sua vida de casados e num padre, o Padre Henri Caffarel, que teve a intuição das riquezas espirituais do sacramento do matrimónio.

A primeira reunião de equipa realizou-se em Paris, a 25 de fevereiro de 1939. A Carta das ENS, finalizada a 8 de dezembro de 1947 por iniciativa do Padre Henri Caffarel e dos responsáveis de então, constitui o verdadeiro documento de fundação do Movimento, que quis colocar-se sob a proteção da Mãe de Deus.

O objetivo principal deste preâmbulo é situar estes estatutos na intuição original da fundação do Movimento e assim permitir que as ENS prossigam com audácia e confiança na fidelidade aos carismas fundadores.

Como a Carta das ENS determina claramente na sua nota nº 1 e como o Padre Caffarel recordava na Páscoa de 1988 na compilação dos textos fundadores das ENS, as Equipas de Nossa Senhora, desde a sua origem, quiseram ser um «Movimento de espiritualidade conjugal e não apenas simples grupo de casais amigos cristãos desejosos de fugir ao isolamento, ou um Movimento familiar ou um Movimento de ação católica». De igual forma, desde a sua origem, não reúnem indivíduos, mas casais que pretendem caminhar para a santidade no e pelo casamento.

A intuição central das primeiras reuniões, que vai dar origem àquilo a que se chama «Espiritualidade Conjugal, é que os casais unidos pelo sacramento do matrimónio são chamados a santificarem-se não apesar do seu casamento, mas nele e por ele. Há cinquenta anos, era difícil captar a novidade de tal afirmação. Ainda hoje, é um campo a valorizar.

No contacto com esses jovens casais, o Padre Caffarel descobre o sentido daquele «grande mistério» de que fala São Paulo (Ef5,32). Para os casais unidos pelo sacramento do matrimónio, não há que procurar outro caminho de santificação que não seja o seu amor, reassumido e transfigurado pelo amor divino. Como o Padre Caffarel gosta de repetir, «o casamento consiste em darem-se um ao outro para os dois se darem juntos».

As primeiras equipas fazem também nascer uma outra intuição: o paralelismo entre as duas relações de amor, a da pessoa humana com Cristo e a do casal. Ambas conhecem uma evolução análoga: depois da alegria do encontro, vem um dia a provação da noite e da aparente ausência. Trata-se então de resistir na fé e na fidelidade.

É então que, em 1945, surge no *Anneau d'Or*, Cadernos de espiritualidade conjugal e familiar lançados pelo Padre Caffarel, um editorial intitulado com grande ressonância «Um dever mal conhecido», que, a partir de São Lucas, lança o «**Dever de se Sentar**» partindo do princípio de que «a casa acaba por ruir se não se cuidar da estrutura». No casal que não para, para refletir... a rotina instala-se... a união conjugal quebra-se.

Mas, porque conhecem a sua fraqueza e os seus limites, porque experimentam diariamente quão estreita é a porta e difícil a durabilidade, os casais decidem, cada vez em maior número, fazer equipa num Movimento estruturado, ao mesmo tempo flexível e rigoroso.

Inspiradas por uma experiência que se estende a mais de cinquenta anos, as ENS têm a convicção de que o Movimento responde mais do que nunca às necessidades dos casais e da Igreja. Este Movimento, que atualmente está implantado em cerca de sessenta países, quer ser portador do testemunho cristão no mundo.

De acordo com o cânon 299 § 3 do Código de Direito Canónico, promulgado a 25 de Janeiro de 1983, a Equipa Responsável Internacional das ENS, em conjunto com os casais Suprarregionais e numerosos Regionais, decidiu por unanimidade fixar os estatutos seguintes.

Estes estatutos foram aprovados *Ad experimentum* por um período de 5 anos durante a audiência concedida por Sua Santidade João Paulo II a 26

de Março de 1992 a Sua Eminência o Cardeal Eduardo Pironio, Presidente do Conselho Pontifício para os Leigos. O Decreto de reconhecimento das Equipas de Nossa Senhora enquanto Associação de Fieis de Direito Privado, segundo as normas dos Cânones 298-311 e 321-329, foi promulgado a 19 de abril de 1992 na solenidade da Ressurreição.

Estes estatutos foram definitivamente aprovados a 26 de julho de 2002, data da memória litúrgica de São Joaquim e Santa Ana, pais da Bem-aventurada Virgem Maria, por um Decreto do Conselho Pontifício para os Leigos, sob a presidência de Sua Eminência o Cardeal James Francis Stafford.

Têm por objetivo:

- velar pela coerência do Movimento e pelo seu crescimento na continuidade e na fidelidade às intuições originais, permitindo as necessárias adaptações consoante as novas necessidades que forem sentidas relativamente aos contextos de tempo e de lugar;
- garantir o enraizamento da intuição original do Movimento das ENS na Igreja e assim obter confirmação do reconhecimento da sua especificidade;
- servir de referência para os membros do Movimento e seus responsáveis e de garantia para as autoridades eclesiais;
- determinar a expressão institucional da ligação das ENS à Santa Sé.

Artigo 1 – DENOMINAÇÃO E QUALIFICAÇÃO

O nome oficial do Movimento é «*Équipes Notre-Dame*», abreviado como END. Esta denominação é comum ao conjunto do Movimento sem prejuízo da utilização de traduções oficiais. Associa-se-lhe, se for caso disso, em subtítulo: «Movimento de espiritualidade conjugal».

O nome “*Équipes Notre Dame*” pode, com o acordo da Equipa Responsável Internacional (ERI), ser traduzido para as línguas dos países onde estão implantadas.

As ENS, enquanto movimento de leigos, são uma associação privada internacional de fiéis, regida e dirigida pelos seus membros e dotada de personalidade jurídica segundo os cânones 298-311 e 321-329 do Código de Direito Canónico promulgado a 25 de janeiro de 1983 e nos termos dos presentes estatutos. Este Movimento constitui na Igreja uma comunidade espiritual de carácter universal.

Artigo 2 – A SEDE SOCIAL

A sede social do Movimento está situada em Paris – 49, rue de la Glacière, 75013 Paris – França. Por decisão da Equipa Responsável Internacional, pode ser transferida para qualquer outro lugar.

Artigo 3 – OBJECTIVOS E CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS

As ENS têm por objetivo ajudar os casais cristãos a descobrir e a viver todas as dimensões do sacramento do matrimónio, mantendo-se fiéis aos ensinamentos da Igreja.

Movimento de formação e de revitalização espiritual, as ENS ajudam os seus membros a progredir no amor a Deus e no amor ao próximo ; apelam à entreatajuda fraterna para que os seus membros possam assumir pessoalmente e em casal as condições concretas da sua vida conjugal, familiar, profissional e social segundo a vontade de Deus ; animam-nos a tomar consciência da sua missão evangelizadora na Igreja e no mundo, através do testemunho do seu amor conjugal e através de outras formas de ação que decorrem da sua escolha.

Artigo 4 – OS MEMBROS

São membros das ENS os casais cristãos unidos pelo sacramento do matrimónio que aderem, com vista a pôr em prática os objetivos e os métodos do Movimento, tal como são definidos pela última edição da Carta (maio de 1972), pelos documentos fundamentais que a atualizaram, bem como pelos presentes estatutos.

Um Guia das ENS, publicado em maio de 2001 pela ERI, depois de aprovado pelo Colégio Internacional, apoia-se no conjunto dos documentos

referidos acima, que se encontram anexados, bem como nos presentes estatutos. Este Guia determina, sob a forma de regulamento interno, as condições de vida do Movimento e dos seus membros. Serve de referência em matéria de funcionamento pormenorizado do Movimento e não pode ser modificado senão pela ERI, após consulta ao Colégio Internacional.

Qualquer casal que satisfaça as condições da primeira alínea do presente artigo 4 pode fazer parte das ENS. Depois de um período de iniciação de pelo menos um ano vivido em equipa, acompanhado de um casal piloto que faz descobrir os vários aspetos da vida das Equipas, cada casal compromete-se no Movimento ou decide abandoná-lo.

Qualquer membro pode retirar-se em qualquer momento.

A exclusão de um ou vários membros, por razões de incompatibilidade ou de grave dificuldade em relação aos compromissos da associação, pode ser decidida pelos responsáveis das SR/RR a que pertencem, por proposta dos responsáveis locais, garantindo-lhes o seu direito de defesa e reservando-se o direito a eventual recurso junto da Equipa Responsável Internacional.

Artigo 5 – A VIDA DE EQUIPA E A ENTREAJUDA DOS SEUS MEMBROS

A equipa, verdadeira comunidade eclesial, constitui a célula base do Movimento.

Suscitar e animar pequenas comunidades de casais que procuram viver plenamente a vida cristã no seu casal e na sua família é, pois, a vocação específica das ENS, como Movimento de Igreja.

Depois de um período de pilotagem e de iniciação, a equipa como tal compromete-se no Movimento, que a aceita, ou então decide abandoná-lo.

Composta por cinco a sete casais, a equipa escolhe, todos os anos, um «casal responsável»; é assistida por um padre «Conselheiro espiritual», que torna manifesto o vínculo com o sacerdócio e comunhão com a Igreja.

A reunião mensal da equipa constitui o tempo forte da vida de equipa. Preparada por cada um, a reunião inclui uma refeição simples, um tempo de oração, um pôr em comum das experiências e das preocupações de cada um, uma discussão sobre um tema de reflexão relacionado com os objetivos e as características essenciais do Movimento, bem como uma partilha sobre os pontos concretos de esforço referidos a seguir.

Os membros das ENS comprometem-se a fazer um esforço a título pessoal e em casal sobre os «pontos concretos» : uma regra de vida pessoal, um tempo de verdadeiro diálogo conjugal, todos os meses, para procurarem juntos a vontade do Senhor («Dever de se Sentar»), a escuta da Palavra de Deus, a oração quotidiana, a oração conjugal e familiar diária e um retiro anual. Comprometem-se também, para aí chegar, a entreeajudarem-se em equipa e a participar nas atividades e na vida do Movimento.

Artigo 6 – INSTÂNCIAS DE RESPONSABILIDADE E DE ANIMAÇÃO

1) Várias instâncias de responsabilidade e de animação estão ao serviço da comunhão fraterna com vista à realização dos objetivos do Movimento:

- o casal de ligação, encarregado de garantir a ligação entre várias equipas;
- o casal de sector, encarregado de animar um grupo de equipas (de 5 a 20) com a assistência de uma equipa chamada de sector composta por alguns casais e um padre conselheiro espiritual de sector;
- o casal regional, encarregado de animar vários setores;
- o casal provincial, encarregado de fazer a ligação de várias Regiões, quando a Supra-Região tem um território demasiado vasto;
- o casal suprarregional, encarregado de animar várias províncias ou regiões.

Os casais responsáveis de sectores, de regiões, de províncias e de supra regiões constituirão, para o exercício da sua responsabilidade, uma equipa de serviço, composta de alguns casais e de um padre conselheiro

espiritual, que os assiste colegialmente em espírito de comunhão e de confiança. Cada casal responsável responde pelo seu serviço perante as instâncias superiores do Movimento.

Todas as responsabilidades e serviços desempenhados pelos casais das ENS para o secretariado, traduções, etc. são exercidas a título voluntário, sem remuneração.

2) A Equipa Responsável Internacional (ERI) assume colegialmente a responsabilidade geral do Movimento: exerce-a em estreita união com os casais suprarregionais.

A ERI é composta por 6 a 8 casais assistidos por um padre «conselheiro espiritual».

Os casais são escolhidos pela própria ERI, depois de proceder a várias consultas, nomeadamente junto das Supra Regiões. A escolha dos membros da ERI inspira-se, tanto quanto possível, no carácter internacional do Movimento. O serviço dos membros da ERI tem a duração máxima de seis anos.

A ERI escolhe um casal responsável entre os seus membros ou entre os casais que pertenceram à ERI anterior. Só em caso excepcional, o casal responsável da ERI poderá ser escolhido entre os membros do Colégio. Neste caso, o casal escolhido deverá participar nas reuniões da ERI, pelo menos um ano antes do início da sua responsabilidade.

O casal responsável da ERI é encarregado da sua animação e da sua coordenação. Este casal assume a gestão corrente do Movimento e apresenta regularmente um relatório sobre o exercício da sua missão aos membros da ERI. O seu mandato é, no máximo, de seis anos. É ele o representante oficial do Movimento.

Antes de proceder à nomeação do casal responsável, a ERI assegura-se de que o Conselho Pontifício para os Leigos não tem objeções graves a opor a essa escolha.

A ERI dispõe de um Secretariado Internacional, de que é encarregado o casal Secretário Geral, que tem a seu cargo, em particular, os aspetos administrativo e de funcionamento da ERI.

As Zonas de ligação são constituídas por supra regiões, regiões ou sectores ligados diretamente à ERI, bem como por países onde ainda não existem equipas. Estas zonas estão confiadas à responsabilidade dos membros da ERI.

A ERI pode também rodear-se de equipas especializadas chamadas «Equipas Satélites», que a ajudarão a desempenhar a sua missão. A ERI velará pelo carácter internacional destas equipas, cujos membros terão um serviço de duração limitada definida pela ERI. São confiadas à responsabilidade de um membro da ERI.

A ERI pode apoiar-se na reflexão de especialistas, padres ou leigos.

Em caso de se abrir uma vaga no lugar de Casal Responsável da ERI, a missão correspondente será exercida, após eleição dentro da ERI, de forma provisória e pelo período máximo de um ano, pelo casal membro que tiver obtido mais votos, até se chamar um casal que o substituirá definitivamente, segundo as regras dos presentes Estatutos.

3) Todas as responsabilidades exercidas em cada um dos níveis são confiadas a casais membros das ENS, por um período determinado, em geral de 3 a 5 anos. Os casais referidos na alínea 1 do presente artigo são escolhidos segundo as modalidades fixadas pelos documentos oficiais do Movimento em espírito de comunhão e de serviço. A sua nomeação é feita pelo casal responsável pela animação geral de que dependem, após um discernimento com o responsável cessante e a opinião de todas as pessoas competentes.

O chamamento dos casais responsáveis das SR e RR é feito necessariamente em concertação com a ERI.

Os secretariados criados consoante as necessidades nos vários países, de acordo com a ERI, são colocados sobre a supervisão dos responsáveis locais, em colaboração com o Secretariado Internacional.

No caso de ficar vago um lugar de responsável, a missão correspondente é exercida por um casal responsável da instância de animação de que depende. Este pode, depois de ouvida a sua equipa, delegá-la a um casal membro da equipa onde se deu a vaga.

Cada casal responsável, a partir do nível de responsável de sector, representa o Movimento na sua área geográfica. Esta representação diz respeito unicamente aos domínios contemplados no artigo 3. O casal responsável presta regularmente contas ao seu mandante das suas iniciativas e decisões, bem como da sua gestão.

Os documentos que são elaborados por todas as instâncias do Movimento relativamente à sua pedagogia, às suas regras de funcionamento ou que são postos à disposição dos casais com vista ao estudo ou à difusão deverão ser enviados à ERI para aprovação.

Os casais responsáveis em exercício a todos os níveis nas ENS poderão ser destituídos das suas funções:

- no caso de exclusão do Movimento, segundo o previsto no artigo 4 dos presentes estatutos;
- no caso de falta de respeito sistemática pelas obrigações que lhe incumbem como responsável;
- no caso de práticas que representem uma rutura com a Igreja;
- no caso de violação destes Estatutos que ponha em causa a unidade e a comunhão das ENS.

A decisão da substituição deve ser tomada pelos casais responsáveis das SR/RR a que pertencem, garantindo o seu direito de defesa e reservando-se o direito a eventual recurso junto da Equipa Responsável Internacional.

Artigo 7 – OS PADRES CONSELHEIROS ESPIRITUAIS

Os padres levam às equipas a insubstituível graça do seu sacerdócio; não assumem qualquer responsabilidade de governação; essa é a razão pela qual são denominados «conselheiros espirituais».

O **padre conselheiro espiritual de equipa** é escolhido pelos membros da equipa entre os padres que legitimamente exercem o ministério sacerdotal e de acordo com o Cânone 324 § 2.

O padre conselheiro espiritual de sector ou de outra equipa de serviço é escolhido entre os conselheiros espirituais de equipa pelo casal responsável da equipa de serviço, de acordo com o casal responsável da animação geral de que depende: compete a este padre tomar as ações necessárias junto dos seus superiores hierárquicos para aceitarem esse cargo; a duração habitual da sua função é de três a cinco anos.

O padre conselheiro espiritual da ERI é proposto pelo casal responsável que vai assumir o serviço aos membros da ERI; a sua nomeação é confirmada pela Santa Sé. O seu mandato tem a duração máxima de seis anos, e deve cessar ao mesmo tempo que o do casal responsável.

Outros padres podem ser associados à reflexão e à animação espiritual do Movimento, nos diferentes níveis de responsabilidade, em função das circunstâncias e das necessidades. São escolhidos pelo respetivo nível, de acordo com a instância superior do Movimento.

Artigo 8 – A ADMINISTRAÇÃO DOS BENS

O Movimento tem como recursos o conjunto das contribuições anuais entregues pelos seus membros, doações, subvenções e eventuais legados. Estes recursos servem para cobrir as despesas de funcionamento, de animação e de expansão do Movimento.

Pode adquirir, por compra, doação ou legado, bens imobiliários, mas só pode manter a propriedade para a estrita realização dos seus objetivos.

Quem quer que seja que utilize os meios financeiros do Movimento é responsável por prestar contas a quem de direito dos montantes recebidos e despendidos.

A ERI fixa anualmente a política financeira do Movimento, em particular a contribuição internacional das Supra Regiões e/ou das Regiões, e vela pela sua boa execução.

Poderão constituir-se associações civis, nacionais ou regionais, que gozem de personalidade jurídica nos países onde as ENS estão implantadas. A decisão de as criar e os seus estatutos devem ser submetidos à aprovação prévia da ERI. Estas associações poderão possuir e gerir bens que

pertençam às ENS, e anualmente prestarão contas aos responsáveis locais do Movimento.

Numa preocupação de transparência e de confiança, os registos contabilísticos das Associações civis, constituídas pelas Regiões ou Supra Regiões em que elas participam, são anualmente transmitidos à instância de animação de que dependem. O mesmo se passa com a ERI, que transmite ao Colégio os documentos referentes a todas as associações de que é membro.

Em caso de liquidação de uma dessas associações, a devolução dos bens será efetuada de acordo com as regras em vigor em cada país. A Associação internacional velará, contudo, pela utilização desses bens em proveito dos membros do Movimento ou de instituições relacionadas com o casal e o matrimónio dos países administrados pelas referidas associações.

Em caso de liquidação da Associação Internacional das ENS, a devolução dos bens será efetuada pela ERI, dando prioridade a associações com objetivos similares e de acordo como o Cãnone 326.

Artigo 9 – REVISÃO DOS ESTATUTOS

Qualquer proposta de revisão dos presentes estatutos é feita, seja pela ERI seja a pedido dos casais responsáveis das Supra Regiões, por uma maioria de dois terços.

As alterações são fixadas pela ERI, após consulta das Supra Regiões, segundo o mesmo procedimento que foi seguido para a elaboração dos presentes estatutos, e submetidas à aprovação da Santa Sé.

Artigo 10 – DISPOSIÇÕES FINAIS

A ERI e os Suprarregionais velarão para que os regulamentos de ordem interna e os documentos oficiais do Movimento estejam em conformidade com os presentes estatutos.

Feito em Paris, 14 março 2014



Équipes Notre-Dame

Secrétariat international

49,rue de la Glacière

7ème étage-75013

Paris-France

Tel.(33) (1)43 31 96 21

Fax.(33) (1) 45 35 37 12

end-international@wanadoo.fr

www.equipes-notre-dame.com